



Eduardo Ferraz Felipe

**Formação e Dissolução:
a inacabada História de Capistrano de Abreu**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Ricardo Augusto Benzaquen de Araújo.

Rio de Janeiro
Setembro de 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Eduardo Ferraz Felipe

**Formação e Dissolução:
a inacabada História de Capistrano de Abreu**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profº. Ricardo Augusto Benzaquen de Araujo

Orientador

Departamento de História

PUC-Rio

Profº Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Departamento de História

PUC-Rio

Profº Daniel Mesquita Ferreira

Departamento de Comunicação Social

PUC-Rio

Profº João Pontes Nogueira

Vice-Decano de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais

PUC-Rio

Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2007.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Eduardo Ferraz Felipe

Graduou-se em História pela UERJ em 2004. Tem artigos publicados na área de Teoria da História e historiografia brasileira. Participa do projeto de ensino à distância da PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Felippe, Eduardo Ferraz

Formação e dissolução: a inacabada história de Capistrano de Abreu / Eduardo Ferraz Felipe ; orientador: Ricardo Benzaquen de Araújo. – 2007.

117 f ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em História)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História social da cultura. 3. Abreu, Capistrano de, 1853-1927. 4. Automodelagem. 5. Nação. 6. Formação. 7. Inacabamento. I. Araújo, Ricardo Benzaquen de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Agradecimentos

Ao professor Ricardo Benzaquen, pelas sugestões, conselhos e indicações de leitura. Além disso, pela compreensão, crítica e apoio em etapas fundamentais.

Ao professor Antonio Edmilson, que me acompanha desde a graduação e que teve influência significativa nesta dissertação; pela generosidade de permanecer contribuindo e me possibilitando crescer.

Ao professor Daniel Mesquita Pereira, que começo a conhecer agora, mas que já fico devedor pelas sugestões no projeto, pela leitura criteriosa do texto e pela simpatia e compreensão nas ausências e equívocos.

Ao professor Marcus Alexandre Motta, pelo cuidado, atenção e sugestões acerca da escrita e leitura dos textos. Além disso, pela presença generosa e crédito em algo fundamental: a intuição.

À professora Rebeca Gontijo, leitora da dissertação e pelas conversas extremamente frutíferas. Além da imensa simpatia.

À leitora atenta Márcia Gonçalves, pelo diálogo. Estas linhas contêm muito de suas sugestões e sutilezas precisas.

Ao professor Francisco Martinho por toda ajuda no CAP e imensa simpatia.

Ao professor Manoel Luiz pelas excelentes aulas e por toda a gentileza nos debates, tanto na graduação quanto nas aulas do mestrado.

À presença fraterna do amigo Marcelo Rangel.

À querida amiga Luciana Fernandes Madeira.

Aos amigos da pós-graduação: Daniel, Murilo, Felipe Charbel, Gêssica, Amanda, Gustavo, Leonardo, Darnlei, Thiago, Alessandro, e a todos com quem tive contato.

À paciência de Edna e Cláudio.

A CAPES e a PUC-Rio, pelos auxílios financeiros concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

À família, por tudo.

*À minha mãe, pelo ensinamento e duplicidade rara:
Força e alegria.*

Resumo

FELIPPE, Eduardo Ferraz; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de **Formação e Dissolução: A inacabada História de Capistrano de Abreu** Rio de Janeiro, 2007, 117 pp. Dissertação de mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo desta dissertação é realizar uma análise das representações sobre a Nação e sobre si elaboradas por Capistrano de Abreu em sua produção intelectual entre 1907 e 1927, data de sua morte. Dada a articulação que empreende, por contraste na narrativa histórica entre presente e passado, no livro *Capítulos de História Colonial*, tenciono analisar, em um primeiro instante, o impasse entre a herança colonial e uma específica ética da conduta - montada no elogio da constância - em um texto elaborado com uma coerência explicativa própria, manifestada na superação do transoceanismo e no povoamento do território. Em um segundo instante, a abordagem se desloca para a análise de sua epistolografia. Assim, as representações antes suscitadas dialogam em um outro terreno; busca-se, agora, compreender como o autor exercita sua “auto-modelagem” enquanto a afirmação, em sua própria escrita de si, dos valores exaltados naquele elogio da postura diferenciada frente à sensação do provisório e do inacabamento da Nação. A ausência de resposta acerca da formação ou dissolução.

Palavras-chave: Capistrano de Abreu; automodelagem; Nação; formação; inacabamento.

Abstract

FELIPPE, Eduardo Ferraz; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de **Formation and Dissolution: the unaccomplished history of Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro, 2007, 117 pp. MSc. Dissertation – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The aim of this dissertation is examine the representation about the Nation and the self created by Capistrano de Abreu. By the articulation that employ between present and past, by the contrast in the historic narrative in the book *Chapters of Colonial History*, the intent is examine the impasse between the colonial inheritance and the specific ethics of the behavior – mounted in the compliment of the constancy – in a text elaborated with a proper explicative coherence, revealed in the overcoming of the *transoceanismo* and the populates of the territory. In as an instant, the boarding if dislocates for the analysis of his correspondence. Thus, the representations before excited dialogue in another terrain, one searches to understand as the author exercises his “self-fashioning” while the affirmation, in his proper writing of itself, of the values in that compliment of the differentiated position front the sensation of the provisory one and the unaccomplished of the nation. The question about formation and dissolution.

Keywords: Capistrano de Abreu; self-fashioning; Nation; formation; unaccomplishment.

Sumário

1. Introdução	10
2. Passado Presente: Formação	16
2.1 Influência e obstáculo: Natureza	18
2.2 Capítulos de uma frágil história	28
2.3 Ação e desconcerto	33
2.4 Natureza e história	39
2.5 A ausência presente	46
3. Presente passado: Dissolução	59
3.1 Formação e dissolução	61
3.2 Acerca do provisório: Transição	71
3.3 Edificação e ruína	73
3.4 Artesão de si, artesão da história	80
3.5 Autenticidade e formação	91
4. O último talho do artesão (considerações finais)	105
5. Bibliografia	108

Introdução:

“O Brasil está em formação ou em dissolução?”
Capistrano de Abreu¹.

A etimologia da palavra epígrafe ensina que um dos seus sentidos fortes é o de inscrição. Se o mesmo não anula outro, qual seja, o de registro que situa a motivação ou tema de uma obra, sua enunciação permite apresentar as questões centrais que instigaram as indagações e análises deste trabalho. Nesses termos, será a partir de uma pergunta, presente em algumas missivas da correspondência de Capistrano de Abreu, que gostaria de iniciar esta dissertação. Uma pequena pergunta que, talvez, possa servir de caminho a ser percorrido para lidar com as questões que mobilizam este texto, visto que esta pergunta, ao aparecer nas cartas, jamais encontrou uma resposta que a pacificasse. Uma pergunta que guarda, em si, de maneira explícita, um paradoxo que expande seu efeito sobre o leitor, e aglutina, tanto uma imagem acerca do momento vivido por Capistrano, quanto uma íntima relação entre seus projetos pessoais e pesquisas. Uma pergunta que, em última instância, permite aproximá-lo de uma série de outros intelectuais do período pela ausência de uma resposta propositiva, e sim, diagnóstica. Enfim, será a partir dela, e lidando com a sensação que ela transmite, que este estudo irá se desenvolver.

O objetivo desta dissertação é realizar uma análise das representações sobre a Nação e sobre si elaboradas por Capistrano de Abreu. Dada a articulação que empreende, por contraste na narrativa histórica, entre presente e passado, no livro *Capítulos de História Colonial*, tenciono analisar, em um primeiro instante, o impasse entre a herança colonial e uma específica ética da conduta - montada no elogio da constância - em um texto elaborado com uma coerência explicativa própria, manifestada na superação do transoceanismo e no povoamento do território. Em um segundo instante, a abordagem se desloca para a análise de sua correspondência. Assim, as representações antes suscitadas dialogam em um outro terreno; busca-se, agora, compreender como o autor exercita sua “automodelagem”, enquanto afirmação, em sua própria escrita de si, dos valores

¹ Carta de Capistrano de Abreu para Mario de Alencar 19/09/1909 In: ABREU, Capistrano de *Correspondência v. 1* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 182.

exaltados naquele elogio da postura diferenciada, presente nos *Capítulos*, frente à sensação do provisório e do inacabamento da Nação.

Nesses termos, *Capítulos* tornou-se o ponto de partida para refletir acerca de uma série de questões correlatas, que tanto instigaram os homens de ciências e letras, testemunhas e agentes das continuidades e rupturas do que veio a ser a passagem do século XIX para o XX, na sociedade brasileira. A sua maneira, tal texto, tomado por alguns como o único terminado por Capistrano de Abreu, durante seu tempo de vida, pode ser entendido como um diagnóstico sobre o país, em que o uso particular e original das categorias formação/dissolução podem ser discutidas. Menos do que ver em *Capítulos* algo devidamente encerrado pelo autor inquieto que foi Capistrano, o mesmo assumiu, neste estudo, uma especialidade e uma função, a partir das quais se buscou identificar e analisar o valor da escrita da história, no seu potencial de crítica, para os impasses, então em curso, dos tempos de uma República em construção.

Tendo em vista essa indagação, decidi assinalar, como corte cronológico em destaque, o período situado entre a primeira edição de *Capítulos*, datada de 1907, e o ano de falecimento do autor cearense, 1927; período de sua trajetória de vida em que é normalmente qualificado como cético e pessimista. Não desejando imputar ao livro mencionado um lugar de marco, no estilo de referencial que delimita um antes radicalmente diferente de um depois, entendo-o, aqui, como um catalisador, a partir do qual as idéias de Capistrano de Abreu sobre o Brasil e suas histórias possam ser pensados. Como ponto de partida, *Capítulos* será também ponto de chegada, ou melhor, da abordagem aqui escolhida para investigar tensões entre autor e obra, valores e visões de mundo de um sujeito. Nesse ponto, justifica-se a utilização, neste trabalho, de outros textos de Capistrano, alguns de seus artigos e, em especial, fragmentos de seu extenso epistolário.

Se *Capítulos de História Colonial* pode ser interpretado como um diagnóstico sobre o Brasil, como aqui está suposto, tal perspectiva direcionou este estudo para uma análise pautada no uso e na significação de alguns conceitos. Formar/dissolver, verbos imbricados que norteiam a interpretação proposta e caracterizam uma imagem de nação, sua fisionomia, suas contradições. Nessa qualidade, figuram, na narrativa histórica dos *Capítulos* de Capistrano, a natureza, o território, a raça, os grupos etnográficos, a ética de conduta, a psicologia dos povos, o passado, o presente. Ao eleger problematizar tais conceitos, sem a

pretensão de esgotá-los, busca-se, entre outros aspectos, destacar o que, como impasse, tonalizou a herança colonial e sua superação, fosse o transoceanismo, fosse a dispersão do povoamento, a interferir, em larga medida, em comportamentos que muito fragilizaram a unidade identitária da comunidade imaginada como nação. Distanciando-se de alguns de seus contemporâneos, aproximando-se de outros, numa rede de sociabilidade em muito guardada na intensa correspondência deste autor, Capistrano de Abreu quis apresentar o Brasil “tal e qual” ele havia sido e, em alguns aspectos, ainda era, no alvorecer do século XX.

O primeiro momento desta dissertação corresponde à parte em que tais análises vieram a ser prioritariamente desenvolvidas. Optei por organizá-lo em tópicos de tal forma que essa eleição temática e conceitual, eixo desta empreitada interpretativa, pudesse vir a ser explicitada. Pretendo, então, no primeiro Capítulo, fazer uma leitura detida dos *Capítulos de História Colonial* procurando entender como se constitui a noção de inacabamento da Nação que o texto mobiliza. Em um primeiro instante, reflito acerca da polêmica entre Capistrano de Abreu e Sílvio Romero, mesmo presente em um artigo de juventude, para compreender como Abreu tornou a Natureza um elemento primordial para a formação histórica da nação. Logo em seguida, investe-se em uma leitura intensiva dos *Capítulos* analisando como a paisagem inicial, composta de variadas regiões, vai sofrendo a alteração da ação humana - ocupando o território - e, simultaneamente, gerando a “transfiguração”, a “diferenciação paulatina do reinol”. Enfim, o papel do jesuíta será analisado como a experiência que conjuga constância e linearidade dos atos a serviço da Nação; uma espécie de personagem, por excelência, que aglutina as qualidades de certo tipo de conduta ética que Capistrano não visualizava nem no passado, nem no presente.

Frente à relevância da correspondência de Capistrano de Abreu, não pude me furtar a sua utilização naquilo que essa socorreu na construção do argumento. Por mais que ela tenha sido utilizada no corpo de toda a dissertação, a análise mais intensiva da mesma, como registro da visão de mundo do autor/ator, veio a ser reservada para a segunda parte do texto. Nesse caso, como esclarecimento deste intróito, cabe pontuar que este ensaio tem como particularidade o fato de lidar com dois objetos diferenciados em cada uma das partes: um texto teórico em seu primeiro momento e a epistolografia, em um segundo instante. Tenciono, a

partir de dois caminhos diferenciados, encontrar questões e perspectivas particulares a cada um e, logo em seguida, encontrar um ponto de conexão entre ambos a partir de um argumento particular; novamente a noção de constância parece atender a esta demanda, pois alimenta tanto a visualização deste mundo inacabado e em ruínas, quanto propicia o contraste com as categorias formação e dissolução. Inacabamento este, ainda enquanto esclarecimento, que gerava imagens em choque, fruto de um fundo romântico em seus escritos, e que perpassava toda a sua obra teórica e epistolografia. Inacabamento de si, inacabamento da nação, inacabamento de projetos pessoais. Em outras palavras: a construção de um argumento particular a esta dissertação, fruto da demanda por lidar com dois materiais heterogêneos, que propiciasse jogar com os termos formação e dissolução, assim como com a noção de processo inacabado.

Nesta instância, no segundo capítulo, interessa pensar de maneira mais detida o indivíduo. No imenso teatro que é a vida em sociedade, as máscaras, as figuras dramáticas, as imagens simuladas e as palavras empregadas constituem um primoroso jogo de comunicação, no qual o que se controla é a própria espontaneidade da conduta. Na vida social, a encenação tem valor de face e o indivíduo, concebido como ator, ao projetar sua figura e suas características pessoais, define-se aos olhos de seus semelhantes.²

Nesse palco, no tempo em que Capistrano viveu, Rui Barbosa era imbatível, sendo aclamado como o maior entre todos, a maior inteligência do planeta. Dominava a “arte do bem dizer” e de encantar o público com palavras tão sonoras e períodos tão bem decorados que parecia mesmo querer arrebatá-lo o espírito dos auditores encantados. No período em que Barbosa era o principal ator de uma cidade-palco, Capistrano não fazia apresentações, evitava estar diante do grande público. Não possuía a técnica da oratória, não possuía vasta memória, não possuía o cuidado necessário para a exibição em público. Antes disso, Capistrano se construía por diferença, delineando, em suas cartas, justamente, a ausência de memória e o gosto e pesar pela solidão. Um exercício que visava contrastar com estes intelectuais, dos quais além de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco também seria presença constante. Este último, na leitura de Capistrano, seria, assim como Rui Barbosa, um ator de diferenciadas máscaras; aquele que

² Muito deste desenvolvimento segue as reflexões de GOFFMAN, Erwin *A representação do Eu na vida cotidiana* 8^o ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

encarnava o enquadramento perfeito nas regras de etiqueta, estilizado de maneira perfeita e acabada, possuindo extremo cuidado com as aparências. Capistrano, ao contrário, era o ator de uma máscara só. Aquele que explicitava a impossibilidade de mudança, que não sucumbia ao condicionamento externo – seja de editores ou de livrarias – e que, apenas, preocupava-se com sua obra.

Lidando com estes aspectos, através de sua correspondência, busca-se compreender o exercício contínuo de um olhar para si como estratégia de enfrentamento de questões que disseram respeito a seus projetos historiográficos, a sua forma de interpretar a nação e de prefigurar o valor do próprio trabalho intelectual. A intenção, neste segundo instante do texto, é compreender como ocorreu sua “automodelagem”³ e como esse processo dialogou com algumas das idéias antes analisadas em seus *Capítulos*, e, por fim, identificar a correlação entre essas idéias e aquilo que particularizava uma espécie de comportamento ético do intelectual, almejado por Capistrano de Abreu, na ambiência por ele vivenciada.

Em outras palavras, busca-se, neste caminho, entender os apontamentos esparsos sobre si, sobre a Nação e sobre a história, como um endereçamento para o mundo; a construção de um discurso capaz de uma intervenção na sociedade, através de uma auto-representação edificada pelo indivíduo. Tal afirmação visa ponderar que Capistrano construiu para si um auto-retrato que foi corroborado pelos seus interlocutores: a imagem do intelectual que vela pelo estudo, isolamento e constância nas idéias, qualidades elogiadas pelo próprio autor de *Capítulos de História Colonial* em José de Alencar, uma referência de Capistrano para falar de si mesmo. Cabe lembrar que foi José de Alencar que apresentou Capistrano de Abreu para imprensa, quando este chegou pela primeira vez ao Rio de Janeiro, e de que Capistrano escreveu o seu necrológio que, segundo alguns biógrafos, havia sido superior ao de Machado de Assis⁴. Abreu descreveria, no necrológio antes referido, um conjunto de atributos que singularizariam Alencar,

³ O que está em jogo na utilização desse conceito é exatamente o destaque do artifício de elaborar a própria identidade, o processo de *self-fashioning*, considerado como a modelagem de si, a construção da singularidade individual a partir de um conjunto de experiências culturais diversificadas. In: GREENBLATT, Stephen *Renaissance self-fashioning. From More to Shakespeare*, Chicago & London, 1980.

⁴ O relato do encontro de Capistrano com José de Alencar, ainda no Ceará, e da leitura de Machado de Assis do necrológio escrito por Capistrano está presente em CÂMARA, José Aurélio Saraiva *Capistrano de Abreu. Biobibliografia* Rio de Janeiro: José Olimpio Editora, 1967.

demarcando o seu lugar entre aqueles autores preocupados com a Nação, e que seriam, também, recomendados aos outros correspondentes.

Seguindo estas ponderações, foi alinhavado o segundo capítulo. Ainda aqui, aquela pergunta acerca da formação ou dissolução permanece enquanto tema, mas agora dialoga em outro terreno: mapeia-se o conjunto de impressões de Capistrano em seu presente em diálogo com a constituição de seu auto-retrato. Em um primeiro instante, problematiza-se o próprio conceito de formação, aproximando e diferenciando de outros intelectuais, como Oliveira Lima e João Ribeiro, por exemplo, e quais referenciais possibilitavam ao autor compreender um período como de “transição”; a sensação do provisório pautada na tensão política e na assincronia entre Estado e Nação. Por último, empreende-se uma leitura mais detida de suas cartas, pensando como se construiu um olhar para si que reiterou valores exaltados por certa tradição intelectual, e como a disritmia do espaço público aguçou a expressão de sua individualidade. Em sua correspondência, Capistrano encenou uma determinada postura de relacionamento com o conhecimento, alicerçada na idéia de *Bildung*, a qual, por sua vez, e como procuraremos discutir, pareceu estar diretamente associada a seu modo de conceber a nação e ao valor da história como crítica que a fundava e, paradoxalmente, demonstrava sua dissolução.

Ao lidar com determinados impasses, na sua escrita da história, nas suas experiências de vida, Capistrano de Abreu fez da dúvida sobre a formação e/ou dissolução da Nação, sua inscrição no seu tempo, a inquietude que tanto o mobilizou em projetos, por vezes, inacabados. Neste texto, faço da pergunta de Capistrano o meu instante inicial para mobilizá-lo enquanto questão, e, além disso, faço dela um acompanhamento ao longo de todas estas linhas. Que o leitor, ao percorrer as próximas páginas, possa partilhar um pouco dessas indagações.

1. Passado presente: Formação.

Em 1907, após mais de um ano de escrita e releitura de artigos publicados anteriormente, Capistrano de Abreu colocou um ponto final no texto que faria parte da introdução da coletânea de artigos organizada pelo Centro Industrial do Brasil, denominado de *O Brasil. Suas riquezas naturais. Suas indústrias*. A pedido do então Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, Lauro Muller, “Breves Traços da História do Brasil”, como está escrito no começo, ou então, “Noções de História do Brasil até 1800”, como se intitula este trabalho no índice, foi a breve história do Brasil que precedeu aquele estudo de caráter econômico. Acerca dela, se em janeiro de 1906, Capistrano trabalhava a todo vapor “num esboço histórico e geográfico do Brasil”, diria em 7 de janeiro do ano seguinte, após a conclusão do esboço, “acabo de pingar o último ponto de meu referido esboço. Deu trezentas páginas o período anterior a D. João VI.”¹. Apesar de toda dedicação ao pedido solicitado, a conclusão do trabalho somente ocorreria após um grande atraso e reincidentes solicitações de Vieira Souto. Como nunca se sentia satisfeito após a entrega do que produziu, diria Capistrano, na continuação do trecho da carta citada, “Quando ainda no Ceará concebia-a, a obra tinha outras dimensões. Cada ano levou consigo um lance ou um andar. A continuar mais tempo, ficaria reduzida a uma cabana de pescador. Mesmo agora, acho-lhe uma ares de tapera”²

Será este livro, que gerou tanta tensão no momento da escrita, o ponto de partida desta dissertação. Circunscrito ao período colonial, o texto possui, nesta trajetória, elementos fundamentais para a compreensão da sua noção de formação histórica, e, ao mesmo tempo, um conjunto de intervenções na narrativa que apresentam, através do contraste entre presente e passado, apontamentos acerca de uma específica ética da conduta a ser seguida pelos homens. Além disso, o motivo fundamental que o leva a ser analisado inicialmente é o fato de compreendermos *Capítulos de História Colonial* como um “acontecimento

¹ Carta de Capistrano de Abreu a Guilherme Studart 07/01/1907 In: ABREU, João Capistrano de *Correspondência de Capistrano de Abreu* (org.): José Honório Rodrigues 2ªed. 1 vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1977 p. 178.

² Ibidem.

biográfico”³ na vida de Capistrano, ou seja, o livro foi feito pelo autor e, simultaneamente, o fez; um marco dentro de sua trajetória de vida, um texto que aglutina uma série de ponderações tecidas em artigos anteriormente escritos.

Inicialmente, cabe ponderar que nos *Capítulos* cada ação particular vincula-se a um determinado fim particular a ser cumprido por cada agente, sendo que, neste caso, elas devem ser guiadas por um horizonte comum, tendo a nação como fim último. Como dirá Denise Bottman: “O âmbito dos resultados é o que adquire estabilidade, e passa a conter as novas ações de outros agentes, mesmo que sejam ‘inconscientes’ de sua inserção naquele âmbito”⁴. Sendo que, neste texto, a história não é livre ou autônoma diante da natureza⁵, mas as relações humanas complexas e mediatas são relações propriamente históricas, onde os sujeitos, a partir da razão e volição, têm certa margem de liberdade para construir uma realidade que seja histórica.

Entretanto, tratando-se de um autor que publicou tantos textos, devemos nos remeter a um artigo, publicado anteriormente ao livro citado, e examinar o significado da noção de natureza e, ao mesmo tempo, como ela passa a ser componente da narrativa histórica do autor. Sua influência, passiva e ativa, está presente ao longo de toda a trajetória colonial e fará com que Capistrano desloque a noção de raça de elemento primordial para a compreensão do nacional, tornando a natureza elemento distintivo do Brasil e, simultaneamente, passível de ser analisada pelo tratamento científico.

³ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. 5ª ed.

Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

⁴ BOTTMAN, Denise *Padrões explicativo na historiografia brasileira* São Paulo: Unicamp Dissertação de mestrado 1985 p. 50

⁵ A consideração aprofundada acerca desta questão está em BOTTMAN, Denise *A propósito de Capistrano* Primeira Versão IFCH 1990 Unicamp p. 19.

1.1 Influência e obstáculo: Natureza

Em um artigo de juventude, denominado “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro”, publicado originalmente sob a forma de artigo de jornal, Capistrano debateu com Sílvio Romero acerca do caráter nacional brasileiro. Enquanto este último sustentava que o elemento que diferenciava o brasileiro do português deveria ser atribuído ao negro, o autor cearense diria que o fator étnico, unicamente, forneceria uma explicação empírica e ilusória sobre o estado social.⁶ Para Capistrano, seria imprescindível compreender a ação da Natureza. Ação que primeiramente seria passiva, fazendo com que o transplantado colonizador se submetesse ao meio, e depois ativa, com a necessidade de posterior integração.

Sem dúvida a Natureza, com as suas forças e seus aspectos e a raça, que admitimo-la como produto daquela, quer a consideremos como fator originário e irreduzível, são dois fatores que pesam fortemente na feitura de um caráter nacional e por conseguinte na estrutura da sociedade. Entretanto, não são os únicos. Se eles agem sobre a sociedade, a sociedade reage sobre eles; o meio social de efeito passa a ser causa, de resultante passa a ser componente. No Brasil é justamente o caso e a influência esquecida é a mais poderosa e ativa.⁷

A Natureza seria sujeito. Independente da forma como atue, ativa ou passiva, estaria sempre presente na compreensão do nacional. Apesar de visualizar a importância do negro, Capistrano utilizou uma observação do presente para questionar as observações de Romero: afirmou que se a mistura com o negro fosse a causa do atraso brasileiro, o instante que viviam representaria o momento de maior degenerescência. “Se o atraso brasileiro provém da massa de africanos que concorreu para o aviltamento, então, agora que o cruzamento se deu em maior escala, o atraso devia ser e devia tender a ser maior. É pelo menos contestável.”⁸

Seria a ação da Natureza, recuperada através da investigação de fontes de cronistas da época, que dotaria a Colônia da determinação característica, fruto da fraqueza que se apresentava devido à fragilidade daqueles que aqui residiam. “Por que a Natureza não deixava desenvolverem-se as funções, porque a ataraxia das funções trouxe a atrofia do organismo – é fácil demonstrar. O que é difícil é

⁶ A querela entre os dois autores ainda se estenderia em dois outros artigos intitulados “História Pátria” e “Sobre a Colônia do Sacramento”. Em ambos a discussão se pautará pelos mesmos termos, diferenciando-se pouco, mas sem modificação das questões centrais. In: ABREU, João Capistrano de. *Ensaio e Estudos, 3ª Série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

⁷ ABREU, João Capistrano de. “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro” In: *Ensaio e Estudos, 4ª série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 5.

⁸ Idem. p. 11.

explicar estes fatos com o cruzamento com o preto.”⁹ Quanto à questão – neste aspecto, para Capistrano, menor – da formação étnica, o autor concordava com Romero e com Martius sobre o caráter eminentemente mestiço da população. Discordava, neste ponto, de Pereira Barreto, quando o positivista paulista afirmava que por “fatalidade biológica e determinismo sociológico”, temos sido, somos e seremos portugueses.¹⁰

Importante observar que, nas décadas iniciais do século XX, havia um intenso debate acerca das teorias raciais, que caracterizava grande parte da produção intelectual e que orientou o tratamento dispensado à questão da raça, levando a discussão do “problema racial” a ser vista sob um olhar muito particular, que acentuava a mistura de etnias. Tomando o caráter basicamente híbrido de nossa sociedade como um dado natural, como um elemento do contexto, grande parte da intelectualidade no período dividia-se, a respeito do tema, em duas posições distintas. A primeira delas sustentava praticamente a inviabilidade do país; essencialmente se imaginava que a miscigenação, ao propiciar o cruzamento, a relação entre “espécies” de qualidade diversa, levava, inexoravelmente, à esterilidade cultural, comprometendo a civilização no país.

Esta suposta condenação à barbárie era criticada por uma segunda posição, que entendia a miscigenação como responsável pela nossa redenção. A possibilidade de percorrer esta trilha somente ocorreu porque a mestiçagem passou a ser considerada como promotora de um processo de branqueamento, através do qual seria atingido um gradual predomínio dos caracteres brancos sobre os negros.¹¹ Ambas as tendências, contudo, aliam de maneira negativa a herança recebida da mistura das três raças. Em ambos os casos, a supremacia branca dá sentido ao argumento: seja na primeira, que julga os constrangimentos totalmente insuperáveis, seja na segunda, que aposta na sua futura superação através de um desejo de ser similar ao Outro, o europeu, o branco, o exemplar.

⁹ Idem, p.12.

¹⁰ Idem. Trata-se da crítica ao livro *Soluções positivas da política brasileira*, publicado pelo positivista paulista em 1879.

¹¹ Conforme afirma Lília Moritz Schwarcz, em fins do século XIX, estabelecia-se um paradoxo entre liberalismo e teorias raciais em que o primeiro fundava-se no indivíduo e em sua responsabilidade social e o segundo retratava a atenção colocada no sujeito enquanto resultado de uma estrutura biológica singular. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 11-47.

O embate entre Sívlio Romero e Capistrano se aguçou ao atribuir o primeiro a ausência de uma etnologia brasileira, voltada para o estudo do negro e do mestiço, à idealização romântica do indígena e à questão da escravidão. Nos *Estudos sobre a poesia popular no Brasil (1888)*, denunciou esse descaso intelectual e abordou a influência das raças, inclusive do africano e do afro-brasileiro, na poesia popular. O livro se encerra como um apelo sentimental à abolição da escravidão:

...libertemos os negros; porque os devemos considerar os desafortunados que nos ajudaram a ter fortuna; os cativos que nos auxiliaram na conquista da liberdade; os ignorantes que nos facilitaram a posse da civilização, e hoje nos oferecem o ensejo de praticarmos um ato nobre: a emancipação dos escravos!¹²

A partir da submissão do cultural ao racial, Romero desdobra a mestiçagem em dois níveis: “Deste imenso mestiçamento físico e moral, desta fusão de sangue e de almas é que tem saído diferenciado o brasileiro de hoje e há de sair cada vez mais nítido o do futuro.”¹³ Pela mestiçagem moral, seria possível pensar uma perspectiva crítica e seletiva diante do influxo externo e superar o mimetismo cultural e a imitação do estrangeiro. A cultura brasileira é definida como mestiça ou compósita, cujo caráter específico depende da integração entre elementos díspares. Em termos literários e artísticos, a consciência nacional se criaria pela fusão entre as raças e pela incorporação da “faculdade de imaginação e sentimento do continente americano e africano” e uma de expressão “civilizada”.¹⁴

A perspectiva anti-romântica e pró-abolicionista de Romero se relaciona ao projeto de investigação “integral” da contribuição cultural das raças. Para tanto, constrói uma teoria etnográfica hierarquizada, em que o negro é apresentado como superior ao indígena, e o branco mais evoluído do que ambos. Estabelece distinções no interior da raça branca, que divide em diversos tipos: enquanto os germanos, eslavos e saxões caminham para o progresso, outros grupos, como os celtas e latinos mostram claros sinais de decadência. Os portugueses são vistos como povo inferior, resultante do cruzamento entre ibéricos e latinos, o que representava a impossibilidade orgânica de produzir por si. Os colonizadores

¹² ROMERO, Sívlio apud VENTURA, Roberto *Estilo Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 46.

¹³ Idem Ibidem.

¹⁴ Idem p.48.

trouxeram assim os males crônicos das raças atrasadas, desprovidas do impulso inventivo dos germanos e saxões.

A partir desta concepção, a dependência cultural é explicada como impulso psicológico ou tendência de caráter resultante da mistura de três raças inferiores: “O servilismo do negro, a preguiça do índio e o gênio autoritário e tacanho do português produziram uma nação informe, sem qualidades fecundas e originais.”¹⁵ A formação do povo a partir de três raças sem originalidade teria, como consequência, a tendência à imitação do estrangeiro. Em termos de produção intelectual, o mimetismo traria prejuízos, como a “falta de seriação nas idéias” e a “ausência de uma genética”, que faria com que os autores não procedessem um dos outros, o que o fez negar, em *A filosofia do Brasil*, a existência do pensamento filosófico entre nós.¹⁶ Sua teoria da mestiçagem e do branqueamento parte de uma combinação de pressupostos raciais (existência de diferenças étnicas inatas) e evolucionistas (lei da concorrência vital e do domínio do mais apto). Seja com relação à noção de raça, seja com relação à noção de Natureza, Sílvio Romero e Capistrano necessitavam pressupor a existência do seu objeto privilegiado, o fenômeno histórico e cultural “Brasil”. Apesar desta pressuposição, a concepção de caráter nacional apresenta certa diferenciação entre ambos. Visando perseguir com maior proximidade a questão que estamos visando adensar, tentar-se-á compreender a sua noção de caráter nacional.

Pode-se afirmar que Romero visa espelhar o caráter de uma nação, aproximando-se do que o antropólogo norte-americano Richard Handler chama de “objetificação cultural”, ou seja, que se observe (e se escreva sobre) uma cultura como uma “coisa”, um objeto natural ou entidade constituída de objetos e traços. Assim concebida, “a nação ou grupo étnico é tomado como sendo delimitado, contínuo e precisamente distinguível de outras entidades análogas.”¹⁷ Além disso, nessa perspectiva, o que distingue cada nação ou grupo étnico é sua cultura, que provê o conteúdo da individualidade do grupo. Os traços que constituem esse conteúdo passam a estar inseridos em um quadro de eternidade no qual, ainda que

¹⁵ Idem.

¹⁶ ROMERO, Sílvio. “A Filosofia no Brasil. Ensaio Crítico” In: *Obra Filosófica*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1969. p. 7. O notório atraso seria a percepção de que não houve nenhum livro de filosofia escrito durante os três séculos coloniais.

¹⁷ HANDLER, Richard. *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Wisconsin: Wisconsin University Press, 1988. p. 16.

participem dos acontecimentos históricos, o tempo é irrelevante. Nesse sentido, um estudo que promova a objetificação da cultura não se encontra muito distante do determinismo que caracteriza as explicações biológicas que recorram à noção de raça. Dante Moreira Leite, em seu *Caráter Nacional Brasileiro*, fez observações que se aproximam desta perspectiva. Fazendo um inventário da produção brasileira que se deteve no tema, diz que “os estudos contemporâneos do caráter nacional revelam, apesar de tudo o que dizem seus autores, um nacionalismo exacerbado, capaz de substituir ideologicamente o racismo.”¹⁸ Capistrano de Abreu termina por ser englobado pelo mesmo autor nesta categoria.

Este tema, contudo, levanta uma pista que merece ser seguida. Enquanto Romero privilegiou o quesito raça, Capistrano privilegiou a Natureza. O privilégio do primeiro faz com que a possível causa do nosso atraso somente seja ultrapassada através de uma solução vinculada ao influxo externo, como o branqueamento, por exemplo. Já Capistrano de Abreu, através da Natureza, dota o país de singularidade e aponta modificações para o futuro atreladas a ela. Assim, a solução para o futuro se remete ao passado, mas um passado que mantém uma influência permanente e longeva, e que dotará de especificidade aquele que com ele travar contato.

Esta seria a influência ativa a que o autor se remete ao longo de seu artigo “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro”. Uma integração entre homem e Natureza que leva muito mais tempo:

Se a influência ativa pode – embora sem bases – ser contestada, a influência passiva é de uma evidência fulminante no Brasil. Que significam tradições de grandeza entre um povo a quem elas nada lembravam? Que significam costumes polidos em uma sociedade que se ia formar? As florestas seculares não determinavam um sistema novo de agricultura? As verdades das estações não reagiam sob a cultivação! As distâncias a dificuldades de transporte não reagiam sobre a indústria? Matas, distâncias e estações, se não me engano, são parte da natureza e sua influência é patente.¹⁹

A ação da Natureza é dupla: “ativa ou passiva manifesta-se como movimento ou como resistência”.²⁰ A influência passiva é a influência que ocorre no momento do contato entre o civilizado e o meio, o choque instantâneo do deslocamento espacial sofrido pelos portugueses. Já a influência ativa ocorre ao

¹⁸ LEITE, Dante Moreira. *O caráter Nacional Brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1976. pp. 124-125. Desta forma, o conceito de Nação seria compreendido como narrativa coesa acerca dos caracteres de determinado grupamento social.

¹⁹ ABREU, João Capistrano de. “O Caráter Nacional e as origens do povo brasileiro” In: *Ensaio e Estudos*, 4^o série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

²⁰ Idem p.17

longo de um determinado período de tempo mais extenso, de maneira mais orgânica, em ritmo muito mais lento. Ambas são maneiras de tentar compreender os efeitos da Natureza diante dos “fatores exóticos”. A Natureza é então uma categoria fundamental para entender sua escrita da História do Brasil.²¹

Abreu dialoga com a dissertação de Martius *Como se deve escrever a história do Brasil* e sua perspectiva de conferir legitimidade nos trópicos ao Império através de uma proposição acerca de sua identidade específica. O texto do viajante bávaro, segundo este tema, constitui, sob a forma de narrativa histórica, uma elaboração acerca do passado nacional que dialoga com os anseios do presente e aponta um horizonte para o futuro. Os elementos-chave da história nacional estariam na própria Natureza.²² Como Capistrano não deixa de utilizar a categoria raça, observa-se que ela passa a possuir um sentido pouco usual, como fica delimitado a partir da contraposição às observações de Sílvio Romero na polêmica entre ambos. Ela deixa de possuir o estrito vínculo biológico e passa a fazer com que, apesar de ser ainda uma categoria de que o autor se utiliza, esteja muito mais próxima da cultura do que do determinismo biológico.

O entendimento do meio físico como modificador do povo vincula-se a uma concepção *neolamarckiana de raça*, uma definição que, baseando-se na ilimitada aptidão dos seres para se adaptar às mais diversas condições ambientais, enfatiza, acima de tudo, a sua capacidade de incorporar, transmitir e herdar as características adquiridas na sua interação com o meio físico. “A idéia de raça é convertida muito mais em um efeito do que em uma causa, mantendo-se como uma intermediária das noções de raça e de cultura.”²³ Há um compromisso de cunho biologizante, mas que não implica a composição de um evolucionismo. Apesar do papel privilegiado que o português possui ao longo de todo o livro *Capítulos de História Colonial*, não há a composição de uma hierarquia explícita

²¹ Como dirá acerca de sua história íntima: “Uma história íntima – deve mostrar como aos poucos se foi formando a população, devassando o interior ligando entre si as diferentes partes do território, fundando indústrias, adquirindo hábitos, adaptando-se ao meio e constituindo por fim a nação.” *Gazeta de Notícias* em 19/10/1880. In: *Ensaio e Estudos*, 4ª. Série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 157.

²² Sobre uma reflexão aprofundada acerca da noção de história em Martius: GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. “História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação”. *Hist. cienc. saude-Manguinhos.*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 Maio 2007.

²³ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz: Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: 34, 1994. p. 39.

entre as raças, como se o seu “caráter independente”²⁴, além de ter lhe dotado da propensão a certo tipo de ações, tivesse propiciado maior miscibilidade ante o contato com as outras raças.

Esta transitividade que o argumento neolamarckiano possibilita conduz a certa confusão entre o biológico e o cultural, que acaba por permitir o estudo das sociedades em uma dinâmica muito próxima à da relação entre história e cultura. “Não existem raças verdadeiras conforme uma explicação fisiológica, mas deve-se falar de raças ‘históricas’ em processo de formação.”²⁵ O traço fortemente histórico-cultural da explicação de Capistrano é ressaltado quando, contra o argumento de Romero de que a Natureza não seria um fator importante para a compreensão do nosso caráter nacional, observa que “É sem razão que alegam ser o tempo insuficiente para tanto; a deficiência do tempo refere-se antes a percepção adequada do que à objetiva.”²⁶ O lapso de tempo passa a ser mais um indício que ressalta o traço fortemente histórico-cultural de sua explicação, aproximando-a da noção de raça histórica.

Não só quatro séculos são o suficiente para a elaboração biológica, e, por conseguinte, sociológica; como a ignorância dos primitivos colonizadores, sua índole genial, o segregamento a que condenou-os a política da metrópole, oferecendo uma resistência mínima à pressão mesológica, tendiam a deixar produzirem-se livremente os seus efeitos... é evidente quanto isto deve ter concorrido para o *suplemento* do tempo.²⁷ [Grifo meu]

O tempo não é algo desconectado da experiência particular ocorrida em cada localidade. A maior ou menor demora para que ocorra a reverberação de uma modificação na característica de cada local somente poderá ser compreendida se for observada a completa gama de elementos que nela interagem. Todos estes irão gerar uma feição particular aos habitantes daquele lugar, sendo transmitido aos seus descendentes. O argumento lamarckiano possui seu peso no conceito de adaptação – a capacidade de transmissão de características adquiridas.

Em seu texto “Lamarckianism in American Social Science”, George Stocking demonstra a presença de argumentos que envolvem a noção de hereditariedade das características adquiridas – às vezes com referência direta a Lamarck e, em

²⁴ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. 6º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 17.

²⁵ STOCKING, George. “Lamarckianism in American Social Science” In: STOCKING, George. *Race, Culture and Evolution*. New York: The Free Press, 1968. p.245.

²⁶ ABREU, João Capistrano de. “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro” In: *Ensaio e Estudos*, 4º série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 17.

²⁷ Idem. p. 17.

muitas outras, não – nas Ciências Sociais norte-americanas nos últimos vinte anos do século XIX e na primeira década do século XX. Apesar de, neste contexto, a referência a Darwin ser intensa, através do que ficou conhecido como “darwinismo social”²⁸, é com o apelo ao argumento lamarckiano que ele se presentificava. O conceito de adaptação compreendido como “mudanças na estrutura ou no comportamento orgânico que foram causadas por influências diretas do meio ambiente ou que foram produto das respostas do organismo a tais influências [e que] eram transmitidas por hereditariedade”²⁹ é a base de sustentação daquele argumento.

O lamarckianismo, diz Stocking, forneceu “uma teoria comportamental da evolução biológica” e possibilitou “um dos últimos elos teóricos entre a teoria biológica e a social”.³⁰ Dentre outros aspectos específicos, possibilitou aos cientistas sociais uma elaboração para a formação das raças e da estrutura mental que não fosse apenas biológica. A concepção segundo a qual os novos hábitos adquiridos pela adaptação ao meio natural geravam mudanças no organismo dos indivíduos e essas, por sua vez, eram herdadas pelos descendentes, permitiu que os cientistas sociais, mesmo sem uma diferenciação clara do biológico e do social, formulassem explicações para as diferenças raciais que se aproximam das que foram elaboradas posteriormente para explicar o conceito de cultura.

A correspondência de Capistrano dá indicações do possível contato que teria mantido, mesmo que de forma sutil, com tais formulações intelectuais. Em carta destinada a Paulo Prado, datada de 1923, Capistrano solicitou patrocínio para a tradução de um texto de Carlos von den Steinen, para a qual encontrava dificuldades financeiras na edição.

O autor da carta junta, Franz Boas, é universalmente conhecido como uma das maiores autoridades em questões antropológicas. Carlos von den Steinen, a que se refere, fez duas expedições à nossa terra e lançou as bases da etnografia científica do Brasil. Peço-lhe se interesse pela causa, lance uma derrama entre os amigos e mande a Franz Boas uma ordem prestigiosa para facilitar a impressão da obra que deve ser genial... Devolva-me a carta de Franz Boas para ver se com ela consigo alguma coisa nestes pagos.³¹

²⁸ A expressão é usada por HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought*. Boston: Beacon Press, 1955.

²⁹ STOCKING, George. “Lamarckianism in American Social Science” In: STOCKING, George. *Race, Culture and Evolution*. New York: The Free Press, 1968. p. 243.

³⁰ Idem. p.245.

³¹ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado 06/02/1923 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

O contato ainda torna-se um pouco mais estreito. Em carta enviada a João Lúcio de Azevedo, datada daquele mesmo ano, Abreu assim se reportava ao texto de Boas:

Não é só V. quem recebe elogios germânicos: Tolle et lege: Wie oft habe ich Ihrer gedacht als einen der besten und liebenswürdigsten Meenschen denen ich in der Welt begenet in... Quem escreveu isto? Carlos von den Steinen, explorador do Xingu. A propósito de que? Franz Boas, um dos primeiros etnógrafos, escreveu-me sem me conhecer, pedindo que arranjasse algumas assinaturas de 50 dólares para a obra em que Steinen gastou mais de vinte anos e que não encontrava editor. Arranjei umas oito ou nove: o elogio de arromba é um agradecimento.³²

A investida na direção da tradução do texto de Carlos von den Steinen possibilita supor uma gama de questões³³ Esta proximidade, admiração e troca intelectual, empreendida entre ambos, coloca no horizonte uma abordagem que, ao propor o tratamento das tribos indígenas, possibilita maior dinamismo cultural. A evolução ocorre a partir da troca exercida entre as raças e o ambiente, sendo mais intensa a partir da maior complexidade dos povos.

Tais ilações permitem compreender de outra forma as ponderações de Capistrano no artigo “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro”. De forma diversa ao seu interlocutor Silvio Romero, onde o vínculo ao esteio biológico fez com que o tempo não opere mudanças significativas ao dissenso que aportou em terras nacionais, Abreu assume que entre a raça e o meio deve ocorrer “sinergia concreta”.³⁴ A noção de raça ganha maior complexidade, podendo ter seus atributos modificados pela passagem do tempo, pelas graduais modificações que, sutilmente, ao longo de variadas gerações, passam a ser incorporadas a elas. As mudanças deixam de ocorrer *no* tempo e passam a ocorrer *através* do tempo. O tempo passa a ser concebido como agente qualitativo de mudanças, passando a

³² Carta de Capistrano de Abreu a João Lúcio Azevedo 20/10/1923 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

³³ Capistrano se vincula a este horizonte interpretativo, não necessariamente devido ao contato com Carlos von den Steinen. Interessa observar que, no final da 6ª edição dos *Capítulos de História Colonial*, há uma anotação de Capistrano de Abreu em que usa o conceito de adaptação de maneira muito explícita e a referência teórica que cita é um artigo de Franz Boas publicado no *The Nation*, em 15/02/1919. Acerca disto, ver *Capítulos de História Colonial* 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 214.

³⁴ ABREU, João Capistrano de. “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro” In: *Ensaio e Estudos*, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.18.

ser experienciado tanto como uma modificação do seu passado quanto potencialmente modificado pelo seu futuro.³⁵

A superação do *inacabamento*, que impediria a entrada na marcha do progresso, teria como premissa a gradual integração com a Natureza; uma integração que ocorreria através do contato, através de uma lenta interação, cujo resultado seria a feição particular que resultou após três séculos de trajetória colonial.

Ao longo dos *Capítulos de História Colonial*, o lugar da Natureza, mais que simples imobilidade, é o lugar do amoldamento. A natureza é influência e obstáculo para a formação da sociedade brasileira. Assim se compreende o par influência passiva e ativa da natureza nos argumentos de Capistrano. A influência passiva foi o momento em que a ação dos fatores externos gerou a regressão no padrão de vida daqueles que aqui aportaram.

A influência passiva da Natureza pode resumir-se nessa proposição: em consequência das condições especiais em que se achou a civilização portuguesa por seu transplante para o Brasil, como distribuição de riqueza, divisão de trabalho; diminuição e dispersão da população; deslocamento de centros governativos, mentais e econômicos; nascimento de novas necessidades, ablação de velhos usos as funções sociais não podiam desenvolver-se normalmente; em vez de tenderem a crescer, o seu trabalho tendia a mingua, e como a mingua de trabalho traz o acanhamento das funções e o acanhamento das funções traz o depauperamento do organismo, a sociedade brasileira *atrofiou-se*.³⁶ [Grifo meu]

Ao pensar em passividade e em um de seus efeitos – a atrofia do “organismo” –, Abreu imprime dinamismo ao que poderia ser relacionado como essência. A nossa experiência histórica estaria marcada por um momento inicial em que ocorreu uma característica desordem após o “deslocamento” do organismo.

Há toda uma série de reflexões desde o século XVI, dotando a América, desde a sua descoberta, de características singulares. Como no caso de Buffon, que enxergava a América como possuidora de uma Natureza hostil, que submetia o homem ao seu controle, conforme analisado por Antonello Gerbi em *Novo Mundo. História de uma polêmica*: “Poucos e débeis, os seres humanos do Novo Mundo não puderam dominar a natureza hostil, não souberam vencer e submeter

³⁵ Esta percepção do tempo estaria vinculada a uma percepção moderna. Ver: GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Cascatas da Modernização” In: *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: 34,1998.

³⁶ ABREU, João Capistrano. “O caráter nacional brasileiro”. In: *Ensaio e Estudos*, 4º série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.18.

as forças virgens e revertê-las em seu benefício... manteve-se como um elemento passivo da natureza, um animal como os outros”.³⁷ Capistrano alinha-se a esta perspectiva: homem e meio são indissociáveis.

A trilha perseguida busca matizar o lugar da Natureza para Capistrano de Abreu, nesta seção, por dois motivos. O primeiro possibilita compreender como, através deste recurso, ele consegue superar a categoria raça e fazer com que ela se torne compatível com o conceito de cultura. Desta forma, estabelece um lugar de maior probabilidade para pensar o atraso brasileiro, sem uma alternativa que demandasse a conexão com um recurso que terminaria por reafirmar a superioridade da raça branca através de uma solução europeizante. Ao deixar de lado unicamente o lastro biológico, propõe que as alternativas possíveis deveriam ser tentadas após terem sido atravessadas as águas do Atlântico.

Num segundo momento, ao dar conta da influência da Natureza na História do Brasil, através da noção de integração, há a elaboração de uma narrativa histórica na qual a alteração no meio é gesto primário da intervenção humana, sendo que esta alteração deve servir aos propósitos mais gerais, ao horizonte da nação. Uma análise mais detida dos *Capítulos de História Colonial* propiciará uma apresentação mais cuidadosa destas questões.

1.2 Capítulos de uma frágil história

Do constante embate entre projeto e circunstâncias, entre expectativa e desilusão, os *Capítulos de História Colonial* refletem a busca pelo entendimento do Brasil a partir daquilo que somente a ele pertence: o seu passado. Em seu texto, Capistrano de Abreu alimenta uma interpretação do Brasil e a sensação de que, no início do século XX, a composição de um diálogo entre presente e passado, através da narrativa histórica, apenas teria gerado a lenta superação do

³⁷ GERBI, Antonello. *Novo Mundo. História de uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.20. Para Gerbi, Buffon marca um momento em que a discussão sobre a originalidade da América toma moldes de discurso científico, estabelecendo um espaço privilegiado para a disseminação da degradação do ambiente e do homem americano. Após ele, a discussão se estende e permanecerá presente na reflexão dos maiores autores do final do século XVIII e XIX, como Goethe, Lineu, Herder, Kant, entre outros, até culminar nas concepções opostas de Hegel e Humboldt e, mais tarde, sofrer uma desvalorização enquanto questões científicas. No entanto, estes dois momentos permanecem de certa forma unidos pela geração de expectativas com que várias obras desses autores lidam e podem ser identificadas como formadoras de uma visão de mundo inicial dos diferentes viajantes que visitaram o país.

“transoceanismo”, a noção de superioridade frente ao colonizador português. Neste percurso, o autor alinhava uma imagem em que a atrofia das funções sociais, fruto da influência passiva da Natureza, ainda não teria sido totalmente superada. Somente uma transfiguração, uma leve mudança, “em suma”, havia ocorrido: um estado psicológico que nos particularizaria pela sensação de diferença frente ao Outro, o português.

O caminho analítico permite a interpretação de que, na escrita de seus *Capítulos*, existem dois eixos argumentativos principais que permanecem em tensão, mas não se resolvem. O primeiro, em constante movimento, resulta da competição entre a História e a Natureza, enquanto “antecedente” a ser enfrentado. Após a atrofia das instituições, gerada pelo contato inicial dos “fatores exóticos” com os “antecedentes indígenas”, observa-se, ao longo do texto, a fragilidade das iniciativas sociais – ecoando as marcas primárias deste contato – sendo gradualmente superada. O movimento da história, através do povoamento, é expresso pela intervenção da ação humana na natureza, promovendo a “comunicação” entre as diversas regiões, proporcionando a expressão da contigüidade territorial que se une gradativamente.³⁸

O segundo eixo argumentativo é caracterizado pela permanência psico-sociológica³⁹, ao longo de três séculos, da incapacidade de associação coletiva, fundada na inexistência do sentimento coletivo; e da fragilidade de ações que não prezam o trabalho metódico. Ações que permanecem ao longo de todo o período colonial sem estarem pautadas por princípios racionais a um determinado fim antes programado.

Seguindo o primeiro eixo, pondera-se que, neste texto de Capistrano, as relações entre meio físico e sociedade são aplicadas para pensar o passado da nação. Oscilando entre a idéia de que o meio determina o homem e a de que os homens instalam-se no meio natural transformando-o na principal base de sua vida social, Abreu associa intimamente sociedade e espacialidade. Por isso, logo

³⁸ Uma análise específica deste ponto e a associação entre território, geografia em movimento e povoamento está em PEREIRA, Daniel Mesquita. *Descobrimientos de Capistrano: A história do Brasil “a grandes traços e largas malhas”*. Rio de Janeiro, PUC Tese de Doutorado em História, 2002. Em sua tese de Doutorado, o autor associa de maneira intrínseca a formação territorial e a superação do transoceanismo.

³⁹ A noção de permanência psico-sociológica foi utilizada inicialmente por Denise Bottman, sendo que não significa um atraso inato ao brasileiro, mas a íntima relação entre mudança material e psicológica. In: BOTTMAN, Denise. *Padrões explicativos na historiografia brasileira*. Dissertação de mestrado Unicamp, 1985.

no início dos *Capítulos de História Colonial*, a Natureza, sob a forma de território⁴⁰, é apresentada como lugar inicial para a narrativa histórica, uma antecâmara onde aportam, posteriormente, os “fatores exóticos”. Utilizando o critério espacial como delimitador do que seria o temporal, as diferenciadas regiões de um território circunscrito antecedem o específico instante em que a narrativa deve ser iniciada. “A quase totalidade do Brasil demora no hemisfério meridional e entre o Equador e o Trópico de Capricórnio alcança o país as maiores dimensões.”⁴¹ Como se estivesse ante um mapa, o autor narra uma localização e lhe insere atributos particulares: “nem o mar invade, nem a terra avança... os dois elementos convivem *quase sem transições e sem penetração*...”⁴²

Nesta passagem inicial, neste capítulo que parece não dizer muito acerca do tema de que o livro trata, é possível perceber uma imagem que será recorrente ao longo de toda a sua História em *Capítulos*: assim como a relação entre o mar e a terra, a variedade de espaços existentes neste território coexiste de forma *intransitiva*. O capítulo “Antecedentes Indígenas” é a descrição de um amplo mosaico de diferenciadas regiões, descritas cada uma em seu parágrafo específico, aguçando, no leitor, a sensação de que existem diferentes setores que não se comunicam. A transição de uma paisagem à outra ocorre de “forma golpeante”, abrupta, onde, lado a lado, coexistem a “monotonia intérmina da Amazônia” e “uma região de secas”. “Ao sul do Amazonas, entre os rios Parnaíba e São Francisco, estende-se uma zona periodicamente flagelada por secas.”⁴³ O Brasil é a junção de diferenciadas “fisionomias”, sem transições e sem penetração, onde se repete o mesmo “espetáculo”, onde nem uma invade e nem a outra avança.

A descrição que Capistrano empreende, no capítulo inicial dos *Capítulos de História Colonial*, faz com que cada parágrafo seja quase um universo

⁴⁰ Um geógrafo atual, Claude Raffestin, faz uma distinção importante entre espaço e território. Segundo o autor, “o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (pela representação) o ator territorializa o espaço” RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993. p. 143.

⁴¹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 1.

⁴² Idem. p. 2.

⁴³ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 3.

fechado, uma região⁴⁴ capsular capaz de ganhar autonomia própria. No início do livro não possuímos história, somente uma *coleção* de diferenciadas regiões reunidas. Um solo comum que abriga um universo diverso.

A fauna da mata apresenta... o colorido mais vistoso, principalmente nas borboletas, que as vezes atingem tamanho enorme, e nas aves. A maior parte dessas espécies adaptou-se à vida arbórea e algumas, como a arcaica preguiça, vão desaparecendo com as derrubadas⁴⁵

Sem melodia comum, as diversas paisagens propiciam espetáculos particulares, como um amontoado de quadros em incomunicabilidade, convivendo lado a lado.

‘Mais pálida em colorido e fraca em força numérica é a fauna do sertão.’ lembra Goeldi. Suntuoso uniforme de gala não seria desejável nem proveitoso. Para os animais sertanejos é de mais vantagem sua roupa branco-amarelada e monótona que no meio o capim se conserva neutra entre a cor do solo e o colorido macega torrada pelo sol.⁴⁶

Este quadro se forma a partir de uma imagem que se estabelece pelo contraste existente entre espaços tão próximos e tão diferentes. Neste momento do texto, a postura de Capistrano frente seus escritos lembra a de um historiador naturalista-viajante. Um olhar que busca abarcar polivalentemente a Natureza através da observação e da descrição, exponenciando as fraturas e contrastes existentes em todo o conjunto paisagístico. Nesses termos, o exercício de conhecimento da Natureza, mobilizada sob a categoria território, constrói um texto onde a observação e a classificação utilizadas em sua escrita caracterizam, unicamente, a ausência do eixo temporal.

Ao tentar compreender a trajetória colonial, composta, inicialmente, sob a forma de território com diferenciadas regiões incomunicáveis, Capistrano visa desmistificar um mito de origem: a fertilidade. O Brasil não é a imagem da terra fértil presente nas cartas de Caminha; é um território ocioso, apático, que “nem o mar invade, nem a terra avança”, cujos atributos irão reverberar ante o indígena que também será indolente e, principalmente, pouco propenso à cooperação. Não há a imagem lírica associada ao vínculo automático com a fundação do Estado-

⁴⁴ Por região entenda-se uma unidade definível no espaço, que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios Ver: LA BLACHE, Vidal de. *Principes de géographie humaine*. Paris: A. Colin, 1948. p.132.

⁴⁵ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 9.

⁴⁶ Idem. p.10.

Nação, em que uma paisagem-só-natureza deveria ser convertida na imagem da composição de uma unidade meta-histórica, uma unidade chamada Brasil, característica daqueles relatos de viagem feitos no início do século XIX.⁴⁷

Será na trilha desta Natureza, como uma forma de questionar o estatuto de terra fértil, que Capistrano iniciará seu texto fazendo o inventário das diversas regiões do período colonial. Mesmo compreendendo-o como um capítulo antecessor ao “Descobrimento”, que efetivamente marcaria um início do que poderia ser considerado como a história do Brasil, ele reflete bem a tônica de seu livro.

O que se procura aguçar, aqui, é como a multiplicidade de regiões que constitui um determinado território ganha a tonalidade necessária da mais intensa variedade, pois vem atrelada à carga de efeitos que visa imprimir no leitor a profunda sensação de instabilidade, de esfacelamento iminente pela ausência de diálogo entre suas diferenças. Por isso dirá, em uma afirmação que parece novamente se remeter ao presente: “A obra do homem chama-se capoeira: terreno privado da vegetação primitiva, ocupado depois por vegetais adventícios cuja fisionomia ainda não assumiu feição bem caracterizada”.⁴⁸

Um território de diferenciadas regiões que contrastam, neste momento do livro. Ao iniciar sua narrativa com os “Antecedentes indígenas”, observa que destes irão proliferar características que permanecem em seu presente.

Se agora examinarmos a influência do meio sobre estes povos naturais, não se afigura a indolência o seu principal característico. Indolente o indígena era sem dúvida, mas também capaz de grandes esforços, podia dar e deu muito de si. O principal efeito dos fatores antropogeográficos foi dispensar a cooperação.⁴⁹

Neste momento preciso, Capistrano executa a diferenciação entre a indolência e a ausência de cooperação, sendo o último o resultado do desenvolvimento errôneo de sua forma social, justamente cultivada através da

⁴⁷ SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia as Letras, 1991. pp. 12-15 e ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço esplêndido. A fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 23. Nos termos postos por Flora Sussekkind, em *O Brasil não é Longe daqui*, esta proposição deixava “os desajustes à mostra, a contrapelo... frente à imagem que se procurou construir nas décadas seguintes à Independência”. Cabe acrescentar que Capistrano escreve no início do século XX, mas dialogando com este conjunto de questões.

⁴⁸ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 9.

⁴⁹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 12.

relação de integração equivocada que mantinham com o meio físico. Através da relação entre o homem e o meio geográfico, os grupos indígenas se mantêm em ações instantâneas e momentâneas, sem nenhuma coordenação, reagindo de maneira dispersa e fragmentada, como a própria Natureza.

Neste diagnóstico, ao final do primeiro capítulo, Abreu deixa clara a persistência do equívoco antropogeográfico, que será considerado a principal característica dos impasses de sua atualidade, leia-se o Brasil do alvorecer do século XX. “A mesma ausência de cooperação, a mesma incapacidade de ação incorporada e inteligente... parece os indígenas terem legado aos seus sucessores.”⁵⁰ Estas características serão frequentemente retomadas como atributos da mestiçagem, nos capítulos posteriores; serão a base do espanto e da dificuldade do autor compreender a possibilidade da constituição de uma unidade nacional sólida. Uma permanência que irá atravessar todo o período colonial, incapaz de ser rompida mesmo com o Sertão, e que será fonte de distúrbio e de desconcerto de ações políticas em seu presente, conforme suas cartas demonstram. A “ausência de cooperação”, a incapacidade de manter uma metrificação de seus atos em prol de um objetivo que estivesse delineado em seu horizonte, irá ecoar ao longo de mais de quatro séculos.

1.3 Ação e desconcerto

Ao delinear as variadas regiões que compuseram um mesmo território, Capistrano termina por alimentar um investimento, logo em seu primeiro capítulo, na imagem de um território internamente fragmentado. Seria nele que, após o descobrimento, se daria o contato entre as “três raças irredutíveis” e sua posterior mestiçagem. Mas uma mestiçagem que não ocorreria somente através do contato entre as três raças, mas seria fruto da forma peculiar de ocupação e alteração do meio físico.

Comentando, em seus *Capítulos*, a incoerência de alguns colonos em comprar índios e fazendas com mão-de-obra escrava, devido ao grande número de

⁵⁰ Idem. p.12.

mortes indígenas, Capistrano observa uma “incapacidade” na ação daqueles que persiste até o seu presente

Por que insistiam os colonos em apossar-se de uma fazenda, cuja pouca valia a cada passo se devia patentear de modo menos equívoco? *Já sofriam de um achaque ainda hoje observado* a todos os momentos entre seus descendentes: a *incapacidade de formar convicção firme* sobre um assunto e por ela pautar seus atos.⁵¹ [Grifo meu]

A influência da Natureza ante o indígena, a “ausência de cooperação”, imposta pelos fatores antropogeográficos, vem se aliar a este caráter instável, que se inicia após a chegada dos “fatores exóticos”. Após o Descobrimento, aquele momento de descrição e classificação, um território composto de uma simples coleção de quadros da natureza em contraste e impassivo, com uma sonolência peculiar, foi rompido pelo contato entre as “três raças irredutíveis”. “Lentamente”, daí em diante, a narrativa acerca dos atos humanos passa a ser representada dentro de uma perspectiva temporal orgânica.⁵² Ao criar um relato acerca do crescimento da população e das comunicações ocorridas entre as diversas partes do território, sua elaboração da narrativa histórica constrói um movimento em que atos que levam um longo tempo para ocorrerem são rapidamente dissolvidos.

Ao “apresentar o organismo do estado cerca de 1662”, através de um “pálido resumo” de uma fonte proposta por um jesuíta da época, observa que

Os alicerces assentaram sobre sangue, com sangue se foi amassando e ligando o edifício e as pedras se desfazem, separam e arruinam. As terras se esterilizam; as plantações de mandioca não bastam para garantir o sustento; tem-se de buscar longe as madeiras e as terras de tabaco; minguraram a caça e a pesca; as povoações são muito distantes uma das outras e o trabalho de remar consome as forças da indiada.⁵³

Alicerces que se desagregam, pedras que se desfazem, edifícios que viram ruínas. Tudo que os atos humanos construíram por mais de um século de experiência colonial são facilmente dissolvidos, desagregados; em poucos anos o trabalho de um século se esvai. Terras que se esterilizam com uma velocidade rápida, como se não houvesse longevidade possível ante este solo. A própria

⁵¹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 53.

⁵² Este forte organicismo do tempo seria uma marca característica de um autor como Herder, como argumenta Stocking Jr. In: STOCKING, George W. “Polygenist Thought in Post-Darwinian Anthropology” In: *Race, Culture and Evolution*. Boston: Beacon Press, 1968. p. 42-67.

⁵³ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 116.

dimensão da Colônia faz com que as forças sejam consumidas. Mesmo os homens não seriam imunes a este movimento de desenvolvimento e atrofia que segue o ritmo da natureza. A lentidão da construção diverge da velocidade do desaparecimento. Ainda analisando a “ocupação do litoral”, mais especificamente a marcha para o Amazonas, Capistrano observou que os atos humanos, como a própria expedição de caçada indígena de Pedro Coelho, seguem o mesmo ritmo de inconstância. “Tudo correrá bem até aí, tudo começou logo a se danar.”⁵⁴

Esta sensação de assombro ante a instabilidade existente nos trópicos, para além de simples adereço que o aproxime de outros de sua época é algo que permeia seu conjunto de considerações. Em uma carta do ano de 1922, debatendo com João Lúcio Azevedo acerca de uma revolta acontecida que durou poucos dias, Capistrano deixa escapar uma imagem do Brasil:

Ficou demonstrado que não é tão fácil mover um exército de sorteados como o de tarimbeiros profissionais. Escrevi *é*, devia antes escrever *foi*, porque no Brasil nada há de definitivo e o resultado pode ser outro na próxima tentativa. [Grifo meu]⁵⁵

Assim como durante a época colonial, a instabilidade parece ser o único elemento longo no Brasil. Ainda em seu presente ecoa a dúvida acerca da “evolução ou dissolução”.

Retornando aos *Capítulos de História Colonial*, observa-se que, assim que incidem, logo as ações apresentam rápido declive. Todos os atos são tributários da ampla gama de “forças centrífugas” coaguladas no solo colonial. A Natureza surge como um dos empecilhos constitutivos da comunicação na Colônia devido às grandes distâncias entre um centro de povoamento e outro.

Ajunte-se a isto a natural desafeição pela terra, fácil de compreender se nos transportarmos às condições dos primeiros colonos, abafados pela mata virgem, picados por insetos, envenenados por ofídios, expostos às feras... Mesmo se sobejassem os meios, não havia pendor a meter mãos a obras destinadas aos vindouros, tratava-se de ganhar fortuna o mais depressa possível para ir desfrutá-la no além-mar.⁵⁶

⁵⁴ Idem. p. 60.

⁵⁵ Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 26/10/1923 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol. 2 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 321.

⁵⁶ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 69.

As três raças não possuíam um sentimento diferenciado entre si, assim como pela terra. “Desafeição igual à sentida pela terra nutriam entre si os diversos componentes da população.”⁵⁷

Examinando superficialmente o povo, discriminaram-se logo três raças irreduzíveis, oriunda cada qual de continente diverso, cuja aproximação nada favorecia. Tão pouco próprios a despertar simpatia e benevolência, antolhavam-se os mestiços, mesclados em proporção instável quanto à receita de pele e dosagem do sangue, medidas naqueles tempos, quando o fenômeno estranho e novo, em toda a energia do estado nascente, tendia a observação ao requinte e superexcitava os sentidos, medidas e pesadas com uma precisão de que não podemos mais formar idéia remota ao fato consumado desde o berço, indiferentes as peles de qualquer aviação e às dinamizações de qualquer ordinal.⁵⁸

As raças não possuíam um sentimento de afeição mútua. Capistrano continua a utilizar o conceito de raça, mas em uma perspectiva que o aproxima muito mais do conceito de raças históricas que carregam seu passado. A desafeição, para além do contraste existente entre as cores das raças diferenciadas, era um sentimento permanente, incrustado naqueles que aqui residiam e presente, inclusive, naqueles que partilhavam da mesma raça. “A desafeição entre as três raças e respectivos mestiços lavrava dentro de cada raça.”⁵⁹

Neste momento do livro, Abreu pinta o quadro de uma sociedade em completa anarquia intestina, assolada pela mais completa turbulência e inconstância, ganhando um tom dramático onde nada nesta terra parece florescer e se manter permanente. Mesmo aqueles que visualmente possuíam similaridades, os oriundos do mesmo continente, como o negro ladino e o boçal, e o índio catequizado e o vestido, sentiam-se “profundamente separados”. Transportados para outra terra, são outros. Repisa-se, aqui, aquele argumento neolamarckiano como um dos pontos basilares para a compreensão dos eixos argumentativos dos *Capítulos de Historia Colonial*. Peça fundamental para que o tempo possa ser encarado enquanto propiciador de mudanças, mesmo que elas ocorram de maneira extremamente lenta, através de um tempo que lembre o tempo da vida, a constante alternância entre nascer e morrer.

A rápida “danação” que os atos humanos sofrem começa a ser rompida pelo lento movimento de diferenciação frente ao invasor, o holandês.

⁵⁷ Idem. p.70.

⁵⁸ Idem Ibidem.

⁵⁹ Idem. p. 116.

Em suma, dominavam forças dissolventes, centrífugas, no organismo social; apenas se percebiam as diferenças; não havia consciência de unidade, mas de multiplicidade. *Só muito devagar* foi cedendo esta *dispersão geral*, pelos meados do século XVII. Reinóis e mazombos, negros boçais e negros ladinos, mamelucos, mulatos, caboclos, caribocas, todas as denominações, enfim, sentiram-se mais próximos uns dos outros apesar de todas as diferenças flagrantes e irreduzíveis, do que do invasor holandês: daí uma guerra começada e levada sem desfalecimentos, durante trinta anos. Em São Vicente, no Rio, na Bahia, e em outros lugares, por meios diferentes chegou-se ao mesmo resultado.⁶⁰ [Grifo meu]

Lentamente o panorama vai mudando. O primeiro sentimento de possível unidade surge de forma reativa, como contraposição à chegada de um outro que une as forças intestinas. Apesar das diferenças, estavam mais próximos na luta pela expulsão do invasor. A ameaça que vinha junto com os holandeses seria a de que houvesse a perda de liberdade de todos os múltiplos grupos que aqui residiam. Neste momento preciso, Capistrano identifica o movimento da história como um avolumar-se gradual de maneira lenta, tendendo da “dispersão geral” para a unidade.

Ao elaborar sua interpretação do passado, Capistrano observa já a aparição, o nascimento de um sentimento de pertencimento à terra. “Em outros termos, Holanda e Olinda representavam o mercantilismo e o nacionalismo.”⁶¹

Venceu o espírito nacional. Reinóis como Francisco Barreto, ilhéus como Vieira, mazombos como André Vidal, índios como Camarão, negros como Henrique Dias, mamelucos, mulatos caribocas, mestiços de todos os matizes combateram unânimes pela liberdade divina.⁶²

Deste leve momento de contato entre as diferentes raças contra o jugo do holandês, um reconhecimento entre os que aqui residiam, apesar das diferenças irreduzíveis, começava a ocorrer. “Sob a pressão externa operou-se uma *solda*, superficial, imperfeita, mas um princípio de solda, entre os diversos elementos étnicos.”⁶³

Como querendo manter ligados elementos desconectados, incapazes de serem completamente fundidos, utiliza-se da pressão, sob ambos os elementos, como forma de manter uma instável estabilidade, mas que, no caso, não garante a continuidade do conjunto. “Passado o primeiro momento de entusiasmo, os

⁶⁰ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 70.

⁶¹ Idem. p. 96.

⁶² Idem Ibidem.

⁶³ Idem Ibidem.

reinóis quiseram reassumir a sua atitude de superioridade e proteção. Data daí a irreparável e irreprimível separação entre pernambucanos e portugueses.”⁶⁴ Esta solda permanecerá enquanto elemento longo que atravessará os “Três séculos”:

Cinco grupos etnográficos ligados pela comunidade ativa da língua e passiva da religião, *moldados* pelas condições ambientes de cinco regiões diversas, tendo pelas riquezas naturais da terra um entusiasmo estrepitoso, sentindo pelo português aversão ou desprezo, não se prezando, porém uns aos outros de modo particular – eis *em suma* a que se reduziu a obra de três séculos.⁶⁵ [Grifo meu]

A natureza – sob a forma de ambiente – permanece sujeito. Ainda continua moldando aqueles que com ela mantêm uma relação. Esta interpretação da sociedade retirada do último capítulo de seus *Capítulos* dialoga de maneira íntima com a imagem estratificada da natureza apresentada no início de seu livro, mesmo estando povoada. Capistrano combina o tempo orgânico, que faz com que as múltiplas e diferentes partes do território gradualmente fossem se interligando, com a infundável instabilidade, fruto da permanente possibilidade de dissolução que acompanha a História do Brasil. A luta da sociedade sem “formadores de tradição”, impedindo que seus avanços se solidifiquem, acaba por ter de se contrapor a um ambiente natural, que, sem poder ser utilizado de forma fértil, torna-se obstáculo para que avance a comunicação entre as diversas partes do território.

Compreender sua caminhada em capítulos como um padrão de evolução parece ser questionável, conforme a percepção do próprio autor no artigo de juventude citado na primeira parte desta dissertação. Na polêmica com Sílvio Romero, Capistrano questionou-o pela sua colocação de que no final do período colonial haveria uma maior coesão e investimento manufatureiro, demonstrando maior sapiência do governo português. Citando-o:

Outra singularidade, e esta mais desculpável, é dizer que nos fins do século passado o regime colonial foi mais sábio. Ignoro o que o autor entende por mais sábio. Se é aquele que deixa a riqueza acumular-se, a indústria desenvolver-se, o comércio expandir-se, o progresso consolidar-se, sua proposição é inexata. Com o correr dos tempos o regime foi se tornando cada vez menos sábio.⁶⁶

⁶⁴ Idem. p. 97.

⁶⁵ Idem. p. 213.

⁶⁶ ABREU, João Capistrano de “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro”. In: *Ensaio e Estudo 4º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Para além da permanência da atrofia do “fator exótico” português, a possibilidade de que “as forças centrífugas” tivessem aumentado sua ação é permanente em suas considerações. A incoerência da utilização dos recursos, quando afirma que o regime tornou-se “menos sábio” na Colônia, afirma-se enquanto crítica à idéia de evolução do sistema colonial.

Um país que não funda o *antigo* – “sem formadores de tradição” – carregará consigo o gérmen da infertilidade presente em todos os seus atos. Será suscetível ao ritmo temporal orgânico que o fará labutar entre atos que não possuem longevidade, pois estão sempre próximos de seu fim. O tempo histórico orgânico, presente nos *Capítulos de História Colonial* dá um tom de lentidão, de arrastamento ao longo de todo o livro; como se nada se estabilizasse, mesmo “três séculos depois”. Conforme afirma Capistrano, “Um indivíduo podia tentar uma empresa e levá-la a bom êxito; com a sua ausência ou com a sua morte perdia-se todo o trabalho, até vir outro e continuá-lo passados anos, para afinal colher o mesmo resultado efêmero”.⁶⁷

Desta maneira, Capistrano une início e fim da trajetória colonial, através da dispersão dos atos e do caráter fragmentário, o que gerou a permanência da sensação de transitoriedade mantida entre aqueles que aqui residiam; “não havia progresso definitivo”.⁶⁸ Sempre próximo do sobrevir, o país não é o país do futuro, das terras generosas que nos canta o primeiro cronista, mas demanda uma específica forma de ação, capaz de unir a experiência coletiva, sendo guiada por um horizonte comum.

1.4 Natureza e História

A maneira de Capistrano conceber a história teve em Ranke um importante referencial teórico, considerando-o como “aquele que renovou a fisionomia dos estudos históricos”.⁶⁹ Muitas foram as cartas em que Capistrano

⁶⁷ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 212.

⁶⁸ Idem Ibidem.

⁶⁹ Para este ponto, ver principalmente suas cartas para Guilherme Studart e Afonso Taunay. In: ABREU, João Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu* Vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

tomou o método de crítica das fontes como elemento imprescindível do seu ofício de historiador.⁷⁰ O método deste autor alemão associava erudição e escrita, narração e explicação; considerava a história uma ciência positiva, sem, no entanto, procurar estabelecer leis nem causalidade geral. O processo histórico, diferente do processo total do mundo, era um campo perfeitamente estável, povoado por objetos discretos (seres humanos, cada qual individualmente constituído por Deus) que se juntavam e se combinavam em diferentes entidades (povos, também individualmente constituídos por Deus), que, por sua vez, criavam instituições específicas (Igrejas e Estados) para a realização de seus destinos como nações. Nestas duas instituições encontram-se os instrumentos através dos quais as energias sem direção dos povos podem ser canalizadas para projetos humanamente benéficos. Instituições que, no caso do autor, foram fundadas por Deus para impor ordem a uma humanidade desregrada.⁷¹

Na gramática histórica de Capistrano de Abreu, a completa ausência de instituições fundadoras, seja o Estado, seja a religião, ou até mesmo o passado, como possibilidade de compor certa regulação dos eventos, deixaria um vazio, como se os diferenciados atos não estivessem direcionados a um foco comum. A Natureza, então, seria (des)ordem na experiência colonial. Ela aglutinaria, em si, as forças da ordem e da desordem que constituem o embate a ser travado pela ação humana. No compasso em que as diferenciadas regiões foram povoadas, a narrativa histórica tornou-se lenta, assim como as imagens das mudanças sofridas pelos próprios grupos etnográficos que, através do processo histórico, acordam da “hibernação”.

Devido ao lugar central que a Natureza possui como referência para pensar o Brasil, Capistrano necessitou buscar na geografia uma forma de instrumental científico para lidar com a questão. O encontro com Ratzel terminou tendo profundo impacto em sua maneira de compreensão do estudo da história. A partir da relação íntima entre a sociedade e as condições ambientes, cada

⁷⁰ Para uma abordagem aprofundada deste ponto ver ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Ronda Noturna: Narrativa, Crítica e Verdade em Capistrano de Abreu” In: *Revista Estudos Históricos* Vol 1, 1988 e FALCON, Francisco José Calazans. “As Idéias e Noções de ‘Moderno’ e de ‘Nação’ nos textos de Capistrano de Abreu. Os Ensaios e Estudos, 4º série comentados” *Acervo. Revista do Arquivo Nacional*. v 12, n.1-2, 1999.

⁷¹ Seguimos aqui as reflexões acerca da filosofia da história de Ranke presente em WHITE, Hayden. *Meta-História. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Iedusp, 1994. pp. 232-257. Ver Também COLLIOT-THÉLENE, Catherine *Le Désenchantement de L’etat*. Paris: Gallimard, 1992.

localidade deveria comungar com as condições ambientes de que cada espaço físico lhe dotaria e seu desenvolvimento ocorreria a partir da intervenção dos homens naquelas localidades.⁷² O estudo da distribuição das sociedades humanas sobre o globo constituiria um segundo campo de interesses. Para a localização atual dos grupos, dever-se-ia adicionar a investigação de sua mobilidade passada, buscando levantar suas áreas originárias e seus itinerários.⁷³

O capítulo “O Sertão” dos *Capítulos de História Colonial*, de Capistrano, dialogou com este referencial teórico. “A invasão flamenga constitui mero episódio de invasão da costa.”⁷⁴ Como forma de questionar valores derivados de uma “ocupação” que não tivesse interagido com o ambiente ao seu redor, que não fosse capaz de germinar em relação íntima com aquilo que lhe precedeu, o ambiente, iniciou-se um texto no qual “o povoamento do Sertão” deixa na sombra a “ocupação’ da costa”. Assim, “achar comunicações com o Brasil”, independente do “capricho das monções”, foi a busca constante por tentar se libertar, através de ações que seguissem rigor metódico e linear, do humor variável da Natureza, traduzida na diversidade do território.

Aqui houve logo tentativas de povoamento: ainda hoje existem vilas fundadas na quarta década do século XVI, mas os colonos tiveram pela frente a mata virgem, os rios encachoeirados, as serranias ínvias, não souberam vencê-los e só impulsionaram a História do Brasil quando os *venceram*... Outros pontos, *esperam ou estão esperando* as vias férreas.⁷⁵ [Grifo meu]

Matas, rios e serras: obstáculos a serem vencidos que possibilitariam a sutura dos diferenciados espaços e impulsionariam a História do Brasil. O povoamento do território definiria o que deveria ser narrado, designando a importância do eixo espacial. Ao mesmo tempo, designaria a importância da ação dos homens em superar um dos efeitos da “atrofia das funções” causada pela

⁷² RATZEL, F. apud MORAES, Antonio Carlos Robert (org) “Introdução” In: *Ratzel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. 1990. p. 74.

⁷³ A incidência das preocupações ratzelianas, entretanto, não dizem respeito somente ao universo da geografia. A antropologia e a política também são abarcadas pelo seu pensamento. A própria existência do estudo geográfico é justificada, na argumentação ratzeliana, em nome de uma meta teórica mais ambiciosa que almejava uma explicação global da humanidade. MORAES, Op. Cit.

⁷⁴ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 98.

⁷⁵ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 40.

Natureza: a vastidão do território. Exceção para a Amazônia, por questões geográficas e a presença de rios caudalosos, “a solução foi o gado *vacum*”.⁷⁶

Ao compasso do afastamento do gado, novas passagens e novos caminhos iam sendo trilhados. Basta citar o de Jacobinas e a passagem do Juazeiro, pelo qual pautou-se uma estrada de ferro. Com o crescimento da cachoeira e o impulso do plantio de fumo, abriu-se um ramal importante em busca do baixo Paraguaçu.⁷⁷

Enquanto solução imediata para o problema de escassez de mantimentos, o gado passou a elemento fundamental na abertura de comunicações entre os diferentes centros de povoamento. Capistrano compôs, através da narrativa histórica, um território que gradualmente vai ganhando adensamento com o povoamento que ocupou zonas antes ermas. Uma expansão para dentro – sob um ritmo lento – criando uma dinâmica econômica simples e própria. “Perdeu assim os terrores a viagem ao sertão, e cerca de 1690 havia antes motivos a aconselhá-la.”⁷⁸

Conforme afirma Denise Bottman, além da união do território, o que esta imagem representa é a inexistência de um princípio organizador especificamente humano.⁷⁹ Ao aludir a um tipo de adequação econômica às condições naturais existentes, Capistrano caracterizou a capacidade de intervenção humana no meio, através de sua integração com ele, e acusou, também, a existência de uma modelagem por parte do ambiente que se apresentou através da utilização de uma economia naturista que atravessa todo capítulo.

Este tipo de economia seria a expressão de uma cultura particularista praticada no Sertão. Importante notar que, ao longo dos *Capítulos*, a intervenção da Coroa se faz mais latente após terem sido superadas as limitações iniciais ao povoamento. Por isso, uma cultura particularista terminou por predominar no interior e compor um cenário onde o valor da propriedade era exaltado, sendo demonstrado através do recurso intenso dos brasileiros à violência como forma de

⁷⁶ “O gado *vacum* dispensava a proximidade da praia, pois, como as vítimas dos bandeirantes, a si próprio transportava das maiores distâncias, e ainda com mais comodidade; dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer pela pobreza das matas sem as quais as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, consideração de alta valia num país de população rala; quase abolia capitais, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se sem interstício...” Idem. p. 124.

⁷⁷ Idem. p. 126.

⁷⁸ ABREU, Capistrano de *Capítulos de História Colonial* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977 p. 129.

⁷⁹ Seguem-se, aqui, as reflexões de Denise Bottman In: *Padrões explicativos na historiografia brasileira*. São Paulo: Unicamp, 1985. p. 64.

mediação de seus conflitos.⁸⁰ Sem centro organizador comum, sem experiência fixada, sem linearidade em seus atos ou ação incorporada, permaneceram à mercê de decisões que ainda os levaram a serem moldados pelas particularidades de cada espaço geográfico. “Muito tempo viveu esta gente entregue a si mesma, sem figura de ordem nem de organização.”⁸¹

A ausência de foco comum, constituída por esta gente “entregue a si mesma”, gerou fraqueza na agência humana. Apesar disto, o conjunto de eventos que foram ocorrendo, ao longo do período colonial, gerou, gradualmente, um instante em que os múltiplos acontecimentos proporcionaram uma alteração significativa que particularizaria os colonos. Por isso, dirá Capistrano de Abreu:

Os triunfos colhidos em guerras contra os estrangeiros, as proezas dos bandeirantes dentro e fora do país, a abundância de gado animando a imensidade dos sertões, as copiosas somas remetidas para o governo da metrópole, as numerosas fortunas, o acréscimo da população, influíram consideravelmente sobre a *psicologia* dos colonos. Os descobertos auríferos vieram completar a obra. Não queriam, não puderam-se reputar inferiores aos nascidos além-mar, os humildes e envergonhados mazombos do início do século XVII. Por seus serviços, por suas riquezas, pela magnificência da terra natal contavam-se entre os maiores beneméritos da Coroa portuguesa.⁸²[Grifo meu]

Através da elaboração histórica de Capistrano, em um dado momento, um conjunto de eventos gerou a formação psicológica de cada brasileiro. A guerra dos Emboabas ganhou foros da primeira manifestação pública desta expressão que teve uma reverberação psicológica. Apesar da preponderância do eixo espacial que se manifesta na constante preocupação com o território e com os caminhos e seu povoamento, o lugar da psicologia nos *Capítulos de História Colonial* merece uma apreciação mais cuidadosa, ainda não proporcionada pelos estudiosos de sua obra.

Cabe, deste modo, fazer algumas considerações acerca de uma das principais leituras que Capistrano utilizou para entender psicologia: Wilhelm Wundt. Abreu irá se referir à “grande obra sobre a psicologia dos povos” do autor alemão, em muitas de suas cartas, como um instrumental para pensar a alteração psicológica na trajetória da nação. Como dirá em carta a Mário de Alencar, datada de agosto de 1901, momento de reunião de leituras para compor os *Capítulos de*

⁸⁰ “A morte de gente miúda não se levava em conta, mas um dia os forasteiros mataram José Pardo, paulista poderoso, e seus patrícios começaram a se armar.” ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.149.

⁸¹ Idem. p.131.

⁸² Idem. p. 148.

História Colonial: “Tenho estado lendo coisas diversas, um livro de Wundt sobre psicologia, necessário para entender a psicologia dos povos, de que já tenho dois volumes.”⁸³

Ao pensar o indivíduo, Wundt aceitou a idéia, proveniente de Spinoza, de que existe um paralelismo psicofísico na formação da mente humana: cada evento físico tem contrapartes mentais, e cada evento mental tem contrapartes físicas. Assim como grande parte daqueles que se interessaram por psicologia experimental e a pensaram de maneira indissociada da fisiologia, concentrou suas investigações no estudo da sensação e da percepção. “Era o objeto de estudo desta Psicologia a experiência consciente, assim como a sua tarefa a investigação experimental da estrutura da consciência.”⁸⁴ O que o autor conceberá como “Consciousness” se origina das sensações, mas nunca seria dado em estado puro como átomos fragmentados, mas em estado já combinado em representações. Entre ambos, contudo, não existe uma relação imediata. As numerosas experiências elementares seriam organizadas num todo por esse processo de síntese, o qual diz, em essência, apontaria para a combinação de elementos, criando novas propriedades.⁸⁵ Ou seja, a percepção é um processo ativo.⁸⁶

Isto nos direciona ao seu trabalho de dez volumes, intitulado *Elemente der Völkerpsychologie* [Elementos de Psicologia dos povos], livro que Capistrano possuía. A Psicologia dos Povos trataria da investigação dos diferentes estágios do desenvolvimento mental da humanidade. Neste trabalho, o autor alemão somava a psicologia com a história, a lingüística, a etnologia, a filologia e a antropologia, para pensar o instante em que os diferenciados eventos revelam “os desenvolvimentos psicológicos gerais que se levantam da conexão dos indivíduos”.⁸⁷

Capistrano chamaria tal conjunto de eventos que terão reverberação na psicologia colonial de “transfiguração”, nos *Capítulos*. O instante em que ocorre a expressão da diferença brasileira ante ao reinol, a lenta superação do

⁸³ ABREU, Capistrano *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.203.

⁸⁴ SCHULTZ, Diane. *História da Psicologia Moderna* 4º ed. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 65.

⁸⁵ WUNDT, Wilhelm. *Outline of Psychology*. Leipzig: Engelmann, 1896 apud *Stanford Encyclopedia of Philosophy* site <http://plato.stanford.edu/> pesquisa realizada em 20/04/2007.

⁸⁶ Pesquisa realizada na *Stanford Encyclopedia of Philosophy* no site <http://plato.stanford.edu/> pesquisa realizada em 20/04/2007.

⁸⁷ O autor diferencia especificamente a *Völkerpsychologie* do que considera caráter étnico em WUNDT, Wilhelm. *Elemente der Völkerpsychologie* apud WUNDT, Wilhelm. *Evolución de las filosofías de los pueblos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1929.

“transoceanismo”⁸⁸. Esta diferenciação ocorre através da compreensão do “segredo do brasileiro”⁸⁹, uma transfiguração que ocorre gradualmente e se torna presente ante as diferentes ações que derivam do movimento constante entre “formação e dissolução”; a manifestação sensível da idéia expressa pelo processo histórico. Conforme afirma Daniel Pereira, “o enredo da história do Brasil para Capistrano era a lenta e progressiva afirmação do sentimento de superioridade à metrópole e a superação do transoceanismo”⁹⁰.

Apesar da “transfiguração psicológica” ter possibilitado a superação do transoceanismo, a incapacidade de associação coletiva permaneceria sendo a tônica ainda não superada ao longo do três séculos. O tempo das modificações empreendidas por cada localidade submerge na lentidão de todo o processo histórico que expressa o conjunto dos eventos durante o período. O conjunto de alterações não foi capaz de pacificar a sensação de *inacabamento*.

Isto nos leva a outra questão. Esta leitura das fontes mobilizadas pelo autor para entender a psicologia colonial são importantes para a compreensão de quais traços são os caracterizadores da psico-sociologia. São estes traços que adquirem certa autonomia e maior relevância para a definição do agente capaz de maior ou menor possibilidade de se sobrepôr às injunções do meio. A preponderância da vontade aliada ao uso das faculdades racionais, estando a serviço da nação, faz com que ocorram relações de maior complexidade com o meio, proporcionando a menor submissão do homem às particularidades naturais de cada região geográfica.

Ao longo do livro, a narrativa histórica é composta através do conjunto de eventos que caracterizam o período colonial e o específico diagnóstico acerca da ausência de metrificação e incapacidade de levar seus empreendimentos aos fins últimos. A crítica ao fato de que somente “movimentos improvisados” têm triunfado dota as afirmações de Capistrano de um caráter pedagógico, por contraste na narrativa, entre presente e passado. Assim, a discussão se direciona para a importância da *vontade* na constituição da experiência histórica coletiva.

⁸⁸ Em um artigo de juventude “Aspectos da Literatura brasileira contemporânea” proporá como o transoceanismo a sensação de inferioridade frente ao português. In: ABREU, João Capistrano de. *Ensaios e Estudos* 1ª Série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

⁸⁹ “Por toda parte transparece o segredo do brasileiro: a diferenciação paulatina do reinol, inconsciente e tímida ao princípio, consciente, resoluta e irresistível mais tarde, pela integração com a Natureza, com suas árvores, com seus bichos e o próprio indígena.” In: ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.163.

⁹⁰ PEREIRA, Op. cit. p.157.

Este seria um elemento valorizado em Wundt enquanto um dos componentes fundamentais para a constituição de uma comunidade⁹¹, estando presente, nos *Capítulos de História Colonial*, na figura do jesuíta.

Ainda não é a hora de aprofundar reflexões acerca da imagem do jesuíta elaborada pelo autor, mas esta ausência de vontade virá atrelada aos eventos que não seguiram guiados pelo “sentimento nacional”, gerando a sensação de imprevisto e disritmia que assola o conjunto dos atos ocorridos durante o período colonial.

Ao final do capítulo “O Sertão”, Capistrano analisa quase em tom de assombro:

Como nada transpirou até o momento decisivo dificilmente se compreende; não se sabe o que mais admirar, se a manha da gente mascatal, se a cegueira da nobreza, e ganha foros de verossímil a história contada depois pelos mascates de que nada se previra, nada se preparara, tudo *surgira de momento. Até hoje só tem triunfado no Brasil movimentos improvisados, que dispensam longas combinações e prodigalidades cerebrais.*⁹² [Grifo meu]

Esta sensação de imprevisto será um dos elementos longevos, uma das permanências do período colonial que ainda serão sentidas no presente de Capistrano. A sensação de que tudo o que ocorreria era momentâneo e acontecia de forma atribulada, pautada por uma relação imediata que “dispensa longas combinações” e “prodigalidades cerebrais”. Uma imagem do presente no passado que questionava o fato do passado, apesar dos diferenciados períodos históricos, não ter sido *ultrapassado*.

1.5 A ausência presente

Todas as análises empreendidas até aqui caminharam na trilha de tentar compreender aquela crítica fina que caracterizou as ponderações de Capistrano nos *Capítulos*. Um personagem – muito pouco citado por seus comentadores – é caracterizado como aquilo que parece ter sido a única experiência positiva ao longo de todo o período colonial: os jesuítas. Desde sua chegada à colônia, estes parecem ser os únicos personagens capazes de empreender algum equilíbrio, alguma harmonia dentro deste disruptivo espaço.

⁹¹ WUNDT, Wilhelm. *Elementos de Psicologia de los Pueblos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1926. p.455.

⁹² ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 155.

Em companhia do capitão-mor vieram seis jesuítas, os primeiros mandados a este continente sobre cujos destinos tanto deveriam mais tarde pesar. Completaram harmonicamente a administração, pois tanto como Tomé de Sousa ou Pero Borges, o padre Manuel da Nóbrega obedecia ao *sentimento coletivo*, trabalhava pela unidade da colônia, e no ardor de seus trinta e dois anos achava ainda pequeno o cenário em que se iniciava uma obra sem exemplo na história.⁹³ [Grifo meu]

Ao nome desta ordem, a dos jesuítas, associa com freqüência atributos de certa linearidade capaz de empreender alguma obra longeva. Os jesuítas foram aqueles que mantiveram o vínculo de suas ações com a expressão daquela unidade territorial e do sentimento coletivo; completaram “harmonicamente”, mas com “ardor”, uma “obra” capaz de ser contada e ser transmitida para a posteridade. Encarnavam, precisamente, o que faltava ao seu presente e ao seu passado.

Mas, desde seu desembarque, a tarefa não parecia ser fácil. “Seus esforços perdiam-se na indiferença ou hostilidade de outros eclesiásticos”, assim escreveria Capistrano, no capítulo “Capitanias da Coroa”, no qual a chegada dos jesuítas foi abordada de maneira mais minuciosa. Ao longo de toda narrativa histórica, seus atos foram apresentados como opostos aos dos colonos que aqui residiam. Frente ao clima de plena desordem e choques intestinos, os jesuítas atravessaram todo o processo histórico mantendo a capacidade de ação e linearidade. Frente à barbárie e ao desconcerto, primaram pela perseverança e pela obstinação.

Esgotaria todos os préstimos dos Brasis fornecerem matéria-prima para a mestiçagem e para os trabalhos servis, meras máquinas de prazer bastardo e de labuta inoportável? Se não com palavras, isto afirmavam os colonos de modo menos ambíguo por atos repetidos em pertinácia invariável. Ora, os jesuítas representavam outra concepção de natureza humana. Racional como os outros homens, o indígena aparecia-lhes educável.⁹⁴

Esta outra concepção de Natureza humana foi capaz de observar o que os outros não viram. Estes padres missionários puderam olhar o indígena como aquele que ainda permaneceria em certa infância, como uma tábua rasa. “Na tábua rasa das inteligências infantis podia-se imprimir todo o bem, os adultos e

⁹³ Idem. p. 46.

⁹⁴ Idem. p. 50.

velhos... poderia-se aparar as arestas.”⁹⁵ A concepção jesuítica de “natureza humana” investiu o índio de uma humanidade que até então lhe fora e continuaria a ser negada pelos colonos. Para os colonos, os índios se reduzem a fornecer “matéria-prima para a mestiçagem e para os trabalhos servis, meras máquinas de prazer bastardo e de labuta inoportável”.⁹⁶ Para os jesuítas, ainda que “natural”, o índio era homem. Na tábula rasa de sua inteligência era possível imprimir o bem através da educação e o “amorfo da alma selvagem” poderia adquirir uma forma racional. Deste modo, o elogio desta postura por parte dos jesuítas, em tal passagem, explicita o lugar natural que os índios irão possuir ao longo de todo *Capítulos*. O propósito de dominar o meio e submeter as forças naturais ao desígnio histórico-racional estaria presente em sua argumentação de maneira geral. As condições para que um domínio técnico prático se convertesse em domínio histórico se apoiariam sobre um fator último, que seria a força da vontade humana aliada ao seu entendimento. A Natureza é um ponto de desterro da história humana onde sempre se há o risco de retornar.⁹⁷

Abreu construiu uma narrativa em que atribuiu grande importância às missões e aos jesuítas no período colonial. Esta valorização da sua presença na Colônia e de suas ações metricamente pensadas vinculou suas reflexões acerca deste grupamento àquela visão de mundo profundamente crítica da possibilidade de que a diversidade do espaço e a ausência de metrificação dos atos humanos pudessem vir a gerar uma nação. Aquela natureza humana diferenciada, que parece possuir todos os atributos caros ao polígrafo Capistrano, seria marcada por feições particulares do espírito. A energia e o sangue frio dos jesuítas foram contrapostos à ausência de corporação e à incapacidade de trabalho metódico, a permanência antropogeográfica – fruto da herança indígena – que atravessa mais de três séculos.

A catequese seria a principal obra deixada pelos jesuítas.⁹⁸ “Esta catequese grandiosa não consistia simplesmente em verter as orações da cartilha para a língua geral, fazê-las repetir pela multidão ignara, submetendo-a a observância

⁹⁵ Idem. p. 165.

⁹⁶ Idem Ibidem.

⁹⁷ Esta percepção da natureza como desterro pode ser encontrada e aprofundada em uma dada leitura particular de alguns aspectos de Capistrano in BOTTMAN, Denise. *Padrões explicativos na historiografia brasileira*. São Paulo: Unicamp, 1985.

⁹⁸ Em carta enviada para João Lúcio Azevedo (14/04/1918) Capistrano deixará claro “Entre os colonos e os jesuítas minha posição é bem definida: sou pelos jesuítas.” In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 95.

maquinal do culto externo.”⁹⁹ A profunda sensibilidade em notar que o indígena era um diferente importante para a composição do mesmo que estaria em nosso horizonte futuro – a nação – instigou a atenção do historiador. Assim, o ataque às reduções causa muito mais espanto e a resistência indígena, maior admiração. “Houve alguns salteios contra as reduções desde o seu começo, mas a energia e o sangue-frio dos jesuítas contiveram os arreganhos dos mamelucos.”¹⁰⁰

Seria através dos olhos de um jesuíta – João Antonio Andreoni – que Capistrano conseguiria captar a mais clara imagem do período colonial. Em seu livro *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, este padre jesuíta, que foi reitor na Bahia, traçou um retrato da sociedade colonial. Mas não qualquer retrato – como os outros utilizados ao longo do livro. Suas observações acerca da economia colonial possuíam a tonalidade de serem quase uma revelação. Através da precisão das observações do padre, o livro apresentava uma forma direta, capaz de dialogar e surpreender os brasileiros que a ele tivesse acesso. “Sem amplificações, em forma tersa e severa, adunava algarismos e mostrava o Brasil tal qual se apresentava à visão de um espírito investigador e penetrante.”¹⁰¹ A obra de Andreoni, dividida em cinco partes, tratou de engenhos e açúcar, de fumo, minas e gado no início do século XVIII. O livro descortinou o que estava velado e ao mesmo tempo diante dos olhos daqueles que residiam na Colônia.

Sob a arquitetura composta de forma precisa pelo benemérito jesuíta, algo se revelava de maneira palpável e precisa. O governo metropolitano, que acabou por confiscar os exemplares, sob o pretexto de que seriam a expressão de um segredo aos estrangeiros, na verdade apenas queria esconder o que já estava ante os olhos: “o livro ensinava o segredo do Brasil aos brasileiros, mostrando toda a sua pujança, justificando todas as suas pretensões, esclarecendo toda a sua grandeza.”¹⁰²

A imagem do jesuíta como aquele que percebeu aquilo que esteve vedado aos olhos de outros é fruto, principalmente, de certa ética que o historiador cearense observa nos mesmos. A disposição por manter convicção acerca de uma idéia e segui-la, a capacidade de metrificar seus atos e propor uma relação

⁹⁹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 102.

¹⁰⁰ Idem Ibidem.

¹⁰¹ Idem. p.160.

¹⁰² Idem. p. 162.

orgânica com o mundo através de um trabalho que ocorra de maneira linear. Esta profunda valorização da tradição jesuítica – chegando até mesmo a dizer que “sem uma história dos jesuítas será impossível escrever a história do Brasil” – faz com que o livro se remeta mais uma vez a certo apelo à idéia de *ordem*.

A doutrina jesuítica seria o exemplo particular da ética capaz de uma ação interventora no mundo – agir em favor do “sentimento coletivo” – mas com a recusa aos hábitos mundanos característicos da Colônia, como o ganho fácil de recursos e a possibilidade de utilização prática e predatória da mão-de-obra indígena. A imagem do jesuíta foi composta como uma sombra, uma sugestão dita num volume bem baixo, como um segredo. Em nenhum momento, entretanto, Abreu propôs a imagem jesuítica como algo a ser exaltado, mas, em diferenciados instantes, os valores a ela relacionados passam uma noção de sobriedade e potência. Esse autocontrole, essa austeridade, teria sido aquilo que permitiu, ao jesuíta Andreoni, captar o ruído que lhe fez notar um segredo, aquilo que escapou ao espírito dispersivo dos colonos, “o segredo do Brasil”. Os jesuítas, desta maneira, são o contraponto àquele distúrbio que atravessa todo o livro, a incapacidade de manter uma ação sistematizada diante do mundo e fazer com que a experiência colonial fosse capaz de romper com a influência passiva da Natureza, a atrofia das funções gerada no primeiro encontro. “A incapacidade de formar convicção firme acerca de um assunto e por ele pautar seus atos.”¹⁰³

Esta permanência seria fruto da influência da Natureza, mas também seria uma peculiaridade do caráter português. Retornando ao início do livro, em “fatores exóticos”, o português que aqui aportou e iniciou a sua interação com o indígena e o meio possuía uma feição particular, um caráter dominante, que atravessou todo o período colonial, como uma peculiaridade dos colonos. O “caráter dominante dos colonos ao começar a era dos descobrimentos” é expresso pelo historiador:

O português do século XV era fragueiro, abstêmio, de imaginação ardente, propenso ao misticismo, caráter independente, não constrangido pela disciplina, ou contrafeito pela convenção; o seu falar era livre, não conhecia rebuscos nem eufemismos de linguagem... Com a rudeza dos costumes que assinala aqueles tempos, a segurança da própria pessoa, família e haveres, dependia em grande parte da força e energia individual.¹⁰⁴

¹⁰³ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 53.

¹⁰⁴ Idem. p. 17.

Este “caráter independente” levou à exaltação da personalidade nas relações travadas entre estes e o mundo, deixando-os à deriva de seus desejos particulares e de seus instintos. A renúncia em manterem uma relação metrificada com o mundo, de que seus atos fossem constrangidos pela disciplina, que seus instintos pudessem ser parcialmente castrados frente um horizonte comum, fez com que possuíssem um espírito característico, que perpassará toda a experiência colonial, e, como observaremos, chegou até seus dias: uma conduta aventureira.

As reflexões de George Simmel em seu texto sobre a “Aventura” são de grande valia para pensar esta feição do português. Por aventura entende-se uma forma de modelagem da substância da vida em que ocorre uma junção particular entre accidentalidade externa e necessidade interior.¹⁰⁵ Ao contrário da atividade consciente de exploração de forças e materiais do mundo para a culminação de propósitos humanos previamente fixados, na conduta aventureira a ação e a passividade encontram-se entrelaçadas. A despeito de seu ser isolado, a aventura possui necessidade e sentido. Apesar de sua natureza accidental, de sua extraterritorialidade com respeito ao contínuo da vida, conecta-se ao caráter de identidade do sujeito desta vida, “transcendendo, por uma necessidade misteriosa, os aspectos mais estreitamente racionais da vida.” A conduta aventureira caracterizar-se-ia por uma combinação peculiar entre os elementos calculáveis e incalculáveis da vida. O elemento incalculável da vida passa a ser considerado da mesma forma que ordinariamente consideramos apenas aquilo que acreditamos ser por definição calculável.¹⁰⁶ As obscuridades do destino não são certamente mais transparentes para ele do que para qualquer outro. “A audácia característica com a qual ele continuamente abandona as garantias da vida despreendendo-as de si mesmo, justifica-se, para ele por uma sensação de segurança que normalmente tem lugar somente na transparência dos eventos calculáveis.”¹⁰⁷

A aventura não significa propriamente a ausência de ação, mas também não envolve esforço continuado e planejado, como a ética do trabalho. Enquanto o trabalhador estabelece uma relação orgânica com o mundo, o aventureiro mantém uma relação inorgânica. Ao aventureiro interessa somente o objeto final

¹⁰⁵ SIMMEL, George. “Sobre la aventura” In: *Sobre la Aventura. Ensayos filosóficos*. Barcelona: Edições Península, 1988. p. 15.

¹⁰⁶ Idem. p. 17.

¹⁰⁷ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 20.

de seus esforços, dispensando os processos intermediários para alcançá-los. Será este português, com “a índole inacostumada à paciência e à reflexão”¹⁰⁸ que nos povoará e deixará suas características na nação que surgirá daquela experiência colonial.

Foi esta característica aventureira que fez com que o português descobrisse os diferenciados continentes e conseguisse “alargar as fronteiras do mundo conhecido”¹⁰⁹, na interpretação de Capistrano. Esta audácia característica do aventureiro franquearia a ação sobre ele do ambiente, assim como das consequências de suas próprias respostas frente a ele. Representaria, pois, um auto-abandono aos poderes acidentais do mundo, a rápida apreensão da chance, da oportunidade, em larga medida negligente, pois conjugaria harmonia e desarmonia juntos. A conduta e a experiência aventureira – diferente da atividade consciente de exploração das forças e materiais do mundo para a culminação de propósitos previamente fixados – as categorias de ação e passividade encontram-se mais intimamente entrelaçadas.

Mas esta conduta aventureira, como orquestradora da experiência colonial, que terminaria por resultar da mestiçagem que nos formou, ao mesmo tempo em que gerou a *extraordinária* capacidade de desbravamento do território, tornando-se uma experiência totalmente diferenciada, quantitativamente mais fértil, como o autor deixa claro no capítulo “O Sertão”, terminou, também, por gerar a sensação de *precariedade* que se aguça ao longo do livro. Neste sentido, configura-se uma situação na qual a ação concertada é até possível, mas somente a partir de ações eventuais e fortuitas, sempre dependente de um motivo de força maior – como, por exemplo, uma invasão estrangeira ou uma revolta capitania – jamais em função de uma norma habitual e universalmente aceita por todos. O imprevisto pareceria atravessar as linhas da composição do texto, como dirá que nas minas de Cuiabá “os bandeirantes viraram mineiros sem pensar e sem querer”¹¹⁰, pois descobriram, simplesmente ao acaso, material precioso. A conduta aventureira foi pautada pela desmedida da audácia em terras do Brasil.

¹⁰⁸ Idem. p. 23.

¹⁰⁹ Idem. p. 24.

¹¹⁰ Idem. p. 139.

O tipo bandeirante poderia ser considerado o melhor exemplo desta ausência de limites impostos ao controle da audácia. Uma “monotonia trágica” constituída pelas ponderações do polígrafo Capistrano no capítulo “O Sertão”:

Faltam documentos para escrever a história das bandeiras, aliás sempre a mesma: homens munidos de armas de fogo atacam selvagens que se defendem com arco e frecha; à primeira investida morrem muitos dos assaltados e logo desmaia-lhes a coragem; os restantes, amarrados, são conduzidos ao povoado e distribuídos segundo as condições em que se organizou a bandeira.¹¹¹

A desconfiança do historiador cearense frente à ação dos bandeirantes e sua incapacidade de sustentar uma experiência coletiva pautada na instabilidade das bandeiras fica notória quando em *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* valoriza a figura dos “conquistadores”. Estes serão os responsáveis por fundarem “centros de povoamento”.

A trajetória colonial nos *Capítulos*, efetivamente caracterizada pela influência do português em seu processo histórico, ao se pautar por essa conduta, levou à caracterização de uma experiência coletiva pautada pela imagem da desmedida que termina por declinar na sensação de constante desconcerto. O “exótico” português iniciou o seu processo histórico de conquista e colonização sendo feita a partir de certo abandono que permaneceria, mesmo após os três séculos de processo histórico, impedindo que a ação humana conseguisse se libertar do humor variável da Natureza. Apesar de terem superado o sentimento de *transoceanismo*, de possuírem a consciência de que são uma nação diferenciada de Portugal, a sensação que o texto passa é de que este período colonial não permite alinhar o período posterior.

A imagem do jesuíta como aquele que escutou o que outros ainda não tinham visto, um segredo, e a permanência psicológica que atravessa três séculos, a “ausência de cooperação”, dispersa em inúmeras passagens ao longo livro termina por explicitar uma imagem fundada no elogio do trabalho sistemático, da ética e do autocontrole. A audácia foi construtiva e desconstrutiva, por isso, diz Capistrano:

Apesar de todos os embaraços criados pelas hesitações da metrópole e pelas paixões da Colônia, a obra de Nóbrega prosseguiu e, na região amazônica, sobretudo, prosperou. Aos missionários foi entregue a administração temporal das

¹¹¹ Idem. p. 100.

aldeias, cuja abastança e fartura excediam às das vilas dos brancos. Não se falava senão das riquezas dos jesuítas, de fato em sua parcimônia, gerência metódica e desapego pessoal figuravam uma magnificência de que levaram o segredo, como depois se verificou.¹¹²

Há a valorização de uma imagem puritana que permeia o olhar de Abreu com relação à forma de compor certa ética do trabalho diante do mundo. Como se sabe, Capistrano era ateu e manteve-se convicto de sua postura até ao fim de sua vida, mesmo após a conversão de sua filha e de toda a sua tentativa de convertê-lo ao catolicismo.¹¹³ O que aqui se concebe como imagem puritana é a manutenção de uma ética da conduta fundadas no metodismo e no autocontrole como a peça fundamental capaz de romper o atraso fundamentado na ausência de cooperação e na incapacidade de manter uma ação convicta acerca de seus atos.¹¹⁴ Esta parece ser a única possibilidade de tentar fazer com que os eventos percam a sua efemeridade.

Esta argumentação nos leva a uma nova questão, pois se torna difícil, nesse contexto, imaginar que este tipo de experiência tenha condições de assegurar muito mais que uma precária e incompleta unidade nacional. A adesão destes múltiplos e dispersos *ethos* anárquicos que tangenciamos na discussão e a superação lenta do transoceanismo, por mais que fosse capaz de gerar uma “transfiguração”, mesmo que notoriamente frágil, gerou um problema. Este reside no fato de que esta identidade, precisamente por que acentua, em vez de diminuir, as divergências entre estes soberanos grupos que são cada um dos grupos etnográficos, termina por ser incapaz de fornecer um critério que permita a completa reunião do país em torno de um princípio comum.

Os *Capítulos de História Colonial*, seguindo este percurso, não terminam com um fechamento programático, com a expressão de uma solução possível para toda aquela grande coleção de imagens fragmentárias caracterizadas nos cinco grupos etnográficos. Termina com um diagnóstico¹¹⁵ que indica que somente um

¹¹² Idem. p. 164.

¹¹³ Sobre este ponto em específico, ver BUARQUE, Virgínia. “Cartas do Claustro” In: Trajetos. *Revista de História UFC*. pp. 137-155 e BUARQUE, Virgínia. *Escrita Singular: Capistrano de Abreu e Madre Maria José* museu do Ceará /Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2003.

¹¹⁴ Aqui o argumento se baseia na ética vocacional do protestantismo In: WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do Capitalismo* 12ªed. São Paulo: Biblioteca Pioneira, 1997.

¹¹⁵ Importante notar a noção de diagnóstico, como um texto que ao invés de ser construído a partir de um conjunto de observações que terminam por ser subsumidas a uma lei geral, se constrói a partir de um conjunto de significantes que geram uma composição inteligível, aproximando-se, assim de uma inferência clínica. Sobre esta arrumação ver GEERTZ, Clifford. *Interpretação das*

centro forte seria capaz de promover uma possível mudança nos atos daqueles que aqui residiam. Mas este centro deverá vir atrelado a certo sentimento de pertencimento, um sentimento coletivo, capaz de evitar que este centro ordenador fosse simplesmente uma solução instrumental, tivesse uma feição exterior às múltiplas feições que, unidas, pudessem ser chamadas de povo.

Contraposto a esta instabilidade, a transposição constante entre nascer e morrer, através de sua leitura dos jesuítas, monta a crítica ao comportamento desenfreado, descentrado, desconectado através da solicitação de uma cultura que encorajasse um temperamento uniforme, assim como firmeza e retidão. A pessoa com um temperamento assim mantém um bom e durável estado de espírito na perseguição de seus próprios fins, respondendo aos atos dos outros e às circunstâncias da vida. A constituição de uma vida interior capaz de fugir do império das paixões da Colônia, mas que não redundasse em ascetismo, e fosse capaz de transbordar para o espaço exterior em benefício dos outros, e na chave semântica dos *Capítulos de História Colonial*, capaz de trabalhar “a favor do sentimento nacional”. Assim, monta-se o elogio da *constância*¹¹⁶ atrelada a um propósito social forte: a capacidade de que a ação humana, na experiência colonial, fosse capaz de fincar raízes profundas e propiciar mudança com progresso.

Na economia do texto, a noção de constância parece servir de ponto de fuga de toda composição do autor. A ausência da constância – exceto para os jesuítas – levou os colonos ao aprisionamento por seus instintos. A incapacidade de manterem-se unidos por um princípio direcionador externo, um sentimento coletivo, os levou à exaltação de certo egoísmo que submetia cada ato aos seus interesses particulares. Tornavam-se, assim, suscetíveis do ritmo natural, do nascer e do morrer, levando suas ações a declinar em ações instrumentais, incapazes de gerar alguma mudança significativa; um agir meramente pulsional guiado por certo egoísmo incapaz da paciência de verem seus atos frutificando.

Algumas palavras de um autor já citado ajudam a aprofundar o ponto: “Egoísmo significa sempre, de forma precisa, uma orientação teleológica – em

Culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989. Devo esta sugestão ao professor Antonio Edmilson que observou esta peculiaridade na produção do período.

¹¹⁶ Segue-se aqui a reflexão minuciosa feita por Leites em diálogo com o trabalho clássico de Weber. LEITES, Edmund. *A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

direção a uma reação qualquer do eu – e para qualificar uma ação de egoísta pressupomos implicitamente uma orientação deste tipo.”¹¹⁷ Essa qualificação de egoísta está, geralmente, vinculada ao fato de seguir sem contenção seus próprios instintos, sendo que, desta maneira, colocamos sobre ela uma exigência altruísta, que, por não ser satisfeita, faz com que o comportamento pareça egoísta. Mas a orientação teleológica que o comportamento egoísta guarda escapa à natureza da pulsão, pois não é verdade, no plano fisiológico, nem sequer no plano psicológico, que as pulsões representem unicamente adaptações úteis ao sujeito.¹¹⁸ Aos olhos de Capistrano, o exercício do particular, conforme os três séculos de Colônia demonstram, reverberam de forma negativa na experiência coletiva, pois terminam por reiterar aquele panorama intransitivo que ainda permanece desde a primeira paisagem das diferenciadas regiões que serviram de palco para a chegada do português.

A assimilação e a comunhão das “três raças irredutíveis”, em instabilidade profunda e constante possibilidade de dissolução, ocorreu tingida pelas paixões e vícios, pela inexistência de limites em suas ações e pela incapacidade de manterem a convicção em seus atos. A esta perene possibilidade de disjunção, somou-se um território que não foram capazes de moldar, através da ação humana, suas particularidades naturais. Permanecem gerando atos que oscilam entre a possibilidade de ascenderem à história – como a possibilidade de instaurarem comunicações ao longo de todo o território – e de decaírem na mais completa fragmentação e distúrbio político – pois ainda mantêm ações que dispensam grandes “prodigalidades cerebrais”, sem gerência metódica e desapego pessoal – como o cotidiano de seus dias.

Sem “formadores de tradição”, sem “coordenadores de energia”, sem “consciência nacional” e sem se prezarem uns aos outros, o que resta? Efemeridade e inconstância, formação e dissolução.

A diversidade do território, a irredutibilidade das três raças, a existência de uma conduta aventureira, pautada pela desmedida da audácia, faz com que o autor componha uma imagem da sociedade colonial permeada pela mais extrema diversidade dos “cinco Brasis”:

¹¹⁷ SIMMEL, George. “Fragmento sobre o Amor” In: *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993; pp. 114-115.

¹¹⁸ Idem. p.115.

Vida social não existia, porque não havia sociedade; questões públicas tão pouco interessavam e mesmo não se conheciam; quando muito se sabem se há paz ou guerra, assegura Lindley. É mesmo duvidoso se sentiam, não uma consciência nacional, *mas ao menos capitania*, embora usassem tratar de patricio ou de paisano. Um ou outro leitor estrangeiro podia falar na possibilidade da independência futura, principalmente depois de fundada a república dos Estados Unidos da América do Norte e divulgada a fraqueza lastimável de Portugal.¹¹⁹

As diferenças fisionômicas das diversificadas paisagens assumem um caráter contraditório e nada é garantia de que ocorrerá entre elas maior transitividade ou que a contradição entre elas será rompida. A comparação com a república dos Estados Unidos apenas aguça a sensação de ausência.

A experiência colonial não gerou a possibilidade de que a independência ocorresse:

Não se inquiria, porém, o meio de conseguir tal independência vagamente conhecida, tão avessa a índole do povo a questões práticas e concretas. Preferiam divagar sobre o que se faria depois de conquistá-la por um modo qualquer, por uma série de sucessos imprevistos, como afinal se sucedeu. *Sempre a mesma mandrice intelectual* de Bequimão e dos mascates.¹²⁰ [Grifo meu]

Mas após três séculos, e mesmo após a experiência do Sertão, o tom que o texto assume é da mais completa insatisfação frente ao que foi visto. Apesar do eixo mais significativo do texto ser a manifestação de uma consciência nacional que gradualmente aflora, o último capítulo reitera a imagem do primeiro em seu cerne. A intransitividade que caracteriza a Natureza com o indígena no primeiro capítulo é similarmente descrita a partir dos cinco Brasis que nos constituem após três séculos, unidos, apenas, “pela comunidade ativa da língua e passiva da religião”.¹²¹

Após a interpretação de três séculos, a imagem em negativo que o jesuíta representa e a sensação de estabilidade precária que o texto passa parecem nos propiciar captar a visão de mundo de Capistrano. Todos os eventos são tributários de certa desmesura, de uma incontrolável desmedida e ausência de rumo. O processo histórico, iniciado a partir da chegada dos “fatores exóticos” a sofrerem

¹¹⁹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 212.

¹²⁰ Idem Ibidem.

¹²¹ É importante observar como a religião é um elemento praticamente inexplorado ao longo de todo o livro. Apesar da constante referência aos jesuítas, a religião não é considerada um elemento significativo, capaz de imprimir alguma mudança nos instintos dos colonos ou de elo capaz de fornecer uma feição comum em terras tão diversas. Importante lembrar que estudos mais recentes aguçam este ponto da indissociabilidade entre a Cruz e a Espada. BOXER, Charles. *A Igreja e a Expansão ibérica* (1140 – 1770). Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

a influência passiva da Natureza, mudou pouco, muito pouco. Uma pequena transfiguração de uma consciência coletiva, mas que não gerou uma consciência nacional.

A imagem de sociedade apresentada, nesta orquestração, expressa uma concepção de vida social que não impossibilita a admissão das diferenciadas tradições que nos formaram, mas que reforça a crítica acerca das previsões de um futuro promissor. Se a incorporação do argumento neolamarckiano fez com que deixasse de comungar com o mais estrito determinismo biológico, exponencia o diálogo, em certa medida bastante concordante mas que não deixa de operar torções, com a tradição puritana.¹²² Como se os elementos múltiplos que formaram a nação demandassem o elogio das noções de constância e vocação; como a única possibilidade de fazer que a relação parte-todo suprisse, unicamente pela vontade, um vácuo constitutivo incapaz de ser preenchido. O elogio da ética da constância atrelado ao “sentimento nacional”¹²³ é a única possibilidade de superar a ampla gama de eventos imediatos que dispensam “longas prodigalidades cerebrais”.

¹²² A influência do pensamento alemão em seus estudos pode ser um indicativo precioso acerca desta proximidade.

¹²³ Este é um dos indícios da influência de Ernst Renan em seus estudos. Sua grande contribuição passa pela observação de que há um lado sentimental atrelado aos dados materiais formadores de uma nação. Capistrano não tem nenhuma referência explícita sobre a sua obra, mas cita sua leitura em alguns momentos. Mas a referência ao autor francês foi basilar em toda esta geração, principalmente em Eduardo Prado. Para este autor, a leitura de Renan estará associada ao elogio da aristocracia, presente principalmente em *La vie de Jesus*, baseado na idéia de que são os homens melhores – aristocracia – que constroem a civilização. Aqui se pode pensar a noção de responsabilidade social e nacional das elites com relação às suas nações.

2. Presente passado: dissolução

Pretendo voltar à História do Brasil, mas sem gosto, como um boi que vai para o açougue. No prólogo de Fausto há um verso que sempre me comove: como Goethe, não terei o livro lido por aqueles que mais quisera. E, além disso, a questão terebrante: o povo brasileiro é um povo novo ou um povo decrépito? E os fatos idealizados pelo tempo valem mais que os passados atualmente?

Carta a Mário de Alencar¹

Se em um primeiro momento a proposta deste texto foi seguir os pontos principais da argumentação dos *Capítulos de História Colonial*, buscando compreender como se estabelece a sensação de precariedade e inacabamento, fruto da fragilidade da agência humana; neste segundo momento, a análise será um pouco mais direcionada às suas cartas. Esse deslocamento do objeto de estudo, que não ocorrerá por completo, não implica o abandono das questões que foram consideradas na primeira parte deste trabalho, nem diminui a importância dos *Capítulos* para esta argumentação. Pelo contrário, intensifica sua importância na trajetória de vida de Capistrano pelo conjunto de apontamentos que se referem a ele. Além disso, o tipo jesuíta encarna, em sua argumentação, valores que o próprio Capistrano seguia, recomendava e visualizava naqueles que eram objeto de sua admiração, como o conterrâneo José de Alencar, por exemplo. Em outras palavras, há uma imagem do passado constituída em sua narrativa histórica que é parte integrante de sua “automodelagem”.

Conforme as reflexões de Stephen Greenblatt sugerem, ao antropocentrismo renascentista se agregou, no século XVII, uma concepção artesanal de identidade humana, passando-se a tomá-la como um “artefato”, ou seja, como um domínio do homem sobre a natureza. O autor, ao lidar com o período renascentista, analisa que por “automodelagem” deve-se compreender o artifício presente na constituição da identidade do sujeito, como uma específica forma de investimento presente em difusas estruturas de significado, característicos modos de expressão e padrões narrativos recorrentes. “Automodelagem é a versão da renascença dos mecanismos de controle, a criação de um sistema cultural de

¹ Carta de Capistrano de Abreu para Mario de Alencar 18/01/1911 In: ABREU, Capistrano de *Correspondência v. 1* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.226.

significados que cria indivíduos singulares para governar a passagem do potencial abstrato para o histórico”². Nesta senda, pode-se compreender por modelagem a construção de uma personalidade distinta, uma característica que endereça para o mundo, um modo mais consistente de perceber-se e comportar-se³. A modelagem é um investimento construído pelo próprio indivíduo visando uma intervenção no exterior, ao mesmo tempo em que define uma feição para si.

Cabe considerar que Greenblatt pondera acerca da atuação de Thomas More, inicialmente, em tempos inconstantes e incertos, na corte renascentista, onde estavam se remodelando as relações entre intelectualidade e poder. Tempo incertos que Capistrano também vivenciou e estão expressos, de maneira instigante, na pergunta acerca da formação ou dissolução. Esta segunda parte da dissertação matizará, então, a dúvida presente na pergunta que serve de epígrafe para este segundo instante. Inicialmente, será feita a problematização do que Capistrano compreendia como momento de “transição”, os fatos “passados atualmente”. As colocações onde ela se insere caracterizam menos uma possível esperança de futuro, mas a constatação de que vivia um presente movediço, construído pela turva percepção do passado e intuição do futuro, atestado na permanência da sensação de desconcerto. Mas, aguçando a força da pergunta, - acerca da “formação ou dissolução” - ao descrever o solo em que vivia como instável, não questiona simplesmente a ordem objetiva, mas o próprio referencial do observador: o valor do conhecimento histórico.

Em outro instante, mas dialogando de maneira intensa com o precedente, pretende-se investigar os diferentes caminhos pelos quais Capistrano de Abreu modelou sua personalidade em sua epistolografia. Ao privilegiar o período posterior a 1907 argumenta-se, nesta análise, que sua construção de subjetividade investe na constância e na metrificação dos atos, como a maneira privilegiada de se dissociar de um presente assolado pela turbulência e disritmia das ações, tendo na prudência, modéstia e distanciamento valores incorporados ao seu próprio artifício da composição do *self*.

² GREENBLATT, Stephen *Renaissance self-fashioning. From More to Shakespeare*, Chicago & London. 1980. p.3

³ Idem p. 2

2.1 Formação e Dissolução

Apesar da percepção do cotidiano em distúrbio ser uma referência comum durante os anos iniciais do período republicano, uma observação detida na composição dos argumentos de Capistrano permite captar em que sintonia ocorreu aquela pergunta acerca da questão “formação ou dissolução”. A passagem selecionada da carta enviada para Mário de Alencar, anteriormente citada e datada de 1911, está em diálogo com outra missiva enviada ao mesmo interlocutor. Acompanhando-a é possível observar algo do movimento do seu pensamento após 1907. Ao tecer uma resposta à pergunta proposta pelo filho de José de Alencar, explicitava o que pretendia com a língua bacairi, bem como explicitava os problemas que tinha de enfrentar, uma vez que possuía outros projetos concomitantes.

Outro dia trouxe da Biblioteca Nacional os cadernos bacairis que encontrei. Ou apenas uma parte mínima, talvez um sexto. Não voltei ainda para ver se aparece mais, porque, contando sempre com a pior hipótese, adio a decepção. Os cadernos trazidos são exatamente os primeiros que escrevi. Quase todos tem tradução interlinear. Compreendo a gramática melhor que em outro tempo, mas faltam-me muitos significados. Infelizmente não tratei do vocabulário em tempo, nem era fácil, porque substantivo e verbo vêm acompanhados geralmente de prefixos móveis, e qualquer modo de dispô-los alfabeticamente é defeituoso: uma saída seria tomar por base o nosso vocabulário; não me sorriu na ocasião e agora expio.⁴

E terminando por estabelecer um diálogo entre seus campos de estudo – o estudo das tribos indígenas e o aprofundamento em história – Capistrano apontava que:

Na primeira parte do dia tratarei de propor uma nova interpretação dos *Capítulos*. Com o catálogo dos manuscritos do Conselho Ultramarino, começado a ser publicado pelo Cícero vê-se como é prematuro pensar em escrever a história do Brasil. Só conhecíamos os documentos triviais, dos mais importantes, dos fundamentais, só agora se vai conhecendo a existência. Uma pessoa moça, de recursos, que pudesse ir residir em Lisboa, poderia fazer alguma coisa que valesse a pena. Quem sabe se o Brasil está em evolução ou em dissolução?⁵

⁴ Carta de Capistrano para Mário de Alencar 15/09/1915 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v.1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 243.

⁵ Idem Ibidem.

Tanto um trabalho – o estudo do bacairi –, quanto outro – a segunda edição dos *Capítulos de História Colonial* –, não redundariam em textos publicados. Capistrano expunha dificuldades específicas para levar adiante seus intentos. Em primeiro lugar, Abreu se remetia à exigüidade de documentos. Para um autor tão afeito à pesquisa documental, em que a valorização de uma prática excedia o rebuscamento teórico, a ausência quantitativa e qualitativa de documentos era um impeditivo capital para a escrita de uma história geral.

Sem diminuir nem por um instante o alcance desta explicação, creio, porém, que ela deve ser ao mesmo tempo matizada e ampliada, até para que o argumento nela embutido não termine por esvaziar-se diante de uma leitura estritamente pragmática. A pergunta presente na carta para Mário de Alencar trabalha com uma oposição que Capistrano utilizou em sua correspondência, neste momento de sua trajetória de vida. “Evolução” e “dissolução” formam um par que está em relação íntima com “formação”/“dissolução” e “novo”/“decrépito”, conforme suas cartas indicam. Assim, em segundo lugar, a justificativa de Abreu abre espaço para um questionamento outro, acerca da própria forma que o historiador compreendia o processo formativo da nação. Será este o caminho que nosso argumento irá percorrer.

O primeiro passo desse questionamento é incorporar a sugestão de Reinhart Kosseleck: uma das contribuições que a história dos conceitos pode dar para a história social é justamente a utilização dos conceitos como indicadores de mudanças políticas e sociais de modo a alterar o “arsenal lingüístico de todo espaço de experiências político e social estabelecendo novos horizontes de expectativas”.⁶ A mobilização deste modo de compreensão, tendo o conceito de formação como eixo central, permite analisar como diferenciados indivíduos participam de uma comunidade lingüística, com seus contemporâneos e com os que o precederam.⁷

Na ambiência intelectual em que o autor de *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* estava inserido, interlocutores presentes em sua correspondência utilizaram com freqüência o termo “formação” em seus escritos. Oliveira Lima, João Pandiá Calógeras e João Ribeiro foram os exemplos mais

⁶ KOSSELECK, Reinhart. “Historia conceptual e historia social” In: *Futuro pasado Para una semántica de los tiempos históricos*. Barcelona: Paidós, 1989. p. 108.

⁷ Idem. p.111.

ilustres.⁸ Como dirá Oliveira Lima, em seu *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*:

Não quero dizer que a característica dos problemas históricos é permanecerem insolúveis, mas é bem certo que se apóiam sobre suposições e discussões, pois que o papel do historiador é completar o do analista e tentar explicar os feitos da humanidade – e é ainda preciso que eles não sejam inventados – pondo em evidência seus móveis e suas conseqüências, isto é, o espírito filosófico que encerram. A história seria, então, a realidade social, a atividade moral interpretada – exatamente como a arte é a interpretação da Natureza.⁹

Esta filosofia da história como eixo de análise é visualizada, neste autor, através de um dado revisionismo histórico que, a partir da configuração de um discurso monarquista, considera a República como golpe militar, retratando o Império como uma época de progresso e, sobretudo, de unidade territorial e ordem, no que teria sido superior a qualquer outro momento da nossa história.¹⁰ Tanto João Ribeiro como Oliveira Lima, concebem a sociedade ou a nacionalidade, no início do século XX, como um problema passível de ser resolvido. Apesar de uma dada decadência moral, ambos os autores concordam que a instauração de um poder forte e centralizador seria capaz de reordenar um momento em desordem. A noção que utilizam de Império possui uma função moral e vinha imbuída do significado de instrumento capaz de conciliar as facções políticas conflitantes e divergentes da vida interna do Estado, como forma superior de coesão e unificação em relação às entidades em conflito.¹¹

Deve-se, então, problematizar o próprio conceito de “formação”. Ele carrega em si uma relação íntima com a categoria tempo, designando um vir-a-ser capaz de organizar os diferenciados acontecimentos do passado. Mas este rearranjo que os eventos terminam por adquirir se direciona a um determinado horizonte comum, já inscrito na narrativa antecipadamente, pondo em evidência a temporalidade da constituição de um determinado objeto que, em seu fim, adquire

⁸ LIMA, Oliveira. *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* (1911), CALÓGERAS, João Pandiá *Formação Histórica do Brasil* (1930). Patrícia Hansen observa a força deste conceito no livro de João Ribeiro *Historia do Brasil. Curso superior* (1901) A autora já havia observado este ponto, sendo que elenca obras com as quais o autor aqui analisado não dialoga. In: HANSEN, Patrícia. *Feições e fisionomia. A História do Brasil de João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Access, 2000. p. 80.

⁹ LIMA, Oliveira. *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* 2^oed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. p. 144.

¹⁰ Sobre esta perspectiva em Oliveira Lima Ver: MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru: EDUSC, 2000.

¹¹ HANSEN, Patrícia. *Feições e fisionomias do Brasil. História, Cultura e Nação na História do Brasil Curso Superior de João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Access, 2000. p. 104.

determinada forma.¹² Os elementos que darão significado à idéia de formação e determinarão o seu ritmo são passíveis de serem visualizados no tempo de vida do autor. Assim, há uma teleologia composta que este conceito denota, principalmente conforme utilizado pelos autores citados, que faz com que a utilização do conceito de formação da nação venha associado à função pedagógica do conceito em seus textos. Ou seja, formação é um conceito pleno de sentido e pacificado. A nação se insere em uma narrativa capaz de ser contada, capaz de dotar de sentido o conjunto das ações dos homens a que se refere, o que permite compreender a pergunta sem resposta feita por Capistrano como um questionamento imediato de certo tipo de apreensão da palavra e seu referencial empírico, materializado sob a forma de uma trajetória para a nação.

Abreu foi um pertencente da chamada “geração de 1870”¹³, uma geração que encarou com profunda desconfiança a sensação de incerteza composta a partir da desagregação das instituições do regime imperial e a fragilidade inerente à composição do advento da República. Em contraste com a definição anterior, a questão “terebrante” – uma reflexão sobre o problema da formação nacional – seria um problema intransponível da história e que seria herdado, apesar de inúmeras particularidades, por intelectuais do início do século. Este contexto nos direciona, imediatamente, para a assincronia existente entre Estado e nação nas ponderações de Capistrano.

Em busca de um caminho capaz de enfrentar esta questão, concebendo-a como um tema transversal que permeia todos seus textos, nos reportamos aos escritos que analisaram as experiências ocorridas após o período colonial. Mesmo não tendo sido escrito no período aqui analisado – os textos após 1907, ano da publicação dos *Capítulos de História Colonial* – é de fundamental importância

¹² Patrícia Hansen observa esta noção de formação empregada por João Ribeiro em sua análise do texto *História do Brasil. Curso Superior*. Ver HANSEN, Patrícia *Op. cit.*

¹³ Conforme Ângela Alonso analisa, a chamada “geração de 1870” foi composta de um grupo socialmente heterogêneo cujos integrantes viveram um clima de “marginalização política”, sendo esta a chave para entender o sentido de suas manifestações intelectuais. A identidade do movimento intelectual estaria, assim, composta menos por uma adesão a um determinado corpus doutrinário e mais a uma postura de crítica à tradição imperial e às suas instituições centrais. In: ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento. A geração de 1870 na Crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Apesar da excessiva valorização do argumento político, a observação da autora do conjunto de questões partilhadas por esta geração nos sugere uma reflexão sobre aquela desconfiança no olhar que nos propomos a compreender.

inserir um artigo que apresenta questões acerca do século XIX.¹⁴ Em seus *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, após descrever como ocorreu o povoamento durante o período colonial, Capistrano pondera como aconteceu o transplante do centro de governo político.

Por circunstâncias conhecidas, a corte portuguesa transplantou-se, e ficou intrínseco o centro que estava fora. Treze anos reinou D. João VI, dez anos reinou D. Pedro I, e tão suave começou a convergência entre as partes, e tão naturalmente ocorreu o processo de unificação que, apesar das revoluções profundas realizadas nestes dois reinados, tudo se pautou por uma evolução gradual e legítima. Tão cimentada ficou a obra nacional que desafiou as crises que acompanharam a regência e ainda entraram pelo segundo reinado.¹⁵

Esta passagem dialogava com outra presente em um artigo escrito em 1903. Em texto que trata basicamente do século XIX, publicado primeiramente na Gazeta de Notícias com o título de “Duque de Caxias”, Abreu reconstruiu o processo em que ocorreu a gradual unidade da pátria no século XIX. Após comentar a saída do rei D. João VI, deixou claro a possibilidade de dissolução aberta com esta mudança política. “A retirada do velho rei para a Europa foi o despertar de um sonho agradável que durara treze anos. Metrôpole e reino, o Brasil voltava a Colônia.”¹⁶ Como um todo, o artigo buscou a compreensão do século e da unidade, através de acontecimentos políticos, após nomear a figura de Caxias como um dos maiores responsáveis pela manutenção desta unidade política da nação. Em um dado momento, passou a narrar o decênio de 1850, como um momento privilegiado da história pátria.

Foi um decênio memorável o de 50. O imperador contava vinte e cinco anos e a nação sentia-se igualmente moça. Terminara o período revolucionário, guerras estrangeiras felizes varreram a atmosfera, a extinção do tráfico tolhia novos insultos da soberania nacional, encurtava a distância do velho mundo com a navegação a vapor do Atlântico. Mauá canalizava milhões esterlinos, silvavam as primeiras locomotivas; as letras rasgavam os clássicos andrajos coloniais; falava-se em ópera nacional, em teatro nacional, João Caetano figurava de novo Moisés, três poemas épicos andavam em colaboração, havia quem escrevesse tragédias; na comissão científica do Norte não se admitiu um só estrangeiro, porque brasileiros bastavam..., o Instituto Histórico fitava sem acanhamento o Instituto de França; *afinal delia-se a mácula original de nossa gente, a “apagada e vil*

¹⁴ O texto foi inicialmente publicado no Jornal do Commercio e posteriormente publicado pela Sociedade Capistrano de Abreu sob o título de *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, após a morte do autor.

¹⁵ Idem p. 67.

¹⁶ ABREU, Capistrano de “O Duque de Caxias” (04/08/1903) In: *Ensaios e Estudos 2º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 2.

tristeza”, de que já se queixa o épico lusitano, e Paraná, o político realista e prático, se empenhava em conciliar os partidos políticos.¹⁷ [Grifo meu]

A imagem constituída parece conseguir romper aquela sensação de inconstância que surge fruto das observações de Capistrano, em seus *Capítulos de História Colonial*. Uma nação unificada, incapaz de ceder àquele clima de anarquia que parece reger o período colonial e de superar a “apagada e vil tristeza”. Aquela união, de maneira aparente, foi o momento em que a juventude passaria à maioria e a fragilidade das instituições teria sido superada. Assim, o século XIX é interpretado, em seus artigos, como o momento em que ocorreu a centralização política, gerando uma elaboração histórica onde a unidade da pátria foi mais forte do que os abalos sofridos pelo regime imperial.

Esta estrutura centralizada, entretanto, não foi capaz de pacificar a sensação de incerteza acerca dos rumos que a nação estava seguindo. Esta passagem do artigo que traça considerações sobre o período imperial deve ser contrastada com uma carta enviada a João Lúcio Azevedo. Nesta, utilizando a própria natureza como alegoria, criava uma imagem impactante acerca do país em que vivia.

Mais de uma vez quis escrever a ele e a Goeldi pedindo a fotografia da ave que para mim simboliza a nossa terra. Tem a estatura avantajada, pernas grossas, asas fornidas, e passa os dias com uma perna cruzada na outra, triste, triste, daquela austera, apagada e vil tristeza: é muito sua conhecida com certeza. A imagem do jaburu não me deixa...¹⁸

Em carta datada de 1918, posterior ao período em que havia publicado a biografia de “Duque de Caxias”, a “apagada e vil tristeza” reitera a afirmação da mácula do brasileiro. Capistrano retomava, em sua correspondência, a argumentação que tenderia a aguçar a persistência de certos elementos da herança colonial, os quais relativizam aquelas alterações e aquele fragmento de seu artigo do início do século XX sobre Duque de Caxias.

O Estado, “cujo centro ficava fora” e foi “transplantado” após a chegada da corte portuguesa, conforme diz nos *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, onde “tudo se pautou por uma evolução gradual e legítima”, não foi capaz de gerar a estabilidade que pudesse apaziguar a sensação de incerteza acerca dos rumos políticos da nação. A obra, que em seus textos teóricos aparece como “cimentada”,

¹⁷ Idem. p. 17.

¹⁸ Carta de Capistrano para João Lucio Azevedo 26/12/1918 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 84.

contrasta com uma série de questionamentos em suas missivas acerca da possibilidade de pacificação do espaço público.

Após a queda do Império e a passagem para a República, o clima de incerteza política e de possíveis distúrbios estão novamente presentes em suas preocupações. Em carta enviada para o correspondente português João Lúcio Azevedo, Abreu irá tecer duras críticas ao clima de turbulência política do ano de 1922 dizendo que

Aborrece-me é a situação política, ou antes, ver que pessoas de amizade e estima acham natural que o Exército – nem ao menos é o Exército, é uma parte mínima, e a menos estimável – queira impor-nos a mais vergonhosa das soluções¹⁹.

A mais “vergonhosa” das soluções seria a possibilidade de instaurar uma revolução, que aos olhos do polígrafo cearense, poderia trazer novamente o fantasma da fragmentação política. Um retorno do passado e a possibilidade de gerar a dúvida acerca da estabilização política do país. Mesmo avançando na história do século XIX, apesar do historiador demonstrar a independência política, os atos dos homens ainda apresentam um vínculo estreito com o passado. O Estado republicano federalista surge como uma solução instrumental incapaz de unir o diverso devido à ausência de “sentimento nacional”.

Tal ambigüidade torna o pensamento do autor mais rico e solicita que a discussão seja prolongada. Capistrano dialogava, mesmo que de maneira implícita, com Ernst Renan e seu texto “O que é uma Nação”. Neste texto, publicado originalmente em 1880, Renan afirma: “Hoje em dia, comete-se erro ainda mais grave: confunde-se a raça com a nação, e atribui-se a grupos etnográficos, ou melhor, lingüísticos, uma soberania análoga à dos povos realmente existentes.”²⁰. A nação para esse autor é um princípio espiritual, uma alma constituída de um rico legado de lembranças e esquecimentos em comum, e o desejo de viver juntos. Raça, língua, geografia e afinidade religiosa são incapazes de gerar este princípio espiritual. A nação é uma grande consciência moral constituída pela *vontade*. “As nações não são algo eterno. Elas começarão, elas acabarão.”²¹ Este princípio

¹⁹ Carta de Capistrano para João Lúcio Azevedo 13/01/1922 In: ABREU, Capistrano de *Correspondência de Capistrano de Abreu* v. 2 p. 234.

²⁰ RENAN, Ernst. “O que é uma Nação” In: *Nacionalidade em questão*. (org) Maria Helena Rouanet *Caderno de Pós-Letras UERJ*, 1994. p. 13.

²¹ Idem. p. 41.

espiritual seria o “sentimento nacional”, para Capistrano, a capacidade de agir guiado por um horizonte comum, conforme as afirmações dos *Capítulos de História Colonial* indicam. Apesar da transferência do Estado, da passagem da dispersão para a unidade, nada garante que não ocorra fragmentação. Desejo, consentimento e vontade seriam, desta maneira, os critérios formadores desse princípio espiritual.

Na ótica do autor de *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, pode-se dizer que após a República estes critérios formadores do sentimento nacional ainda não estavam presentes. Em uma carta enviada ao Barão de Rio Branco, analisa como ocorreu a queda do Império:

Recebi a sua última carta no dia 15 de Novembro! Vinha do campo de Santana impressionado, como pode imaginar, depois de ter visto uma revolução. E que revolução! Só há uma palavra que reproduz o que vi: empilhamento. Levantou-se uma brigada, chegaram os batalhões um a um, *sem coesão, sem atração, sem resolução* e foram-se encostando um a um como peixe na salga. Quando não havia mais batalhão ausente ou duvidoso, proclamou-se a República, sem que ninguém reagisse, sem que ninguém protestasse. No ponto em que as coisas estavam, era a única solução *razoável*. Antes uma Deodorada do que uma saldanhada. Todo o Brasil aderiu; apenas em Pernambuco José Mariano levantou um grito separatista que não ecoou. Digam o que quiserem, a República é hoje pátria unida; a restauração seria secessão.²² [Grifo meu]

Espantado, Abreu narrou a cena da queda do Império ao Barão de Rio Branco. A ausência de resolução e coesão expressas dá o tom de improviso com que a República foi proclamada.²³ A substituição de revolução por “empilhamento” dota as suas ponderações de profunda apreensão, como se a mudança ocorrida simplesmente significasse pouco, uma simples alteração superficial incapaz de alterar profundamente o momento em que vivia. A tonalidade da carta reitera a acusação feita ao longo de todo *Capítulos* de que a coletividade permanece praticando soluções eventuais e fortuitas em seus atos.

República e Império possuíam formas diferenciadas, mas expressavam o mesmo vício. Apesar da unidade da pátria fechar a carta indicando um balanço positivo para o evento, o “empilhamento” deixa de significar uma pretensão de legalidade para as ações, sendo fruto muito mais da exaustão que o próprio tempo

²² ABREU, João Capistrano de. Carta ao Barão de Rio Branco (25/01/1890) In: *Correspondência Capistrano de Abreu*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 128.

²³ Ramalho Ortigão, narrando a queda do Império, em carta para Eduardo Prado, observou de forma aguçada: “Para mim, o caso já estava a muito anunciado e previsto. A única coisa que me surpreendeu foi a simplicidade quase trágica com que se fizeram as coisas.” In: BERRIEL, Carlos Eduardo. *Tietê, Tejo, Sena. A obra de Paulo Prado*. São Paulo: Papyrus, 2000. p.50.

incide sobre o antigo regime, do que um ato de mudança gerado pela convicção dos homens. A mudança de regime foi fruto de uma inevitabilidade histórica: o evento posterior ocorreu após o primeiro ter exaurido suas forças. Ocorreu apenas uma mudança instrumental, desconectada da possibilidade de gerar algum reflexo mais profundo no conjunto de hábitos e eventos. Capistrano, desta maneira, não compreendia o momento em que vivia como atraso frente a qualquer outro, mas *constatava* que o conjunto de alterações ocorridas, mesmo no início da República, gerou uma modificação de caráter superficial.

Assim, a pergunta acerca de formação ou dissolução, feita por Capistrano, em diferenciadas missivas, ganha a tonalidade de certa fatalidade histórica. Como se toda mudança, ao invés de ser um ato de ruptura capaz de instaurar o novo, fosse a reificação do tempo em suas frágeis modificações. O clima de indiferença, desorganização e ausência de horizonte comum permanece, ainda, sendo uma câmara de ecos daquela instabilidade, presente em seus *Capítulos de História Colonial*. Após quatro séculos, a nação continuava uma experiência coletiva sem direcionamento e sem linearidade nos atos daqueles que a povoam. Passado e presente, deste modo, estariam dispostos de maneira complementar e antagônica, guardando velado um paradoxo: ao elaborar, através de sua história, uma reflexão acerca do passado, assim como ao observar as tensões do presente, Capistrano visualizava um conjunto de permanências que foi mais forte que a ruptura. Como dirá o próprio Abreu em outra carta: “Punge-me sempre e sempre a mesma dúvida: o brasileiro é um povo em formação ou em dissolução? Vale a pena ocupar-se de um povo dissoluto? Vale a pena para um Tácito ou um Juvenal, mas estou afastado tanto destas naturezas!”²⁴

Isto leva a outra questão. Esta pergunta, além da crítica direcionada ao espaço público, colocava em xeque a própria validade do conhecimento histórico, ampliando, naquele que a pronuncia, uma profunda sensação de dúvida. Esta sensação de incerteza não se remete simplesmente à desordem ou ao caos, mas ela se caracteriza como instável. Embora a diferença de sentido entre instabilidade e desordem seja mínima, ela propicia associações que vão em direções opostas. Enquanto nas imagens da desordem ou da confusão a perda da ordem afeta, supostamente, apenas o mundo objetivo, não se pode imaginar um solo instável

²⁴ Carta de Capistrano para Guilherme Studart 19/09/1909 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1977. p. 183.

que também não tivesse um impacto sobre a visão do observador. Ou seja, a pergunta acerca da questão “formação ou dissolução” é uma forma de descrever o impacto do conjunto de mudanças políticas em sua percepção do mundo.

Cabe lembrar que, no início do período republicano predominava a idéia de que uma verdadeira conquista do território somente poderia ocorrer através de seu conhecimento científico. Nessa ambiência, o estudo e o ensino da história tornaram-se uma necessidade estratégica enquanto elementos que fundamentam um conjunto coerente de referências a serem compartilhadas. A história conquistou lugar como espaço socialmente necessário por ser capaz de fornecer as bases para uma pedagogia cívica no processo de consolidação do Estado-Nação. Era preciso estabelecer uma versão consensual sobre o passado capaz de fundamentar o modelo nacional-republicano²⁵.

Neste sentido, a dúvida acerca da possibilidade de a história construir um conjunto coerente de referências a serem compartilhadas – presente na multiplicidade de perguntas feitas por Abreu – sinalizava a existência de um sentimento de insegurança relacionado com a situação política do Brasil, e, através da pergunta, o questionamento do valor de sua própria análise. Este parece ser um importante eixo organizador das ponderações feitas pelo historiador Capistrano. Fragilidade das instituições, ausência de compromisso com a longevidade de suas ações e incapacidade de deixar algum legado para as gerações futuras; torna-se difícil pensar, desta maneira, que esta experiência coletiva fosse capaz de romper com certa permanência que ecoa de suas palavras. Desta maneira, a questão “terebrante” levantada não recebe uma resposta, termina em impasse, expressão da frustração quanto à possibilidade de intervir na realidade daquela República.

A nação vagueia entre o novo e o decrépito, entre o epílogo e o prólogo, sem encontrar a menor possibilidade de estabilização, de fixar a experiência e, a partir daí, avançar e deixar de ser tributária de um constante recomeço. Assim, a discussão envereda para a problematização das noções de continuidade e ruptura, permanência e mudança que parecem estar embutidas neste questionamento acerca do valor do conhecimento histórico.

²⁵ Sobre este ponto Ver: GOMES, Ângela de Castro. “Através do Brasil: o território e o seu povo.” In: PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTI, Verena (Orgs). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

2.2 *Acerca do Provisório: Transição.*

A questão que serve, de maneira específica, de referencial para esta dissertação talvez possa ser melhor avaliada se ingressarmos na discussão de um tema específico das proposições históricas de Capistrano. Este tema refere-se ao uso do termo transição, muitas vezes citado pelo autor.²⁶ Para isto, serão traçados dois caminhos: um que problematizará seu caráter teórico e outro que tentará enfrentar a questão a partir da compreensão de como esta noção de transição parece ser o desenvolvimento de uma série de imagens acerca da nação.

Para percorrer o primeiro caminho, será composta uma reflexão acerca do método e da escrita da história. Quanto às dimensões teóricas do conceito de transição, cabe ponderar, inicialmente, que Capistrano estabeleceu um diálogo com as pesquisas que estavam sendo realizadas no IHGB desde meados do século XIX. Uma das questões fundamentais que estavam sendo pensadas era de que maneira seria possível delimitar um corte ou uma ruptura cronológica, capaz de operar a distinção clara entre dois períodos: passado e presente. Assim, a tentativa era pensar um programa historiográfico capaz de propor uma fratura presente-passado a ser estabelecida e mantida de forma permanente pela história. Desta maneira, o estudo do passado estaria delimitado pelo próprio passado, por um princípio diferenciado do que se pressupunha como presente a partir do momento em que passa a ser teorizado como ciência. Aquele passa a ser possuidor de uma “marca de cientificidade”²⁷, instaurada por aquele programa, a partir do instante em que se estabelece um conjunto de procedimentos e práticas capazes de diferenciá-lo no tempo.

Esta delimitação estava na agenda de questões dos sócios do Instituto. Como pensar uma segura periodização do passado? Em que termos o presente passou a ser considerado como diferenciado de um conjunto de eventos

²⁶ Um olhar mais detido sobre o conjunto dos artigos de Capistrano torna possível observar que os períodos que o autor considerou como de transição foram mutáveis. Enquanto no artigo “Sobre o Visconde de Porto Seguro” a década de 1850 será considerada como este período, posteriormente este decênio será considerado como um apogeu. Ver “Fases do Segundo Império” In: *Ensaio e Estudos 3º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

²⁷ Sobre a noção de “marca de cientificidade” e um dado programa moderno de estabelecimento do passado, ver HARTOG, François. *O século XIX e a História O caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003. pp. 116-124. Permanecendo dialogando com as reflexões do autor, ele nota que o passado como ideal de ciência possui características particulares: “nem identificação, nem imitação, nem ressurreição do passado, que só se dá a conhecer por obra de puro olhar.” p. 119.

aglutinados por um sentido específico – capazes de serem narrados por uma chave semântica particular – e delimitados como anterior a ele? Tal interrogação deveria ser pacificada a partir das propostas das sessões e de seus membros. Frente a estas questões, o debate entre os sócios se perguntava, constantemente, em que momento a delimitação temporal deveria ocorrer e ser estabelecida.²⁸

Em seu “Sobre o Visconde de Porto Seguro”, Capistrano de Abreu ponderou que para que se escrevesse uma nova história capaz de superar a *História Geral* do historiador sorocabano seria necessária a acumulação dos estudos históricos. “Agora, o que se precisa é de monografias conscienciosas.”²⁹ Para que ocorresse a edificação da História do Brasil, documentos deveriam ser descobertos, arquivos compostos, monografias escritas. Para que Varnhagen descesse de seu pedestal, após coligir esta ampla gama de material esparso, seria necessária uma outra ordenação do passado, atentando para pontos ainda obscuros a serem visualizados: “[...] posso reunir muita coisa que está esparsa, e espero encadear melhor certos fatos, e chamar a atenção para certos aspectos até agora menosprezados”.³⁰ Ao propor a imagem de Varnhagen em seu pedestal, Capistrano escrevia e se inscrevia como aquele que poderia superá-lo em seu empreendimento.³¹

Nesta perspectiva, este artigo dialoga com um outro texto escrito já em seus últimos anos de vida. Em seu artigo “Fases do Segundo Império”, “a década de 50 foi considerada a mais brilhante do Império”.³² O autor constitui uma nítida periodização, na qual diferenciadas fases do segundo reinado passam a ser delimitadas a partir da fisionomia a ser extraída de seu conjunto de eventos.³³ Aqui, arma-se um dos tópicos fundamentais da contribuição de Capistrano para a historiografia brasileira: a instauração de um novo regime de escrita da história em

²⁸ Essa necessidade de determinação da diferenciação entre presente e passado e sua tematização no IHGB pode ser encontrada em GUIMARÃES, Manoel Luiz S. “Reinventando a tradição: Sobre Antiquariado e escrita da História” In: *HUMANAS* Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre v.23, n 1, 2000.

²⁹ ABREU, João Capistrano de “Sobre o Visconde de Porto Seguro” In: *Ensaio e Estudos 1º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.139.

³⁰ Idem. p. 142.

³¹ Daniel Pereira observa que no Necrológio há, aliado a um sentimento de admiração e reconhecimento, um desejo de superação. Ao situá-lo em um pedestal, pode-se pensar que o projeto intelectual de Capistrano foi construído em um intenso debate com a obra de Varnhagen, tecendo aspectos de continuidade e ruptura com a tradição historiográfica anterior. *Op. cit.*, pp.19 e 24.

³² ABREU, João Capistrano de. “Fases do Segundo Império” In: *Ensaio e Estudos 3º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 81.

³³ Idem. Neste artigo, o autor distingue os períodos da regência (1840-1850), do apogeu do Império (1850-1863), das guerras externas (1863-1870) e da decadência (1870-1889).

que o aparato crítico utilizado para a validação das fontes cederia espaço para a coerência explicativa pautada em um determinado enredo.³⁴ Os diferenciados fatos e causas deveriam ser coordenados através do estabelecimento de um sentido capaz de conferir inteligibilidade ao processo em geral.³⁵ Ao problematizar a noção de transição, entra-se na discussão acerca das noções de continuidade e ruptura através de categorias como duração e sucessão.³⁶

Este conjunto de apontamentos nos leva a outra questão. Ao ser considerado como aquele que poderia escrever a História do Brasil, Capistrano divergia, dizendo que a História do Brasil poderia ser melhor escrita por um historiador do futuro. E em carta a Guilherme Studart, afirmava que: “sabes melhor do que ninguém como a coisa é difícil, como sai imperfeita, como o segundo que vier pode melhorá-la consideravelmente com metade do trabalho. Pouco importa.”³⁷ Além dos problemas referentes à pesquisa, como a falta de documentos, era necessário um historiador que não ficasse exclusivamente detido em um único período. Para esta geração, o Brasil era considerado um país jovem e demandava uma escrita da história direcionada ao presente e ao futuro. Uma escrita da história para uma nação em um período de “transição”.

2.3 Edificação e ruína

Esta noção de transição, além de um vínculo estrito com uma reflexão sobre a periodização, possibilita pensar a específica experiência do tempo vivenciada por Capistrano. Enquanto pertencente a um determinado momento histórico, Abreu, junto aos seus próximos, vivenciou o regime moderno de historicidade³⁸, uma determinada forma de relação com o tempo regida pelas

³⁴ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de *Ronda Noturna: Narrativa, Crítica e Verdade em Capistrano de Abreu* Revista Estudos Históricos Vol1. p.19.

³⁵ Aqui se torna muito útil caminhar colado às reflexões de Paul Ricouer acerca da síntese do heterogêneo: “a coordenação de acontecimentos múltiplos, seja entre causas, intenções e também acasos, numa mesma unidade de sentido” In: RICOUER, Paul. *La Mémoire, l’Histoire, l’Oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000. p. 312.

³⁶ Esta necessidade de uma periodização da História do Brasil já está muito claramente expressa em seu “Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen” In: ABREU, Capistrano de *Ensaios e Estudos I^o série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

³⁷ Carta a Guilherme Studart 07/01/1920 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v.1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 178.

³⁸ Compreende-se aqui como regime de historicidade os diferentes modos de articulação das categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” em um determinado período

categorias de futuro e de progresso. Nesta, o futuro ganha um determinado caráter diferenciado em função da mobilidade da categoria passado, em virtude da qual se diferencia o próprio tempo e de um tempo precedente e um tempo por vir; o esperado caráter diferente de futuro e de mudança do ritmo temporal da experiência.³⁹ Uma consciência de época que não caracteriza a sua experiência como final ou princípio, mas em constante diferenciação, em constante instabilidade.

Todavia, se para uma ampla gama de autores a noção de “transição” vem caracteristicamente associada ao futuro como um vir-a-ser que possibilitaria a resolução do que no presente ainda não ganhou densidade, como foi proposto nas considerações acerca de João Ribeiro e Oliveira Lima, para Capistrano o presente aglutinava o limite de sua força *diagnóstica* e crítica.

Muito mais do que simples pessimismo ou sentimento particular de derrota, o período de transição acentua o caráter pendular e inconstante, cuja instabilidade tem como primordial elemento a inconclusão das experiências históricas, uma edificação que não se completou. Alguns intelectuais, entre eles Capistrano de Abreu, questionavam não a idéia de mudança histórica, mas seu caráter otimista. O futuro seria, seguindo este percurso, um lugar duvidoso, incapaz de ser imediatamente verbalizado pela lógica do progresso.⁴⁰ O conjunto de mudanças que ocorreram devido à entrada de uma modernidade nos trópicos, fruto do conjunto de alterações empreendidas por avanços técnicos,⁴¹ veio aumentar a sensação de transitoriedade, caracteristicamente moderna.

Este conjunto de mudanças estava também associado à instabilidade do período de passagem do Império para a República. Aos poucos, desanimado quanto às possibilidades de uma efetiva transformação política e social, Abreu

histórico. Para uma leitura aprofundada ver HARTOG, François. *Regimes d'historicité. Presentisme et expériences du temps*. Paris: Éditions du Seuil, 2003. pp. 11-30.

³⁹ Aqui a intuição nos leva ao texto clássico de Kosseleck. KOSSELECK, Reinhart “Modernidad” In: *Futuro Pasado Para una semántica de los tiempos históricos* Barcelona: Paidós, 1979. A noção de aceleração que esta problematização suscita não nos ajuda nesta reflexão que estamos empreendendo. A visão de mundo de Capistrano está associada muito mais à dúvida acerca do futuro.

⁴⁰ Como dirá Euclides da Cunha na reunião de ensaios póstumos *À margem da história*, “Vai-se de um a outro século na inaturalável mesmice de renitentes tentativas abortadas”. IN: CUNHA, Euclides da *À margem da história* São Paulo : Martins Fontes , 1999 p. 58

⁴¹ Aqui serve de orientação SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 e HARDMANN, Francisco Foot. *Trem Fantasma. Modernidade na Selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

opôs-se ao militarismo dos primeiros anos da República e à ordenação oligárquica subsequente, afirmando em carta a Pandiá Calógeras, datada de 1911:

Creio que de perto suas impressões sobre as coisas não se modificaram. Há sobretudo um desbrío que aterra. Há uma voluptuosidade de lama, como não me lembro ter assistido a igual. Será a falta de vergonha promulgada por Roscher para a geração que sucede a cada movimento revolucionário? Talvez coisa pior: já estamos no segundo decênio da grande crise, e ainda faltam os primeiros rubores da alvorada.⁴²

No início desta mesma carta, Abreu analisou a idéia de corrupção que assolava a primeira República: “Da reforma rivadavesca nada sei senão as nomeações feitas sem concurso. Há gente feliz. Curioso é como os felizardos tem feições comuns.”⁴³ E continuava, ao longo de toda missiva, refletindo acerca da coalizão que impediu a ruptura e termina com o veredito: “E, mais curioso ainda: a união está fixa, irrevogável. Também os sabinos afeiçoaram-se aos estupradores.”⁴⁴

Esse conjunto de impressões não estaria restrito somente à sua correspondência. Em artigo escrito em meados da década de vinte, e já citado anteriormente, a perspectiva temporal pela qual analisava o Segundo Império nos propicia uma série de pistas. Dividido em momentos específicos, o conjunto de experiências estaria articulado em um tempo biográfico, em que nascimento e decrepitude marcam o início e o fim de uma determinada época; “fases” em que a elaboração do passado de uma experiência coletiva, o Brasil durante o Império, está associada ao ciclo de vida do próprio Imperador.⁴⁵ Apesar da jovialidade do Imperador ser associada ao decênio de 1850 – o momento em que a coesão do Império é ressaltada –, toda a periodização de um momento histórico diferenciado não foi capaz de romper com o eco do passado.

Agora, como então, um ponto sobrealça a todos: serão compatíveis com a *índole* brasileira eleições honestas? Nas municipalidades coloniais os vereadores andavam por meia dúzia, o mandato durava um ano, e não havia reeleição imediata, todo o ordenado se reduzia a magras propinas

⁴² Carta de Capistrano para Pandiá Calógeras (09/04/1911) ABREU, Capistrano de *Correspondência de Capistrano de Abreu* v.1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 375.

⁴³ Idem Ibidem.

⁴⁴ Idem Ibidem.

⁴⁵ Esta perspectiva já havia sido observada por Ilmar Rohloff de Mattos: “a trajetória do reinado parece reproduzir o ciclo de uma vida, a do próprio Imperador, desde a menoridade até a decrepitude de tal modo que a década de 50 é considerada a mais brilhante do Império.” MATTOS, Ilmar Rohloff. “Do Império à República” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro vol. 2, nº4, 1989. pp. 163-171.

pagas em certas solenidades... e o governo teve de chamar a si as eleições. Câmara Coutinho Governador da Bahia em fins do século XVII escreveu que dos escândalos dos regulares só estavam imunes os padres da Companhia, por terem autoridades feitas nas margens do Tibre. As irmandades religiosas deixaram *tradição pouco edificante*.⁴⁶ [Grifo meu]

O brasileiro não tem caráter, tem “índole”. E avessa à metrificação dos atos, incapaz de fazer com que o já cansado pesquisador perceba a solidez que proporcionasse aquilo que mais lhe satisfaria: olhar para trás e perceber que avançamos. Das municipalidades coloniais guardamos a ausência de espírito comum e o excessivo particularismo que faz com que seus atos não possuam longevidade e não possam germinar. Até mesmo a linearidade dos atos e a fuga dos escândalos por parte daqueles que pertenciam a Companhia de Jesus não pode fazer com que a edificação da nação chegasse até a completude.

A continuação do artigo sugere vínculos com o passado:

Hoje a fraude começa pelo alistamento eleitoral, prossegue pelo alistamento fosfórico do voto, quando não se prefere quebrá-la ou roubá-la pela apuração fraudulenta da urna, pelo viciamento de diplomas, pela entrega à comissão verificadora. A República trouxe uma novidade essencial: alguém que pode estar ou não no Catete superintende o reconhecimento de poderes, isto é, o direito ao subsídio e mais achegas: é o homem mais poderoso do Estado, é o Poder Moderador das instituições vigentes.⁴⁷

Presente e passado são afinidades eletivas. Atraem-se de uma maneira muito particular e peculiar, como se aquele egoísmo, visualizado de maneira extremamente forte no passado, ainda estivesse presente. A República trouxe uma “novidade” que se remete, apenas, a uma solução do passado, o poder Moderador. A mudança de regime exacerbou o que de pior havia na trajetória histórica brasileira na imagem que reitera a fragilidade da ação humana e a “ausência de cooperação”.

Em carta a João Lúcio Azevedo, conta-lhe a respeito de uma viagem ocorrida acompanhada do Ministro da Viação e do Prefeito de Minas:

Passamos por Turvo, Lavras, Oliveira, Itapetecica, Divinópolis e Belo Horizonte. Não havia veículos, exceto em Lavras, onde existe uma linha de bondes, e de tantas cidades só apreciei o que é visível da estação ou do trem... Em geral não volto satisfeito de excursões ferroviárias. O traçado primitivo devia cortar plantações, mas hoje à beira das linhas apenas se

⁴⁶ ABREU, João Capistrano de. “Fases do Segundo Império”. Estudo publicado n’O Jornal (02/12/1925) In: *Ensaios e Estudos 3º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.82.

⁴⁷ Idem. p. 82.

avista uma vegetação que ainda *não teve tempo de virar capoeira*. Só em um ponto ou outro vêem-se cabeças de gado. Ainda mais aborrecem os cortes, que por baixo de uma *tênue camada de terra aproveitável* mostram jazidas de rochas em grau variado de composição. Como isto quadra mal com as afirmações de Buckle.⁴⁸ [Grifo meu]

E a imagem da Natureza que guardaria exuberância e força cai por terra. Ela apenas designa uma aparência que não guarda uma essência, uma imagem capaz de ser dragada pela ação humana. A figura-símbolo do otimismo tecno-industrial do século XIX e início do XX, a locomotiva, causa devastação por onde passa, funcionando como agente do espetáculo de um desvelar: a terra infértil. Uma imagem que surge em um contexto que busca modos de refutá-la: uma excursão ferroviária, feita em companhia solene, para conhecer o que de *mais íntimo* o país possui. Uma representação montada através da contradição entre ser e parecer, que guarda, em sua enunciação, a infertilidade como aquilo que de velado jaz sob o aparente. A terra fértil, vista mais de perto, é somente uma fina e rala camada. Uma *tênue camada e só*. A terra, basta observar, é estéril. Nada além disso.

A fragilidade da Natureza diante das linhas férreas, “que já não cortam plantações”, gera a interrogação acerca do modelo de base histórica capaz de ordenar o contato Civilização e Natureza nos trópicos. A ação humana como aquilo que não foi capaz de gerar um empreendimento apto a possuir longevidade e servir ao propósito coletivo, apto a servir aos interesses da nação. Houve um amoldamento do qual o que resulta, reiterando ações fortuitas, é “somente capoeira”. Ao observar de forma mais minuciosa a Natureza, estabelece, simultaneamente, uma metacrítica do progresso. Não se tratava de uma crítica da modernidade e dos males do crescimento por si mesmos, mas de uma crítica interna ao universo moderno que, com base em suas premissas, denunciava a realidade brasileira como uma farsa do avanço civilizatório.⁴⁹

Esta região, presente na passagem da carta anteriormente citada, é considerada Sertão para Capistrano de Abreu em seus *Capítulos de História*

⁴⁸ Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 07/08/1918 In *Correspondência de Capistrano de Abreu*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 108.

⁴⁹ Segue-se aqui a problematização da noção de progresso e a devastação do mundo natural feita por PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. Este lugar de especificidade nacional que a Natureza possui, atrelado à polêmica estabelecida com Sílvio Romero e a *instabilidade*, elemento fundamental para pensar a experiência colonial, levam-nos à proximidade entre Capistrano e certa tradição do pensamento brasileiro que estabelece o vínculo entre esta instabilidade e a devastação do mundo natural.

Colonial. Em sua narrativa, o gado é o elemento coagulador que criou condições ao povoamento da região. “Além do sentimento de orgulho inspirado pela riqueza, pelo afastamento de autoridades eficazes, pela impunidade, a criação de gado teve um efeito, que repercutiu longamente. Graças a ela foi possível descobrir minas.”⁵⁰ Esse seria um dos elementos orquestradores da possível unidade que observava em estado nascente no povoamento do Sertão. Mas nesse mesmo Sertão, passados quatro séculos após “a corrente interior, mais volumosa e mais fertilizante”⁵¹ iniciada de pontos apartados, aquele que seria um dos principais elementos coaguladores, já não possui mais presença. Antes que fosse possível observar a existência de uma nação que caminhasse nos traços lineares de um avanço progressivo, a carta passa uma forte sensação de perda. Como se algo que ainda não teve tempo de germinar, que ainda não se fortificou, já tivesse sido devassado. No presente, a estrada de ferro que deveria atravessar as plantações apenas encontra uma rala vegetação. O encontro tem um perdedor.

Enquanto forte imagem do presente, a continuidade desta mesma carta designa o quanto o futuro parece ser um espaço ainda não domesticado:

O *futuro* reserva ao Brasil futuro muito mais árduo que o dos holandeses, obrigados a *fazer* a Holanda depois de Deus ter feito o mundo. Um parente que esteve no Pará dizia-se capaz de pôr abaixo a árvore mais alterosa, sem ferramenta, só cavando com as mãos. Se assim fôr, pode chamar-se providencial a indústria extrativa, que é a sua *riqueza* e a sua *desgraça*.⁵²
[Grifo meu]

“Riqueza” e “desgraça”. Caminha-se da vida à morte em um segundo, na mesma velocidade em que se consegue “só cavando com as mãos” extrair a “árvore mais alterosa”. A expressividade do cenário montado em sua missiva funda-se na desolação da paisagem natural e humana, questionando o tom prometeico que a fertilidade natural poderia guardar através de uma imagem que tem, em seu cerne, a tonalidade de um envelhecimento precoce. Uma promessa de futuro que se dilui de forma instantânea ante o toque da Civilização. Tanto a Natureza como a técnica são, ambas, personagens vacilantes de uma história sob o signo da ruína. Nas imagens compostas por Abreu, caminha-se entre a desgraça e a

⁵⁰ ABREU, Capistrano *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 132.

⁵¹ Idem. p. 98.

⁵² Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 07/08/1918 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 108.

prosperidade, entre a degradação e a aspiração, através de imagens de cenários que reiteram a figuração da instabilidade e do desequilíbrio, caracterizando o chão movediço em que se funda a nação. Antagonismo que permeia a ampla correspondência do autor e aprofunda a sensação de incerteza e volubilidade, gerando o paradoxo e, conseqüentemente, a dúvida acerca do futuro. E duvidoso, diga-se antes de mais nada, por que não consegue deixar de lembrar aquilo que de mais peculiar parece arruinar a busca da identidade histórico-cultural tão desejada: o retorno do passado. Um passado que lembra a dispersão tumultuária da desorganização da vontade – presente no período colonial – e aponta o futuro árduo “a fazer”.

Mas, ao mesmo tempo, há uma unidade antagônica que não gera superação, mantendo-se em tensão permanente. E, justamente esta tensão, reitera a incapacidade de acumular experiência, gerar estabilidade e avançar. Assim como a própria pergunta “formação ou dissolução?”, todo contrário, ao ser aproximado, aguça a possível sensação de decadência e a insistência de que o passado ainda permanece enquanto presença sensível. Ainda com uma colocação acerca da Natureza, Capistrano responderá indignado ao seu amigo português João Lúcio Azevedo:

A mais fértil terra do mundo... Aonde? Não na Amazônia, aonde raspada uma camada de mateiro, bate-se na *esterilidade*. Nos outros Estados é quase invariavelmente o mesmo. Produzimos coisas de luxo, de gozo; se nos bloqueassem deveras, a penúria nos levaria à *antropofagia*. E a gente? Os processos da Inquisição mostraram a borra-mãe, e as outras borras tem vindo superpondo-se, e de alto a baixo é borra e mais borra.⁵³ [Grifo meu]

Novamente a imagem da Natureza – enquanto terra infértil – é mobilizada. A contradição entre o ser e parecer apenas leva a revelar a esterilidade subjacente ao que é cantado como exuberante. No caso da Natureza, ela conjuga, em si, fertilidade e infertilidade como se não possuísse potencialidade, perdendo potência pela conjunção de opostos dentro de si e a possibilidade de, por isso, cair em tragédia. Uma história nada progressiva ou edificante, mas que se conjuga por imagens de corrosão e inacabamento. Virou ruína antes de ter se edificado⁵⁴.

⁵³ Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 13/01/1922 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 234.

⁵⁴ Francisco Foot Hardman havia observado esta particularidade na leitura de alguns autores do período. Ele cita Capistrano em suas considerações, mas usando argumentos particulares. ver: HARDMAN, Francisco Foot. “Brutalidade Antiga: sobre história e ruína em Euclides”

Desse conjunto de imagens que torna duvidoso o lugar do futuro, Capistrano parece novamente se remeter à pergunta que não encontra resposta acerca da formação ou dissolução da Nação. Seu ponto de vista, impactado pela proclamação da República e pelo que considerava suas conseqüências mais nefastas, o predomínio de uma racionalidade do interesse e devastação, e, por isso, a possibilidade de fragmentação, enfatizava a errônea conduta que caracteriza a ação humana em seu contato com a Natureza. A infertilidade, nas imagens apresentadas, é menos uma característica inata da Natureza, mas a intenção de desmistificar a imagem da terra fértil e apresentar “o Brasil tal qual” ele é. Assim, aguça a necessidade de uma ação coordenada e metrificada em busca de interesses que sirvam a Nação; a busca por superar este momento de transição.

Frente este referencial objetivo turbulento, Capistrano materializou em vida o ideal do intelectual avesso aos interesses mundanos e que investia em uma imagem diferenciada. Tanto em suas missivas para aqueles que considerava pares intelectuais, quanto para aqueles em que estava no papel de orientador, Abreu compunha um artesanato pessoal que investia em um comportamento sóbrio que exponenciava o seu labor: o estudo socialmente útil. Instante privilegiado que unia tanto a demarcação de um lugar social como seu conjunto de preocupações acerca da formação da Nação.

2.4 Artesão de si, artesão da história.

Tanto o conceito de formação, como a indagação acerca do que Capistrano de Abreu compreendia como período de “transição” servem a um propósito bem delimitado: captar suas imagens da nação. Ao explorá-las e qualificá-las, elas servem, agora, a outro intento: entender como Abreu modelou sua personalidade, tendo-as como referência, em sua correspondência, para, daí em diante, compor um argumento que permita compreender os atributos específicos que delinearam sua “automodelagem”. Cabe ressaltar que os missivistas, aqui, não serão considerados de maneira destacada, mas será composto um argumento que permita um arranjo entre as diferenciadas epístolas, respeitando – quase sempre – o período recortado

<http://www.iea.usp.br/iea/revista/> acesso em 01/03/2007. Ao longo de toda correspondência, a admiração de Capistrano por Euclides e por suas imagens de ruínas na Amazônia são freqüentes.

para esta dissertação. Cabem, rapidamente, algumas considerações acerca da escrita de cartas, pois aqui sua utilização será feita de maneira mais detida.

O ato de escrever cartas, enquanto produção de si, é, ao mesmo tempo, constitutivo da identidade do seu autor e do seu texto, simultaneamente. A troca epistolar é uma prática específica - escrita para o outro - um exercício que favorece a objetividade e a subjetividade. Apesar da distância física, ou talvez por este limite e imposição, é diante dele que o remetente se expõe e alimenta a expectativa de resposta. A carta é, também, o lugar onde um encontro se faz possível: ela é a negação e a presença da distância. A correspondência propicia certo tipo de presentificação, um mostrar-se orientado para um outro determinado, antes do momento da escrita, gerando uma presença imediata e quase física que se assemelha a um exercício de dar-se a ver. Uma afetação mútua proporcionada pela troca epistolar entre os missivistas, fundada no conhecimento dialógico⁵⁵.

Abreu, assim como muitos outros intelectuais, teve na escrita de cartas um exercício cotidiano e, através delas, expôs planos, dúvidas e considerações acerca da história da nação, seu passado, seu presente, seus impasses. Suas missivas conjugam uma determinada escrita de si com a discussão de projetos particulares, sua interferência em projetos de outros intelectuais e imagens da nação. A sua busca por compreender a fisionomia do Brasil está profundamente atrelada à sua compreensão da capacidade de intervenção no mundo. Na verdade, incapacidade, visto que diante de um presente cada vez mais turbulento, no qual o seu próprio olhar parece captar tonalidades cinza diante de um cotidiano profundamente turvo, a *diferenciação*⁵⁶ parece ter sido a forma escolhida pelo autor de exponenciar sua leitura do cotidiano.

Em suas cartas do período posterior a 1907, a sensação de convulsão do presente gerou a atitude de “isolamento fecundante”, assemelhando-se à imagem de José de Alencar no Necrológio escrito pelo autor. Houve o elogio da *reserva*, mas não da reclusão absoluta, como forma de manter o controle de um interior que pudesse ser contaminado pelo contato com o cotidiano.

⁵⁵ Ver FOUCAULT, Michel “A escrita de si” In: *O que é um autor?* 4ª edição Passagens/Vega 2000, também, GOMES, Ângela de Castro “Escrita de Si, Escrita da História” In: *Escrita de Si, Escrita da História* FGV, 2005.

⁵⁶ Optou-se, aqui, por diferenciação porque apesar da relação estabelecida ter sido de distanciamento de um grupo de intelectuais, houve a intenção de formar uma rede de pesquisas própria.

Para suceder a Alencar não basta possuir um talento igual ao seu: é preciso aquela *vontade* que não fraqueava, aquela *constância* que não arrefecia, aquela preparação conscienciosa a que submeteu-se, aquela *isolação fecundante* a que se votou. Por isso, nos trinta e tantos volumes que legou-nos, é sensível uma constante progressão. [Grifo meu]⁵⁷

O necrológio, como escrita de natureza biográfica, quer, muitas vezes, destacar um sentido, um valor para a vida que se narra ainda no calor da morte. Esses valores que laurearam a vida do defunto enformaram, também, a visão de mundo de Capistrano. Na imagem a ser exaltada e lembrada no Necrológio de Alencar, alguns contornos de sua feição são valores já exaltados por certo compromisso do próprio Capistrano com referência à sua ação no mundo como intelectual. Tal postura, que não declina em fraqueza de observação do cotidiano político, se constrói como uma referência positiva a certo puritanismo, como uma ética que Alencar possuiria ao distanciar-se de determinadas práticas.

Na passagem citada, uma série de palavras são costuradas de maneira simultânea – possuindo uma comunidade de sentido – pela valorização daquela constância que era irreconhecível durante o período colonial e que seria uma das causas da impossibilidade de avanço que levasse ao progresso. Ele seria capaz “de formar convicção firme sobre um assunto e por ela pautar seus atos”, como argumentava em seus *Capítulos de História Colonial*. “Isolação”, “constância” e “progressão” são palavras que trabalham na mesma sintonia em todas as referências feitas ao conterrâneo Alencar. A própria casa de Alencar foi objeto da análise de Capistrano:

Nos últimos anos de sua existência, Alencar se isolara quase completamente. Na sua casa da Rua do Hospício ou de S. Clemente quebravam-se sem penetrar os burburinhos exteriores. Não é que sua alma fosse fria ou que pairasse-lhe sobre o orgulho que lhe atribuíamos que não o conheciam bem. Naturalmente reservado, conhecendo o que há de artificial em certas admirações, ele não cedia ao primeiro contato. Mas quem achava meios de falar ao seu espírito não poderá esquecer a conversação luminosa, os momentos eloqüentes, os ensinamentos fertilizantes que lhe fluíam dos lábios.⁵⁸

O valor da noção de reserva é, mais uma vez, o atributo a ser admirado em Alencar como aquilo que lhe permite afastar-se do que há de “artificial em certas

⁵⁷ ABREU, João Capistrano de. “Livros e Letras” (sobre o segundo aniversário da morte de José de Alencar) 12/12/1879 In: *Ensaios e estudos*, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. Apesar do artigo datar de período anterior ao que se propõe analisar, sustenta-se, nesta argumentação, que houve uma manutenção desta perspectiva. Não se acredita, ao longo desta dissertação na disjunção entre os dois instantes de vida.

⁵⁸ Idem. p. 47.

admirações”. Há uma noção de isolamento, mas que não declina em fuga ou escapismo, que Abreu visualiza em Alencar que, apesar de ríspido ao primeiro contato, possibilita uma “conversação luminosa”, capaz de aproximar somente daqueles que lhe interessam. A “isolação fecundante” é aquilo que lhe permite se aproximar daqueles que lhe interessam. Alencar é o personagem que se constrói de maneira solitária, cultivando um dado alheamento do mundo que exponencia o que lhe é próprio. “O que foi no mundo literário José de Alencar deveu unicamente a si. Nunca trocou elogio por elogio, nunca pediu que o elogiassem, nunca chegou ao requinte moderníssimo de escrever seu próprio elogio...”⁵⁹ Um recolhimento para melhor conhecer, fruto da *prudência* diante do mundo, que implica a “progressão” pela constância nas idéias diante de um mundo “artificial”.

Essa seria uma postura a ser propagada, mesmo sendo aqui exemplificada pela admiração do jovem Capistrano por Alencar – admiração que nunca morreu – diante de um presente em que as posturas intelectuais estivessem corrompidas. Como recomendará o autor a Mario de Alencar, filho de José de Alencar, “Queixamo-nos da vida; entretanto, Spinoza passou toda a vida a polir vidros, e, entretanto, da modesta oficina do judeu luso-holandês saíram idéias que atravessaram o mundo, e correrão sempre, sujeitas embora aos caprichos e às limitações do gênero homo...”⁶⁰

Inicialmente, esta busca por diferenciação converge na crítica a pompas excessivas e à principal instituição que cuidava dos estudos da História do Brasil durante o período: o IHGB. Em carta destinada ao presidente do Instituto, Afonso Celso de Figueiredo Júnior, recusa a medalha a ser recebida pelo seu livro sobre os caxinauás:

Muito grato pela imerecida prova de apreço, socorro-me do precedente aberto pelo benemérito Francisco Adolfo de Varnhagen, glória da pátria e lustre desta casa, para rogar ao Instituto, com os reiterados respeitos, a oferta que faço da medalha deste prêmio, que a sua benignidade me confere, para propor como assunto novo em outro concurso. Apresento a V.Excia. os meus protestos da mais alta consideração.⁶¹

Capistrano declinava do recebimento desta comenda, assim como criticava, na mesma carta, o modelo de intelectual que Max Fleiuss – então secretário do

⁵⁹ Idem. p. 51.

⁶⁰ Carta para Mário de Alencar em 14/01/1910 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* Vol 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 203.

⁶¹ Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 14/04/1918 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

IHGB – encarnava. O carreirismo, o uso do conhecimento como meio e não como fim e os elogios como forma de ascensão profissional eram a expressão do caráter exíguo que esta perspectiva intelectual apresentava.

Cabe pontuar que o IHGB preconizava um tipo específico de estudo da história. Os membros efetivos do IHGB tinham em mente a elaboração de um passado que justificasse as qualidades da monarquia brasileira. Os historiadores cumpririam um duplo papel, posto que estariam com os olhos direcionados ao passado, discriminando aquilo que atestasse os acertos do presente, ao mesmo tempo em que, como produto deste trabalho de pesquisa, estariam eles próprios estabelecendo os limites de um projeto específico de nação. Nesse sentido, uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a ‘nação brasileira’, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das ‘Nações’, de acordo com os princípios organizadores da vida social do século XIX.⁶²

A dificuldade de se relacionar com este meio intelectual de maneira profícua, conforme suas missivas insistem, indicava uma determinada e diferenciada maneira de ponderar acerca da escrita da história. Se a escrita da história elaborada pelo IHGB tinha o Estado enquanto principal preocupação, para Capistrano a nação era o objeto privilegiado a ser enfrentado.⁶³ Isto nos leva à troca epistolar com outro missivista com quem Abreu, através de uma relação pedagógica, manteve diálogo durante muitos anos. Na correspondência com Afonso Taunay, a quem Capistrano deu aulas enquanto jovem, fosse aconselhando-o com conselhos acerca das pesquisas em andamento, fosse ao realizar sugestões e repreensões acerca de projetos e posturas no cotidiano, a modéstia gravitava enquanto presença constante em seus conselhos.

Afonso Taunay, quando ainda de sua estadia no Rio de Janeiro, estudou no colégio Pedro II e foi aluno particular de Capistrano de Abreu. Já mais velho, foi diretor do Museu Paulista, onde se notabilizou, então, pela pesquisa de temas históricos relacionados à história de São Paulo, principalmente referentes ao

⁶² GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional” In: *Estudos Históricos*, nº1, 1988. pp 5-27.

⁶³ Não cabe aqui aprofundar o ponto, pois a preocupação está direcionada para um outro foco. Mas com relação a este contraste, a primeira formulação a respeito é de José Honório Rodrigues In: RODRIGUES, José Honório *Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira* apud ABREU, Capistrano de *Correspondência* vol. 1 pp. XXXVI – XLVI.

primeiro ano da Província. Diferentemente de Capistrano, Taunay conviveu de forma produtiva com as instituições de que fez parte, caso do IHGB e sua filial paulista, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e da Academia Brasileira de Letras – tornou-se acadêmico no ano de 1929. Mais distinto ainda de Capistrano, Taunay estabeleceu uma vultosa história do Brasil.⁶⁴

Conselhos os mais diversos, principalmente direcionados ao encaminhamento de suas diversificadas pesquisas, gravitaram por mais de vinte anos de correspondência. Apesar de possuir referências ao cotidiano e aos familiares – uma atmosfera de interlocução – as missivas enviadas por Capistrano levavam o traço da orientação, tendo por singularidade a ampla quantidade de críticas aos diferenciados empreendimentos do historiador paulista. Apesar de configurar uma relação entre mestre e discípulo, as críticas eram contundentes à intenção do antigo aluno de aprisionar Capistrano em um tipo específico: a do Mestre repleto de títulos bacharelescos. Dirá Capistrano, de maneira enérgica

É você teimoso! Já lhe disse várias vezes: nem mestre nem dr.! Mestre!? Mestre de meninos? Sabe você perfeitamente que me doutorei na ‘academia de xexem’. Não reincida que o caso é de *non placet*.⁶⁵

Esta carta singular alia-se a outra na qual sua modéstia é o elemento que permite gerar a crítica:

Disseram-me que o Instituto anda em pasmaceira. A Revista não sai porque não há dinheiro? Mas se o diário Oficial a imprime! Ouvi dizer que o pior estorvo provém de brigas de politicagem provinda da disputa do penacho. Dizem que fervem. Que há de exato nisso? Sempre a mesma história das competições pessoais e da vaidadezinha toleirona! Com isto padecem as Musas. Enfim não quero meter-me nestas brigas nem fazer o papel de conciliador. E você andará muito bem se alhear de semelhante ambiente.⁶⁶

Crítico voraz da sistemática de bajulações e promoções personalistas que caracterizavam as instituições que produziam o conhecimento histórico em sua época, Capistrano de Abreu pareceu não se sentir à vontade, mais uma vez, diante das práticas de pesquisa realizadas no início do século XX. Novamente o Instituto

⁶⁴ AHRENZINI, Karina “Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay” In: *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 32, 2003*.

⁶⁵ Carta a Afonso de Taunay s/d In: ABREU, Capistrano *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v.1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 274. Para uma apreciação específica acerca desta carta ver CÂMARA, Jose Aurélio Saraiva. *Capistrano. Biobibliografia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

⁶⁶ Carta de Capistrano para Afonso Taunay datada de “Idos de Março” de 1917 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 280.

Histórico é alvo de críticas devido à sua conjunção entre inércia e vaidade. Mesmo direcionando-se a outro missivista, neste caso o ex-aluno Taunay, a manutenção da politicagem e pessoalidade nas relações entre os membros permanece sendo uma das causas fundamentais da ausência de sentido e ação da instituição. O conselho de Abreu para Taunay é certo: alhear-se do ambiente.

Este distanciamento virá atrelado a outro conselho presente em uma carta já famosa. Avesso aos elogios que se obtinham nas conferências, conforme era prática na época, Abreu recusou o convite da Academia Brasileira de Letras, em missiva que se tornou obrigatória em seus estudos: “Fui inscrito na Academia humana independente de consulta e já acho excessivo. Os fundadores da Academia de Letras daqui eram todos meus amigos, instaram comigo para que lhes fizesse companhia. Resisti e cada vez mais estou convencido de que fiz certo.”⁶⁷

No já citado artigo de cunho biográfico sobre Duque de Caxias, este elogio da modéstia está presente. Após entrelaçar a vida do próprio Caxias ao conjunto de mudanças políticas que ocorreram ao longo do século XIX, narrou a ascensão de títulos conseguidos – barão, conde e duque – até o período de sua morte. Ao fim do artigo, terminou mostrando a articulação entre político e militar no biografado e afirmou: “rejeitou todas as honras e pompas oficiais, quis ser enterrado como obscuro paisano.”⁶⁸

À modéstia, viria se aliar a sobriedade. Esta particularidade seria presença constante no conselho aos correspondentes.⁶⁹ Novamente em carta destinada a Afonso Taunay, Abreu exercitou o papel de orientador tecendo críticas no que dizia respeito, inclusive, à organização de suas atividades e ao estilo de sua escrita. Em carta datada de meados de 1917, ao abordar o trabalho que vinha realizando acerca de Pedro Taques, Capistrano questionou o estilo do ex-aluno: “Como vai o Taques? Não recebi a continuação dos seus artigos. Ouça-me: nada de alusões literárias! Nem mesmo as corriqueiras: o que uma geração conhece é muitas vezes

⁶⁷ Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo (02/06/1917) In: *Correspondência de Capistrano de Abreu*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 58.

⁶⁸ ABREU, Capistrano de “O Duque de Caxias” 04/08/1903 In: *Ensaio e Estudos 2º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 18.

⁶⁹ Apesar de admirar a convicção de espírito do jesuíta Vieira, Capistrano diria em carta a João Lúcio Azevedo (03/09/1917): “Encontrei um volume truncado de Vieira, e li o Sermão dos Reis Magos, pregado diante do Marquês do Montalvão, e o panegírico do padrinho. Nunca me acostumei com a eloquência do jesuíta, toda crivada de porquês, em que o galarim consiste no por isso mesmo.” In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 63.

totalmente ignorado pela seguinte.”⁷⁰ A retórica também seria recriminada, ao longo da correspondência, – “deite fora a retórica, reduza o volume ao rigorosamente significativo” – e criticava, de maneira contundente, as alusões vagas e indiretas. O seu papel na orientação dos estudos o colocaria, mais uma vez, na posição de crítico do estilo do aluno: “Mais uma vez chamo sua atenção para as paráfrases e alusões. Não estará V. em idade de poder ou vir ainda libertar-se deste cacoete? Não tenha medo de fazer artigos curtos e siga o conselho augusto: pão, pão; queijo, queijo.”⁷¹

A exuberância, o excesso e a retórica que, segundo Capistrano, eram vazios, seriam presenças constantes no estilo de Taunay. O sentido de retórica que Abreu parece mobilizar se referia à ornamentação da escrita, a tudo aquilo que não expressasse, imediatamente, a idéia que se queria exprimir. Ao escrever, Capistrano solicita que o amigo Afonso o fizesse através de um conjunto de argumentos lógicos, elaborados e sustentados a partir de documentos. Por isso, Capistrano pediria ao amigo que fizesse um imenso e difícil sacrifício: “Se V[ocê] for capaz de sacrifício, aconselharia um: deite fora a retórica, reduza o volume ao rigorosamente significativo e ajunte como apêndice o Frei Gaspar aos seus estudos sobre São Paulo no século XVI.”⁷²

Os conselhos dados aos diferenciados interlocutores que o tinham como “mestre”, apesar de odiar o título, diriam que Capistrano guardou para si esta sobriedade de estilo. Paulo Prado, outro dos missivistas com quem João Capistrano compôs uma troca epistolar regular, diria que o estilo do próprio Capistrano, ao final da vida, teria se tornado extremamente objetivo e claro. Capistrano chegara “à perfeição de extrema brevidade e singeleza, contraída numa sintaxe sem artigos, sem verbos auxiliares, despojada de adjetivos redundantes”.⁷³ Tanto em suas cartas, devido à própria Natureza da troca epistolar, como em seus *Capítulos*, Capistrano exercitou uma escrita telegráfica.⁷⁴

⁷⁰ Carta de Capistrano de Abreu para Afonso Taunay “meados de 1917” In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 284.

⁷¹ Carta a Afonso Taunay 17/12/1919 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 304.

⁷² Carta de Capistrano para Afonso de Taunay 26/08/1919 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.302.

⁷³ PRADO, Paulo. *Paulística* apud VIANNA, Hélio. *Ensaio biobibliográfico* In: ABREU, João Capistrano de. *O Descobrimento do Brasil* 1999.

⁷⁴ Como dirá em seus *Capítulos de História Colonial*: “Pau-Brasil, papagaios, escravos, mestiços condensam as obras das primeiras décadas” In: ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.28.

Retornando à dimensão autobiográfica do autor, dispersa em suas missivas, é interessante notar que ele buscava tanto quanto praticava uma posição de excentricidade. Mas uma excentricidade que, ao invés de investir no performático, no teatral e excessivo, apostava na modéstia e na sobriedade enquanto maneira de se “automodelar”. Este conjunto de atributos constrói uma postura que caracterizava uma tradição intelectual específica. Roger Chartier, ao estudar o homem de letras, pondera que o afastamento do mundo e o desinteresse de questões cotidianas em prol das atividades do pensamento eram o alicerce da construção do discurso pedagógico na França do século XVIII. Lidando com autores diversos, analisa que estes supunham que o distanciamento do mundo das paixões orientava sua atenção e sua dedicação à edificação de um saber de valor coletivo.⁷⁵ Mesmo escrevendo suas missivas no início do século XX, Capistrano de Abreu seguiu alguns desses atributos, principalmente a aversão a pompas e futilidades, investindo em seu caráter de estudioso recluso e direcionado a questões maiores, que diziam respeito aos interesses da nação.⁷⁶

Modéstia, sobriedade, distância: características que delineiam uma escrita de si a ser exaltada no “pequeno mundo dos intelectuais”.⁷⁷ Em sua correspondência, João Capistrano, lidando com aspectos de sua vida pessoal, investe em mais um dos aspectos de sua modelagem: o conformismo. Ao divagar sobre o ócio, a velhice, a solidão e a morte, em carta a Mário de Alencar, fala do sentimento de perda:

Considero-me uma ave qualquer que desde quase vinte anos outra coisa não fez senão perder penas; as novas não substituem as antigas, e o vôo faz-se cada vez mais rasteiro, e lá um dia virá, sobre todos desejado, em que cesse a faculdade de voar. Eis o meu caso, querido Mário. Não sou pessimista, não sou otimista, sou um conformista, quem sabe? Um satisfeito, mas hoje gosto tanto de não ser obstrutivo (sic).⁷⁸

⁷⁵ CHARTIER, Roger. “O Homem de Letras” In: VOVELLE, Michel (org). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p.117-153.

⁷⁶ Apesar de Capistrano ter sido um erudito que adquiriu saber profundo em uma determinada disciplina, a imagem, fruto da leitura de Chartier acerca do *homem de letras*, viabiliza uma série de aproximações devido ao investimento pessoal do próprio Capistrano.

⁷⁷ A expressão, aqui, é utilizada conforme GOMES, Ângela. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1997. Cabe considerar que estes atributos foram ressaltados por biógrafos de Capistrano, como Hélio Vianna e José Câmara, como atributos que o particularizaria nos estudos de História do Brasil. A perspectiva aqui adotada é justamente pensar estes atributos enquanto uma interferência no mundo.

⁷⁸ Carta a Mário de Alencar 09/01/1910 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 213.

Como se fosse parte integrante de si, Capistrano fala do conformismo associando-o aos anos que passaram e de suas perdas familiares e de amigos. Uma “ave” que outra coisa não fez senão “perder penas”. Um “vôo” cada vez mais rasteiro em que o conformismo ou a satisfação parecem ser o único diagnóstico pela proximidade da perda da “faculdade de voar”.

A tendência à margem era um projeto autobiográfico do próprio Capistrano, no sentido de cultivar distância em relação ao cotidiano em plena consciência de seu distúrbio, em plena consciência da impotência de influir em seu curso. As cartas que trocou com João Lúcio Azevedo, principalmente as posteriores a 1919, foram ilustrativa neste sentido.

Vou encontrar-me com a última semana de eleição presidencial. Não sou eleitor, não acredito que haja alguém capaz de salvar o Brasil ou de perdê-lo. Bem nenhum poderá me fazer, porque desde muitos anos limitei minhas ambições a morrer sem escândalo, como nasci.⁷⁹

A satisfação, citada na carta anterior, é a aceitação tácita de que o tempo já não pode mais propiciar mudanças. Ela veio, contudo, atrelada ao referencial objetivo, nesta carta, construída como se sua afirmação somente fizesse sentido ao ser contraposta à imagem da nação. As cartas enviadas por Abreu para Mário de Alencar comungavam com este argumento. Diferente das cartas enviadas para João Lúcio Azevedo, as cartas para o filho de José de Alencar apresentam um referencial propedêutico. A diferença de idade e as específicas experiências vivenciadas por Capistrano fizeram com que ocorresse uma demarcação clara do diferenciado lugar estabelecido entre ambos. Observa-se, como principal elemento encadeador da troca epistolar, uma ampla gama de conselhos proferidos pelo polígrafo cearense ao escritor mais jovem.⁸⁰ Nesta troca de missivas com o jovem escritor, Capistrano abria sempre veredas para falar de si mesmo. Há uma significativa carta em que, ao refletir sobre as possibilidades de mudança e transformação na vida do destinatário, tece reflexões sobre a sua. Ante um espelho, modelou-se por diferença:

⁷⁹ Carta a João Lúcio Azevedo (Pedras Altas 26/03/1919) In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 117.

⁸⁰ Uma análise mais detida acerca deste referencial propedêutico, expandindo e compreendendo que esta troca caracterizou uma entrada em si mesmo por parte de Capistrano Ver: AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006. pp. 238-250.

Ainda aqui se reduz minha opinião a repetir: fora com o ramerrão! É difícil; mas é possível dar uma direção à vida, como gato que se vira no ar e cai sobre os pés: em nosso tempo, Goethe fez isto, depois da viagem à Itália; Comte fez isto depois de conhecer Clotilde; anteriormente Dante tivera a idéia da *Vita Nuova*; precedentes não faltam, falta é quem se inspire neles e aumente o número. Eu infelizmente não o consegui, e já dei de mão a tais ambições. Estão chamando e o portador vai sair. Até outra.⁸¹

Suas colocações construía uma atmosfera de aparente imobilidade quanto aos seus desejos mais particulares e também no que aludia à sua produção textual. O comentário final acerca da impossibilidade de revisão – “já dei de mãos tais ambições” – terminou por apresentar certa dose de *aceitação* incontestável do futuro.

Talvez o nome que assinava, ao final da vida, como “João Ninguém” ajude-nos a pensar este ponto. Rebeca Gontijo afirma que uma hipótese plausível para o nome “João Ninguém” por João Capistrano de Abreu é a idéia de que Capistrano se sentia como um *leitor errante*.⁸² A aversão a títulos bacharelescos, que era expressa nas cartas para o correspondente Taunay, era tomada para si mesmo no conjunto de cartas ao fim da vida, reiterando, na própria assinatura, certo amoldamento às circunstâncias. “João Ninguém” parece se referir, também, ao conjunto de investimentos, ao longo da vida, que não germinaram. Como se tivessem sido inférteis os investimentos familiares e as esperanças de que o país avance. Filhos que morreram, país que não avançava e esposa que faleceu cedo.

Houve um investimento, ao longo de toda a sua epistolografia, em uma determinada imagem a ser moldada. Um artesanato pessoal construído, cuidadosamente, no trânsito de suas missivas, que investiu em si mesmo como aquele que atingiu a maturidade. Característica já observada por alguns biógrafos⁸³, ela nos serve, aqui, para um detalhamento. Enquanto esta consideração poderia vir simplesmente associada à preguiça e à falta de metodismo, que implicaria a inconclusão de múltiplos e diferenciados trabalhos, ela possui, além disso, um contraste, ao longo de outras missivas, com uma espécie de aprofundamento da individualidade. Se a nação é o espaço de diferenciadas e turbulentas experiências cotidianas e se a vida pessoal trouxe a fragmentação da

⁸¹ Carta de Capistrano para Mário de Alencar 14/12/1910 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.210.

⁸² Conforme Gontijo observa, houve um impasse promovido pelo Capistrano leitor que teria levado o Capistrano escritor à imobilidade e à inconclusão. Deriva daí a imagem do autor como um leitor errante com pesquisas que derivavam ao infinito. In GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Niterói: UFF Tese de Doutorado, 2006.

⁸³ CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Capistrano de Abreu. Biobibliografia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

família e a inconclusão de projetos, o enriquecimento e a expansão da vida interior somente podem ocorrer através de uma particular conduta, que se sustenta no distanciamento de uma ordem objetiva turbulenta e artificial e na linearidade entre pensamento e ação, o esforço para conciliar o fazer e o pensar.

2.5 Autenticidade e formação

Numa palavra, esta seção é dedicada ao aprofundamento de um dos caminhos que Capistrano utilizou para a sua construção de subjetividade e que perpassam suas afirmações, tanto de cunho autobiográfico como os conselhos e colocações que enviava para os mais diferentes missivistas. Na verdade, pode-se dizer que não se trata simplesmente de um elemento que componha, junto aos outros, os diferentes caminhos pelos quais modelou a sua personalidade, simplesmente, mas, talvez seja, além disso, o argumento que baseia a visão de mundo de Capistrano de Abreu.

O argumento presente, de uma forma geral, em suas epístolas, para caracterizar sua figuração de si, é o da autenticidade. Dimensionando-se na camada mais recôndita capaz de ser perscrutada e acessada, ela se refere menos ao relacionamento tecido com o outro, mas àquilo que realmente somos, apesar das diferenciadas maneiras como construímos diferenciados papéis nas interações sociais. Uma unidade livre e autônoma frente à ampla totalidade de eventos que se sucedem em um plano mais geral.⁸⁴ O critério valorativo que Capistrano adotou com relação a uma determinada maneira de compreensão do mundo teve por princípio esta autenticidade, enquanto expressão cultural que se caracterizava por ser espiritualmente harmoniosa, interna ao indivíduo, desvinculada do grau de sofisticação social e material.⁸⁵

⁸⁴ A noção de autenticidade aqui seguida vem influenciada pelo artigo de GONÇALVES, José Reginaldo “Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, pp. 264-275.

⁸⁵ Aqui apóia-se a reflexão na compreensão de Trilling acerca da diferença entre sinceridade e autenticidade, indicando que ambas surgem no mundo moderno, mas que também a autenticidade substitui a sinceridade como elemento central na visão de mundo individualista. Enquanto a noção de sinceridade é pública e social, e corresponde a uma demanda do grupo e não do indivíduo, a autenticidade relaciona-se a um verdadeiro *self*, uma verdade interior. In: TRILLING, Lionel. *Sincerity and Authenticity*. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

Vale destacar que a autenticidade inclui, ou tematiza, certa unidade entre o lado espiritual/intelectual e o lado corporal. Daí sua insistência no concreto, ou seja, o corporal, o individual. A imagem descrita por Capistrano de Abreu no necrológio de José de Alencar tem como o alicerce do seu argumento esta convergência entre interior e exterior capaz de manter a constância nas idéias e de não se submeter ao que havia de artificial nos cumprimentos e frivolidades⁸⁶. Neste percurso, há a convergência deste comportamento frente ao cotidiano com o que parece ser sua compreensão de individualidade. Apesar do gosto de conviver com os amigos, das viagens e reuniões, Capistrano, ao refletir sobre a existência, aponta: “Amigos, conversas, passeios, livros, tudo passa e tudo é vão: quem afinal fica reduzido a si próprio é que vê a realidade e conhece como tudo é insuficiente. *Is life worth living?* [vale a pena viver?].”⁸⁷

Esta individualidade, que investia no fato de estar “reduzido a si próprio”, esteve ligada a um tipo de comportamento, levando a um outro elemento acerca da forma como Capistrano modelava a sua personalidade. O cumprimento das obrigações, o controle das paixões, o autocontrole racional estiveram intimamente ligados ao ideal de formação, presente em suas cartas e sugestões aos correspondentes. A recorrência da citação de Goethe em suas cartas foi sugestiva neste ponto, pois serviu de referencial constante para uma determinada postura seguida pelo polígrafo cearense. Seus livros ocupavam um lugar de destaque em suas indicações para outros missivistas, como, por exemplo, nas cartas a Mário de Alencar e Paulo Prado, onde afirmava múltiplas vezes a necessidade de “obrar segundo o pensamento”, afirmações derivadas de suas leituras dos livros do autor alemão, principalmente de seu *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*.

O ponto central deste livro do autor de *Fausto*, também lido por Capistrano, estava na relação estabelecida entre a formação humanista da personalidade e o

⁸⁶ A autenticidade também já foi explorada por um outro percurso que a associa com o vínculo com o romantismo pela visão trágica do mundo, pautada, sobretudo, na idéia de contradição entre os valores e a realidade. Esse ponto é explorado em LÖWY, Michel. *Revolta e melancolia: romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

⁸⁷ Carta a Joaquina “Kiki” de Assis Brasil 03/06/1919 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.71. Esta redução a si próprio também estava presente na mudança de projetos “Quando pensei em consagrar-me a História do Brasil, resultado de uma leitura febricitante de Taine, Buckle e da viagem de Agassiz, feita ainda no Ceará, não me lembro se pretendia abarcar toda a História do Brasil. Mais tarde reconheci que era necessário incluir a época contemporânea, mas a minha curiosidade dispersou-me a minha atenção por toda a parte e agora posso dizer com Monte Alverne: é tarde! Muito tarde!” Carta de Capistrano para Mário de Alencar (21/01/1914) *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

mundo. O livro trata da lenta formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de compreensão. Uma maturação que ocorreu ao longo da vida e possibilitou ao personagem alcançar o momento em que o sujeito apresentava-se como acabado. A realização dos ideais humanistas é não só o parâmetro de julgamento dos outros personagens da trama, como também o ponto de fuga que permite alinhar de maneira específica todos os critérios de ação do romance. Quando, em *Os Anos de Aprendizado*, o herói decidiu finalmente entrar para o teatro, formula a questão da seguinte maneira: “De que me serve fabricar um bom ferro se meu interior está cheio de escórias? E de que me serve também colocar em ordem uma propriedade rural, se comigo mesmo me desavim?”⁸⁸

Há uma passagem fundamental em que Wilhelm, após gradualmente tecer relações de maior proximidade com o filho com que pouco teve contato, gradativamente muda sua forma de observação do mundo. O mundo deixa de apresentar sua face em desorganização – seu caráter de “edifício” que “erguido às pressas se deteriora antes de o deixarmos” – e passa a ganhar estabilidade – e “tudo que estabelecesse devia durar por várias gerações” pelo conjunto de investimentos que “pensava plantar” e “crescer” de encontro ao filho. “Nesse sentido, haviam chegado ao fim seus anos de aprendizado e com o sentimento de pai havia adquirido também todas as virtudes de cidadão.”⁸⁹ Como dirá Georg Lukacs, em um ensaio de 1936, “O teatro, e a poesia romântica ao longo do livro, são apenas meios para a expansão da personalidade humana.”⁹⁰ Esses diferenciados meios propiciarão a edificação daquilo que é singular.

Será neste sentido edificador que Capistrano irá recomendar a Mário de Alencar a leitura de um artigo do *The Nation*:

Se a câmara ainda recebe o *The Nation*, chamo sua atenção sobre um artigo do semestre passado, relativo a duas célebres quadrinhas de Goethe no *Wilh[elm] Meister*. O sentido é quem nunca comeu seu pão com lágrimas e passou as noites chorando sem dormir, não conhece os poderes celestiais, que atiram a criatura no mundo, fazem-na pecar, deixam-na entregue a si, porque tudo se expia nesse mundo...⁹¹

⁸⁸ GOETHE, Joham Wolfgam Von. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Ensaio, 2º ed., 1994. p. 357.

⁸⁹ Idem. p. 502.

⁹⁰ LUKACS, Georg. “Os Anos de aprendizado de Wilhelm Meister” (1936) In: GOETHE, Op. cit. p. 658.

⁹¹ Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar 15/09/1915 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 243.

Comer “pão com lágrimas” e passar as noites “chorando sem dormir” é a condição para que o sujeito se compreenda enquanto personalidade diferenciada dos outros, uma criatura atirada, “entregue a si”. Formar-se: o homem se faz no mundo, pois o que se “expia nesse mundo” é o que possibilita o desenvolvimento da personalidade. Incorporando as reflexões de Harvey Goldmann acerca do romance de formação goethiano, o autor observa que o conceito de personalidade é central e crucial para a composição da *Bildung* e que não há outra palavra que pode ser mais característica a ela. Personalidade é um elemento fundamental do *self*, neste caso. *Bildung* implica a suprema ênfase nas tendências do coração. Ela faz com que o homem busque uma elevação espiritual e refino emocional, individualização mental e perfeição moral.⁹²

Esta perfectibilidade a ser alcançada pelo indivíduo, que se forma a partir de um desenvolvimento individual em relação estreita assumida com a ambiência cultural⁹³, estava presente principalmente em frases do *Wilhelm Meister* de Goethe que foram utilizadas por Capistrano, conforme a troca epistolar com Mário de Alencar e Paulo Prado indica. Como Abreu diria diversas vezes tanto para Paulo Prado como para Mário de Alencar, “obrar é fácil, pensar é difícil, obrar segundo o pensamento é mais difícil ainda.”⁹⁴ A busca pela sincronia entre pensamento e ação é tópica do romance de formação.

Ainda neste ponto, mas caminhando para um outro terreno, conforme observou Gadamer, “o ideal de formação... talvez seja a grande idéia do século XVIII.” Ao refletir acerca deste conceito, observa o estrito vínculo entre formação e universalidade: “A formação como elevação à universalidade é uma tarefa humana. Exige um sacrifício do que é particular em favor do que é universal. O sacrifício do particular, porém, significa a inibição da cobiça, e com isso, liberdade de seu objeto e liberdade para a sua objetividade.”⁹⁵ A formação intelectual de Capistrano compreendia formação cultural não como imitação, mas como participação criativa, como a capacidade do indivíduo de completar sua própria

⁹² GOLDMAN, Harvey. *Politics, Death and the Devil: self and power in Max Weber and Thomas Mann*. University of California Press, 1992. p. 27.

⁹³ “O Conceito fundamental de *Bildung* significa formar a alma por meio do ambiente cultural. O conceito de *Bildung* requer uma individualidade que, como ponto de partida único, deve desenvolver-se numa personalidade formada ou saturada de valor.” In: RINGER, Fritz K. *O Declínio dos Mandarins alemães*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 95.

⁹⁴ Carta e Capistrano para Paulo Prado 15/02/1925 esta frase seria repetida para uma série de outros missivistas ao longo de toda a sua correspondência.

⁹⁵ GADAMER, Hans-George. *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1995.

formação. Um crescente aprimoramento de cada indivíduo que conduzia à autoconsciência no plano individual; e que, no plano coletivo, implicaria a constituição de uma humanidade qualificada pela cultura.⁹⁶ A tônica é como formar-se a partir da vivência.

Retornando ao romance goethiano, Wilhelm é a expressão de uma individualidade plural, a narrativa de uma vida que está organicamente atrelada aos outros personagens dispostos na trama. Os diferentes conflitos, choques e divergências existentes não geram ruptura ou separação, mas servem de passo para a coerência final da obra. A expressão mais acabada do homem inteiro, no sentido de *Os anos de Aprendizagem*, é a forma adequada para uma dupla reflexão: o indivíduo batalhando concretamente na vida e espelhando em si um mundo inteiro. O romance é a efetivação desta tensão e saber em uma forma que é diferente em cada indivíduo.

Esta idéia de um indivíduo capaz de alcançar o próprio de sua singularidade, através de um processo de formação, está muito próxima à idéia de cultura caracterizada por Simmel no momento em que constatava seu desaparecimento no contexto da modernidade européia. No texto chamado “Subjective Culture”⁹⁷, o autor descreve o ideal de perfectibilidade ao qual estava ligada a tradição romântica alemã. A relação entre a interioridade de uma entidade individualizada e um agente cultural externo ocorre a favor do aperfeiçoamento das qualidades inerentes ao primeiro. Nessa perspectiva, cultura era entendida como “cultivo”, o desenvolvimento daquilo que já existia em sua própria individualidade.

Este detalhamento da noção de cultivo nos permite compreender em que se baseia a noção de expansão de vida interior que Capistrano parecia mobilizar. Em uma carta, após suspeitar do lançamento de Mário de um livro de bolso que poderia não arrecadar cifras de vendagem, Abreu, de maneira incisiva, apontava ao amigo escritor:

⁹⁶ “O Termo *Weltschauung* é costumeiramente traduzido por visão de mundo ou ‘concepção integral de mundo’, mas o termo chegou a significar mais que isso. Ele não se referia apenas ao entendimento total e sistemático da realidade ou uma ênfase metafísica distinta da meramente “epistemológica”. Também aconselhava uma síntese pessoal das observações e juízos de valor, na qual os objetivos do indivíduo estariam relacionados com seu entendimento do universo In: RINGER, Fritz K. *O Declínio dos Mandarins alemães* São Paulo: Edusp, 2000. p. 110.

⁹⁷ SIMMEL, George. “Subjective Culture” In: *On Individuality and Social Forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

Quase quinze anos Você tem sacrificado a seu pai: tome agora dez anos para si; depois, com a experiência e o saber adquirido neste prazo, torne a seu antigo culto, porque o perigo do epigonato estará acabado, e poderá cumprir o seu dever com uma superioridade que você tem-se condenado a não adquirir, se persistir na atmosfera do herói de Encarnação. Não é isto idéia de momento, há muito penso assim, mais de uma vez tenho lhe dado a entender, desde que se oferece hoje a ocasião, expondo-lhe logo de uma vez sem ferrolhos todo o meu pensamento.⁹⁸

Pertencer a uma atmosfera que não é a sua, eis o equívoco. O “condenado” Mário de Alencar insiste em não alcançar aquilo que lhe é próprio – sua “superioridade” – por ainda estar preso ao exemplo dado pelo passado. Ao longo das cartas enviadas para este interlocutor, há a construção de um diálogo que, além de possuir um caráter pedagógico, cada vez mais caracteriza um mergulho intimista do próprio Capistrano. Em outras palavras, une o inautêntico que visualizava em outro intelectual com a expansão que buscava para si mesmo. Em carta a Luis Sombra, ao tratar da entrada de sua filha para o Convento das Carmelitas, Abreu – apesar de toda dor causada pela escolha da filha de um projeto radicalmente diferente do seu – afirmou que ela teria seguido o único caminho possível para a sua felicidade: “obedecer aos ditames da consciência, principalmente com sacrifícios.”⁹⁹

A noção de autenticidade carrega, junto a si, a noção de vocação. Ainda dialogando com as cartas que tratam do tema da entrada da filha para o convento, dirá Capistrano, em outra carta endereçada a Mario de Alencar:

A 30 uma carta de Honorina, datada da véspera, comunicou-me a resolução de entrar já para o convento. Só a 2 pude ter com ela uma conversação íntima e perfeitamente inútil. Mesmo se pudesse, nunca me oporia a que seguisse a sua vocação; pedi-lhe apenas que adiasse a separação enquanto a vó estivesse viva.¹⁰⁰

“Tenho querido ser psicólogo”. Assim caracterizaria Abreu, na continuação da carta, a função que gostaria de exercer para aplinar a sua dor. Com dor e amor unidos no peito, Capistrano continuaria dialogando com Mário, através das missivas, sobre a “crise” religiosa da filha, “em nossa longa conversação sondei-lhe bem a alma, depois meditei bem sobre tudo, deixando de parte o sentimento e

⁹⁸ Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar 14/12/1891 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 208.

⁹⁹ Carta a Luis Sombra de 31/12/1910 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 22.

¹⁰⁰ Carta de Capistrano para Mário de Alencar 28/12/1909 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 213.

convenci-me de que sua resolução havia sido a mais acertada.”¹⁰¹ Apesar da junção de sentimentos múltiplos, a vocação ainda seria considerada o caminho a ser seguido.

Esta ênfase no autêntico leva a outra questão acerca do caráter acusador de muitas das afirmações de Abreu. Conforme afirma Virgínia Buarque, a personificação de elementos simbólicos promovida pela sua filha e, posteriormente, Madre Maria José seriam os elementos principais do distanciamento entre ambos.¹⁰² Observa a autora que através da troca epistolar, a filha buscou não somente sociabilizar suas práticas e dar sentido às mesmas, como também as tornou instrumento de um apostolado letrado, visando obter a conversão do pai à fé católica. Enquanto a Madre constituía sua biografia espelhando-se em padrões hagiográficos femininos, Capistrano, por sua vez, não se espelhava em nenhum modelo previamente estabelecido.¹⁰³ A possibilidade de se rascunhar de maneira similar a qualquer Outro era a expressão inautêntica de uma forma de vida que se compreendia em assimetria entre interior e exterior. Independente de qual fosse sua leitura, nenhum padrão, seja existencial, teórico ou filosófico seria capaz de servir de modelo para Abreu.

A escrita das cartas e a produção de um desenho de si que visasse ao distanciamento do que considerava a completa desorganização da vontade no espaço público – seja regido por múltiplas turbulências, seja por votações que não seguiam nenhuma relação de dignidade – era a expressão da tentativa de compreender-se de forma diferenciada, o que permite visualizar como sua pintura de si foi rascunhada em contraposição a outros intelectuais. Em cartas para vários correspondentes, verticalizava suas crítica ao caráter retórico da ação destes intelectuais e repetia um ditado captado de Tobias Barreto, que dizia que “no Brasil come-se em francês e se arrotta em alemão.”¹⁰⁴

Nas considerações de Capistrano, a vida política era deprimente e repetitiva. Diante de um certo grupo de intelectuais, suas afirmações ganhavam, cada vez mais, a sonoridade da busca por autenticidade. Diante de um presente só-

¹⁰¹ Idem Ibidem.

¹⁰² BUARQUE, Virgínia. “Cartas do Claustro” In: *Trajetos. Revista de história da UFC Dossiê: Capistrano de Abreu*. Ceará: Vol.3 n°5, 2004. p.137-145.

¹⁰³ BUARQUE, Virgínia. *Escrita Singular. Capistrano de Abreu e Madre Maria José* Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura, 2003.

¹⁰⁴ Carta para Paulo Prado 16/12/1925 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 305.

superfície, a composição de uma identidade pautada por valores morais fixos e que seguisse ações de forma coerente, seria a única possibilidade de atrelar a seus atos uma dada postura ética. Seu desenho de si e sua percepção do país estavam em profunda assimetria, fazendo com que a sua imagem de outros intelectuais fosse condicionada por esta maneira de apreensão.

Entra-se, assim, no terreno de suas acusações acerca da noção de cópia. Seu principal alvo foi Joaquim Nabuco. Mais do que uma comparação que vise aproximar para definir diferenças, Nabuco foi presença constante em suas cartas, tornando-se, como pode ser claramente observado em suas cartas enviadas para João Lúcio Azevedo, parte constitutiva de sua “automodelagem”, assim como Rui Barbosa também o seria. Uma imagem invertida que se tornou parte constitutiva de seu próprio desenho.

Mando agora a *Minha Formação* de Joaquim Nabuco. Se já a conhece, passe adiante. Minhas relações com ele foram poucas. Alguns dias depois de 15 de Novembro, pegou-me na rua e, todo vibrante de indignação, expôs-me o seu monarquismo, graças a São Bagehot. Um capítulo sobre os Estados Unidos é digno de toda atenção. Quanto ao abolicionismo acho uma decepção. Quem o ler pensa que fez tudo: enquanto Patrocínio e Rui e outros batiam-se, estava na Inglaterra. Bonito homem, ainda ficou mais apolíneo quando encaneceu, conservando a tez de moço. Quando soube de sua nomeação para os Estados Unidos, disse a um pernambucano como ele: é branco, é bonito, é instruído; é a pessoa mais própria para dar uma falsa idéia do Brasil: não podia ser melhor a nomeação.¹⁰⁵

Mesmo em se tratando de uma figura de grande aceitação pública, e que teve o seu nome relacionado à campanha de abolição, o Nabuco de Capistrano viveria de uma falsa imagem. Capitalizou para si uma luta para a qual nem sequer estava presente, visto que estava na Inglaterra. A mesma falácia se encontrava desenhada na sua escolha como representante brasileiro nos Estados Unidos. O que mais parece incomodar Abreu é a existência de uma vida que se estiliza de forma perfeita e acabada, rigidamente enquadrada pelas regras de etiqueta e, desta maneira, instalada em uma dimensão distante de qualquer espontaneidade e vontade humanas. Através da imagem do político pernambucano, presentificava-se uma característica do procedimento brasileiro, ou seja, viver das aparências e passar a idéia de ser um país viável. Nabuco é aquilo que o Brasil, seu povo, sua nação não era: branco, bonito, instruído.

¹⁰⁵ Carta para João Lúcio Azevedo 11/02/1920 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. pp. 146-147.

Reiterava-se, nesta imagem, um embate entre artificialidade e autenticidade. A artificialidade não é propriamente a desordem em si, mas a reconfiguração de seus elementos em histórias e tramas que são percebidas como não-naturais. Ela pressupõe a distinção entre a solidez de uma profundidade e a leveza de uma superfície – um binarismo que corresponde à distinção entre um significado (profundidade) e as formas de sua expressão (superfície).¹⁰⁶ Tanto a autenticidade quanto a artificialidade se referem a uma relação entre forma e conteúdo, interior e exterior, onde, no caso de Capistrano, a opção por uma delas se fundamenta na crítica veemente a outra; uma escrita de si que tem como artifício o contraste com uma outra identidade que indique uma caracterização oposta. Ou seja, Capistrano, em suas observações, sustenta a complementaridade entre a expressão física e o conjunto dos atos do indivíduo como a marca daquilo que lhe é particular.

A assimetria entre forma e conteúdo, que teria em Nabuco seu principal exemplo, devido à assimilação dos valores franceses, seria a expressão da excessiva retórica que impregnava os ares deste intelectual-vitrine. Seu contato estreito com a Europa, muitas vezes definido pelo deslumbramento e por afirmações de descaracterização dos trópicos, tornava Nabuco o exemplar, por excelência, de um grupo de intelectuais que havia sucumbido ao desejo de tornar-se como o outro. Nesse caso, a Europa como desejo e os Estados Unidos como projeto político. Permite-nos afirmar que ele personificaria a expressão daquilo que ainda não havia sido superado, ao longo de muitos séculos, na História do Brasil e expresso em seus *Capítulos de História Colonial*: o sentimento de inferioridade do colono. Se em sua elaboração histórica houve a superação da inferioridade ante ao reinol, estava posta em dúvida a possibilidade de superação da inferioridade frente ao europeu pelo esquecimento de uma dada tradição e especificidade do brasileiro.

Aos olhos de Abreu, a fisionomia europeia deste Outro intelectual possui um caráter mimético, ressentido, que guardava velado o desejo de ser como o Outro. O Nabuco de Capistrano seria a expressão da excessiva valorização de uma norma estética fundada na aceitabilidade do padrão europeu de conduta. Uma padronização que teria como fim a reprodução formal de uma série de elementos incapazes de propor algum tipo de resposta às contradições de uma modernização

¹⁰⁶ Grande parte deste desenvolvimento acerca da noção de artificialidade encontra-se em GUMBRECHT, Hans Ulrich 1926. *Vivendo no limite do Tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

em curso no alvorecer daquele século XX, em terras brasileiras. Sempre o mais do mesmo, a recorrência, a reprodutibilidade e, pior, a aceitação. O mergulho em um clima do mais completo *artificialismo*.

Rui Barbosa também seria alvo de suas acusações. Contrapondo ilustração e rusticidade, Abreu contrasta Hermes e Rui, sem aderir a nenhum dos dois, mas caracterizando a “poliandria de idéias” como um vício que perdura em seu presente.

Dizem que Hermes não está preparado porque não é ilustrado. De que serve a ilustração, se, como no caso de Rui, apenas faculta a poligamia e a poliandria de idéias? Creio bem eu se tivesse o nariz carregado de um a outro extremo de lentes e óculos combinados, eu poderia enxergar; mas deve-se lastimar quem vê com os próprios olhos e dispensa artifício? Rui é um suntuoso banheiro de mármore, de água encanada, com duas torneiras, uma de água quente, outra de água fria, à vontade do freguês. De muito boa vontade troco-o pela cachoeira tosca da Gávea, e não peço compensação¹⁰⁷.

Exterior e interior em assincronia, “artifício” como perversão. Rui Barbosa como um exemplar de intelectual incapaz de seguir um caminho linear, seguir os “dítames da consciência”; a expressão de uma figura duvidosa, a personificação de um “suntuoso banheiro de mármore”. Como possui “duas torneiras”, é incapaz de manter sua própria vocação, permanece “à vontade do freguês” com água quente e fria, conforme necessitarem as circunstâncias. A adequação e a ausência de vontade frente às contingências do âmbito político são os fundamentos desta crítica, de veio moral, que Abreu direciona ao outro intelectual.

Como forma de questionar esta postura intelectual e seu direcionamento político, Capistrano utilizava a imagem de outro intelectual como exemplo de retidão: Eduardo Prado. Como dirá Capistrano, em carta a Domício Gama, “o manual do Itamarati deve ser a *Ilusão Americana*. Tem um? Deve ter, mas é o livro de um homem.” [Grifo do autor]¹⁰⁸ Em seu *A Ilusão Americana*, Eduardo Prado afirmava a identidade nacional pela negação do exemplo norte-americano, apresentando a contraposição entre duas Américas: a América do espírito e a América da força. O intuito explícito era a crítica à instituição da República no Brasil. A antipatia em relação à república norte-americana, que seria vista como

¹⁰⁷ ABREU, Capistrano de *Correspondência* v.2 Civilização Brasileira 1977 2º ed. p.213

¹⁰⁸ Carta de Capistrano para Domício Gama (11/11/1916) In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p 262.

em constante guerra pela expansão dos sindicatos e pela expansão imperialista, era uma crítica à República dos militares.¹⁰⁹

O que Eduardo Prado via na República era o desenfreado apetite individual que corrompia todos os valores, o particularismo contraposto ao domínio público, as soluções individuais em prejuízo do bem geral. O autor sugere um futuro em que os sindicatos lutariam contra a burguesia capitalista, fazendo com que os milionários se retirassem para a Europa. Numa outra opção, estes milionários estariam organizando os “Pinkertons” que seriam tipos de capangas “armados de revólveres e carabinas” que teriam a função imediata de “reprimir os operários revoltados”.¹¹⁰ O milionário que ao longo da história utilizou a corrupção como forma de atingir seus objetivos, agora utilizava a organização militar. Mas todos os intentos terminavam decaindo e chegando ao mesmo desaguar. “Em todo o caso o resultado é o mesmo, porque quer tenha que ser servidor dos financeiros, quer tenha que ser instrumento dos militares, o homem público perde, com sua dignidade, a sua independência.”¹¹¹ O particularismo criava uma situação de corrupção na qual o governo de uns sobre os outros levaria à decadência. A idéia que permeia o pensamento de Eduardo Prado seria a de que o país praticava uma opção política deslocada, por imitação e moda, e que o motor de tal prática era o motor desfibrado do brasileiro. Em sua *Ilusão*, a noção de cópia, como aquilo que permeia o pensamento nacional, entra na composição de sua crítica à aproximação do Brasil ao modelo norte-americano: “Copiemos, Copiemos, pensam os insensatos, copiemos, e seremos grandes! Deveríamos antes dizer: sejamos nós mesmos, sejamos o que somos, e só assim seremos alguma coisa.”¹¹²

A imagem de Eduardo Prado para Capistrano seria a de um exemplo de intelectual, devido ao rígido código de moral que seguia e a capacidade de pensar com a sua tradição. Ele não teria sucumbido à sedução de valores estrangeiros, pecado mortal que a grande série de intelectuais— como Nabuco e Rui Barbosa — teriam cometido. O conjunto de atitudes políticas do autor de *Minha Formação* tinha como objetivo a submissão política do Brasil aos Estados Unidos, reatualizando um vício secular que teríamos herdado de Portugal. Ele seria a

¹⁰⁹ PRADO, Eduardo. *A Ilusão Americana* 5ªed. São Paulo: IBRASA, 1980. pp. 17-30.

¹¹⁰ Idem. p. 59.

¹¹¹ Idem. p. 138.

¹¹² Idem. p. 234.

expressão do inautêntico, a cópia que simplesmente seguiria um modelo. Como dirá em carta a Domício Gama:

Em diplomacia somos associados, não somos aliados; temos de formar ao lado dos Estados Unidos, entregar nosso voto a Wilson. Não creio na amizade dos Estados Unidos, filho espúrio de Salvador de Mendonça, criado e chocado pelo Barão, pelo Nabuco, por V.[ocê], talvez por Assis Brasil, que já tem a visão menos turva.¹¹³

Cabe, após esta carta, uma pequena pausa. Tanto nesta missiva agora citada como na anterior, os Estados Unidos assumem lugar central em uma série de ponderações. Cabe, então, uma análise mais detida, para que este ponto não seja considerado, unicamente, através da consideração e do afastamento de Nabuco e Capistrano.

Como aparece na carta anteriormente citada, “Um capítulo sobre os Estados Unidos é digno de toda atenção. Quanto ao abolicionismo acho uma decepção.” Examinando este capítulo, pode-se compreender porque Capistrano, na missiva endereçada a João Lúcio Azevedo não o ataca imediatamente, mas diz que merece atenção. No capítulo “Influência dos Estados Unidos”, em *Minha Formação*, Nabuco, após considerar a procedência anglo-saxã dos americanos, iniciava um detalhamento acerca das diferenças, para ele gritantes, entre os dois países. Ao considerar as instituições inglesas como possuidoras de “mais dignidade, mais seriedade, mais respeitabilidade”, diz que a “organização americana oferece muito menos garantias de equidade e menor proteção do que a inglesa”. Assim, diz que individualmente o americano será o mais livre de todos os homens, mas como cidadão não possui garantias, por isso, afirma: “o cidadão vale menos nos Estados Unidos do que na Inglaterra”.¹¹⁴

Estas considerações levam até outro capítulo do livro. Em Bagehot, também lido e citado por Capistrano, na referida carta, ao analisar as chaves de sistema que caracterizam os principais ganhos de sua leitura, analisa que o equilíbrio entre partes “imponentes” e “eficientes” é a causa da calma do espírito nacional, o fato de caminharem sem perder o equilíbrio. A estabilidade é o que permite construir o argumento e o elogio à forma de governo inglesa. Sem querer aprofundar uma reflexão acerca dos capítulos citados, cabe considerar que, apesar

¹¹³ Carta de Capistrano para Domício Gama (11/11/1916) In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p 262.

¹¹⁴ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Brasília: UnB, 1981. p. 112.

das flagrantes diferenças – pelas quais são costumeiramente aproximados – tanto Nabuco como Capistrano mantêm como ponto de contato o elogio da estabilidade.

Isto leva a outro ponto. A constituição de um diálogo entre essas duas narrativas autobiográficas talvez possa servir para a caracterização de duas percepções sobre o modo de articulação de um *self* particular e a ordem social: a de Capistrano, referida a uma concepção de indivíduos auto-orientados e deliberativos e a de Nabuco sustentada em uma concepção de indivíduos mais suscetíveis à troca simbólica, experimentando, portanto, uma identidade menos “dura” e, por isso, mais compatível com experiências de reciprocidade e com a experiência da adaptabilidade.

A diferença entre esses modelos não consiste tanto na oposição entre uma ordem individualista e outra ordem hierárquica, mas sim na oposição entre duas formas, igualmente modernas, de resolução da articulação entre indivíduo e vida coletiva. Do contexto de suas respectivas elaborações autobiográficas, emerge da elaboração de Nabuco um personagem ideal-típico, o cavalheiro, com o qual condensa seu respectivo padrão de individuação, condicionado, a rigor, a um determinado padrão de relação afetiva com o mundo pautada na compaixão. Uma relação afetiva com o mundo, na qual a experiência do outro assume o sentido de um reencontro com uma parte alienada de si, sendo, por isso, um registro adaptativo, moldado, plasticamente, às vicissitudes.¹¹⁵ Nesse caso, o diálogo com Nabuco é fundamental pois sua adaptabilidade permanente serve de contraponto a maneira como Capistrano constrói sua automodelagem.

Apesar de Nabuco possuir dignidade, faltava-lhe postura aos olhos de Abreu. Falta que aguçava a assimetria entre essência e forma justamente por esta plasticidade que lhe faz expandir a sua relação com o mundo. Esta experiência da adaptabilidade, que Maria Alice Rezende de Carvalho avalia em Joaquim Nabuco, expressa um contraste significativo com a escrita de si de Capistrano de Abreu, que investe, ao contrário, na imagem do intelectual acabado e diferenciado, tanto de um certo grupo de intelectuais quanto de atitudes políticas relembavam costumes do período colonial. O autor dos *Capítulos de História Colonial* tenderia, gradualmente, a manter o distanciamento de um cotidiano político turvo e caracterizado por uma semente de desagregação, reafirmando tanto em seus

¹¹⁵CARVALHO, Maria Alice Rezende. *O Quinto Século. André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan IUPERJ, 1998. p. 179.

conselhos aos seus correspondentes, como em sua elaboração autobiográfica, uma estratégia de “automodelagem” em que sua postura é mobilizada como forma de não somente “obrar”, mas de manter-se fiel a sua busca por “obrar” segundo suas próprias convicções. Assim, esta postura, calcada na idéia de distanciamento do mundo, não vem atrelada a certa apatia diante da ordem objetiva, mas parece ser, para Abreu, quase condição fundamental para a amplificação da sua capacidade de observação política e conservação de sua singularidade.

Singularidade, tempo histórico e tradição são todos aliados da autenticidade. A pressuposição de que existe uma ordenação do passado capaz de dotar o mundo de significado cuja existência é sempre pressuposta pelos pensamentos ou ações do sujeito fundamenta esta aliança. Particularmente, este vínculo com a autenticidade, no caso do polígrafo Capistrano de Abreu, opta pela tradição enquanto elemento capaz de conferir legitimidade ao conjunto de escolhas no presente, tendo como horizonte comum a nação. Foi esta autenticidade que ampliou o contraste com outros intelectuais e tornou, desta maneira, sua “automodelagem” uma forma endereçada para o mundo.

O último talho do artesão (Considerações Finais):

Esta dissertação pautou-se, ao longo de todo o seu percurso, pelo diálogo entre construções teóricas acabadas e o lugar do autor, visando, sempre, constituir um argumento particular. Longe de compreender o autor como unidade de sentido da escrita para diferenciados textos, a delimitação em um período de seu trajeto de vida, que não foi seguido de maneira restrita, visou, apenas, delimitar melhor o objeto a ser enfrentado, possibilitando uma análise mais detida em determinados pontos e aguçar outros possíveis caminhos de leitura. Ao lidar, neste momento do texto, com uma conclusão, ao invés de retomar de maneira minuciosa e sintética os argumentos apresentados, optamos por um detalhamento.

Capistrano de Abreu muitas vezes foi tomado como “depressivo” e isolado, aquele que devido ao conjunto de perdas, tivesse desistido de questionar e problematizar o cotidiano político do início do século; e, ao mesmo tempo, suas missivas enquanto uma resposta privada, unicamente, para um espaço público onde não era possível que seus tratados recebessem circulação e conseguissem a venda esperada. Assim, imerso em uma ordem política disruptiva, e em um sistema intelectual que lhe impossibilitava de expandir suas considerações, Capistrano seria, exclusivamente, o “prisioneiro de uma vida infeliz” e que padecia de uma “doença” que o “atormentou”, assim como a outros intelectuais: “o gigantismo epistolar”. Neste sentido, Abreu passa a ser recuperado a partir da imagem do “atrabiliário” com uma resposta pessimista ao clima de sociabilidade e vida literária no Rio de Janeiro do início do século XX¹.

A proposição desta dissertação, enquanto leitura monográfica, tentou, pelo menos, relativizar esta gama de apontamentos. Ao se tomar como “João Ninguém” e escrever do “Tugúrio”, Abreu pareceu querer aglutinar, neste fechamento, presente a partir de 1925 em suas cartas, a conjunção entre projetos pessoais e textos teóricos. Ao diferenciar-se das pompas das instituições oficiais da época, Capistrano possuía uma intencionalidade transcrita no trânsito de suas missivas: constituir uma rede de pesquisas própria. E esse movimento – arquitetado de maneira lúcida - não era, simplesmente, uma resposta desgostosa ou derrotista, mas se baseava nas suas imagens acerca do presente - a assincronia entre Estado e

¹ Sobre esta interpretação, ver AMED, Fernando *As cartas de Capistrano de Abreu. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca* São Paulo: Ed. Alameda, 2006.

Nação - e na percepção da fragilidade da experiência coletiva que se constituiu nos trópicos. Uma crítica fina, construída através de uma elaboração do passado, presente em seus *Capítulos de História Colonial*, de suas afirmações acerca do presente e de sua própria “automodelagem”. Compreendê-lo como um isolado ou ascético parece ser, justamente, cair na própria armadilha que construiu para aqueles com os quais dialogava; antes disso, este aguçar de sua individualidade se instaura na possibilidade de amplificar suas observações acerca do cotidiano e de seus projetos pessoais. Assim, conforme o conjunto de colocações que se apresentou aqui acerca da Bildung, seu alto volume de missivas não era um impedimento para o trabalho teórico, mas a expansão, por um meio que caracterizava como o mais adequado, de sua individualidade, da “individualidade plural”, conforme o personagem Wilhelm Meister, tão apreciado pelo autor.

Permanecendo lidando com esta apreciação, o entrelaçamento entre vida e obra de Capistrano com sua leitura de Goethe foi tão forte, que cabe uma última consideração. Depois de lidar com o árduo processo de escrita de um livro por encomenda, Capistrano, em carta datada de janeiro de 1907, após ter colocado o ponto final em seus *Capítulos de História Colonial*, assim irá se referir a Guilherme Studart sobre a sensação do término da escrita:

Se me perguntares se estou satisfeito com o que fiz, dir-te-ei francamente: não. Imaginava outra coisa e não pude realizá-la, parte por culpa minha, parte por culpa das circunstâncias. *Acreditei muito na extensão da vida e na brevidade da arte e fui punido.*²

“Extensão da vida e brevidade da arte”. Entremeando vida e obra, Abreu compõe uma frase que é, exatamente, o inverso de uma fundamental consideração de Goethe em seu *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*. Nos últimos capítulos do romance, o autor alemão compõe uma cena que se torna o deságua de todo o livro, o momento de culminância em que o personagem principal está “a salvo e a caminho de sua meta” atingindo o seu “destino venturoso”. Após ter sofrido todo o processo de formação, Wilhelm, profundamente impressionado – chegando até mesmo a ouvir a voz de seu pai – recebe uma *carta de aprendizado*, delimitando o fim, enfim, de seu longo processo:

² Carta de Capistrano para Guilherme Studart 07/01/1907 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. pp. 131.

Longa é a arte, breve é a vida, difícil o juízo, fugaz a ocasião. Agir é fácil, difícil é pensar; incômodo é agir de acordo com o pensamento. Todo começo é claro, os umbrais são o lugar da esperança... O espírito pelo qual agimos é o que há de mais elevado. Só o espírito compreende e representa a ação.³

“Longa é a arte, breve a vida”. As duas passagens, a da carta de Capistrano e a da carta no romance de Goethe, contrastam em grau de ênfase. Como se o seu intento não tivesse chegado ao fim, Capistrano encena um fechamento que não o leva à conclusão. Se o personagem Wilhelm chega ao fim de seu processo, Abreu justamente escreve aguçando o caráter inconcluso de seu empreendimento, como se o seu projeto, justamente por que inconcluso, fosse o alimento de sua ação. Um projeto inacabado, que tinha na incerteza e na dúvida não aquilo que lhe imobilizava, mas – através da insatisfação – a maneira de superar o hiato entre o pensar e o agir, convergindo sua ação e o seu projeto. Desse modo, constrói uma pergunta que o amplifica, unindo presente e passado em uma só questão: “O Brasil está em formação ou em dissolução?”

³ GOETHE, Joham Wolfgham Von. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Ensaio, 2^o ed., 1994. p. 492.

Bibliografia:

ABREU, João Capistrano de *Correspondência de Capistrano de Abreu* (org.): José Honório Rodrigues 2º ed. 3 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1977.

_____ *Ensaio e Estudos 1º série* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____ *Ensaio e Estudos 2º série* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____ *Ensaio e Estudos 3º série* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____ *Ensaio e Estudos 4º série* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____ *Capítulos de História Colonial* 6º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____ *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* Civilização Brasileira, 1977.

_____ *O descobrimento do Brasil* São Paulo: Martins Fontes, 1999

Obras Gerais:

AMED, Fernando *As cartas de Capistrano de Abreu. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca.* São Paulo: Alameda 2006.

ALONSO, Ângela *Idéias em movimento. A geração de 1870 na Crise do Brasil- Império* Ed. Paz e Terra, 2002.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de *Ronda Noturna: Narrativa, Crítica e Verdade em Capistrano de Abreu* Revista Estudos Históricos Vol1 1988.

_____ *Guerra e Paz: Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30* Rio de Janeiro: ed. 34

AHRENZINI, Karina “Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay” In: *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n° 32, 2003.*

BARROS, José D’Assunção “Espaço e Tempo – Territórios do Historiador” In: *Espacialidades: Espaço e Cultura na História* Vassouras: Universidade Severino Sombra 2004.

BERRIEL, Carlos Eduardo *Tietê, Tejo, Sena. A obra de Paulo Prado.* SP, Papirus, 2000

BOTTMAN, Denise *Padrões explicativos na historiografia brasileira* 1985.

_____ *A propósito de Capistrano* São Paulo: Primeira versão Unicamp 1990 pp.1- 20.

BOXER, Charles *A Igreja e a Expansão ibérica (1140 – 1770)* Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

BOURDIEU, Pierre “A ilusão biográfica” In: AMADO, Janaina *Usos e abusos da história oral* 5ªed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2002.

BUARQUE, Virginia A. Castro “Cartas do Claustro” In: *Trajetos. Revista de história da UFC Dossiê: Capistrano de Abreu.*Ceará:Vol.3 n°5 2004.

_____ *Escrita Singular. Capistrano de Abreu e Madre Maria José.* Museu do Ceará. Coleção Outras Histórias. n° 20 1993.

CALINESCU, Matei. *Five Faces of Modernity.* Duke University Press 1987.

CAMPOS, Humberto de “Retrato do Brasil” In *Crítica (Primeira Série)*, W. M. Jackson Inc. Editores, Rio de Janeiro 1951.

CÂMARA, Jose Aurélio Saraiva *Capistrano. Biobibliografia* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora 1969.

CARVALHO, Maria Alice Rezende *O Quinto Século. André Rebouças e a construção do Brasil.* Editora Revan IUPERJ 1998.

CHARTIER, Roger “O Homem de Letras” In: VOVELLLE, Michel (org) *O Homem do Iluminismo* Lisboa: Editorial Presença 1997.

COLLIOT-THÉLENE, Catherine *Le Désenchantement de L'estat* Paris: Gallimard, 1992

ELIAS, Norbert *O Processo civilizador* 2v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FOUCAULT, Michel “A escrita de si” In: *O que é um autor?* 4º edição Passagens/Vega 2000.

_____ *Microfísica do Poder* Rio de Janeiro: Ed. Graal 1979.

GADAMER, Hans-George *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.* Petrópolis; Ed. Vozes 1995.

GERBI, Antonello *Novo Mundo. História de uma polêmica* São Paulo: Companhia das Letras 1996.

GEERTZ, Clifford *Interpretação das Culturas* Rio de Janeiro; Livros Técnicos e científicos, 1989.

GOETHE, Joham Wolfgham von *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* São Paulo: Ensaio, 2º ed. 1994.

GOLDMAN, Harvey *Politics, Death and the Devil: self and power in Max Weber and Thomas Mann.* University of California Press, 1992.

GOMES, Ângela de Castro “Escrita de Si, Escrita da História” In: *Escrita de Si, Escrita da História* FGV, 2005.

_____ “Através do Brasil: o território e o seu povo.” In: PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTI, Verena (Orgs). *A República no Brasil* Nova Fronteira: 2002.

_____ *História e Historiadores* FGV 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo “Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988.

GONTIJO, Rebeca *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador* Niterói: UFF Departamento História Tese de Doutorado 2006.

_____ “A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio Azevedo (1916 -1927)” In: *Trajeto. Revista UFC* v.3 n°5 2004.

_____ “Paulo amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu” In: GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da história* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GREENBLATT, Stephen *Renaissance self-fashioning. From More to Shakespeare*, Chicago & London. 2000

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação”. *Hist. cienc. saude-Manguinhos.*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 06 Maio 2007.

_____ “Reinventando a tradição: Sobre Antiquariado e escrita da História” In: *HUMANAS* Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre v.23, n 1, 2000

_____ “Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional” In: *Estudos Históricos*, nº1 1988

GUMBRECHT, Hans Ulrich “Cascatas da Modernização” In: *Modernização dos Sentidos* São Paulo : Ed. 34, 1998.

_____ 1926. *Vivendo no limite do Tempo*. Ed. Record 1997

HANDLER, Richard *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Wisconsin University Press 1988.

HANSEN, Patrícia *Feições e fisionomias do Brasil. Historia, Cultura e Nação na História do Brasil Curso Superior de João Ribeiro* Rio de Janeiro: Access, 2000.

HARTOG, Fustel *O século XIX e a História. O Caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____ *Regimes d'historicité. Presentisme et expériences du temps*. Paris: éditions du Seuil, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot “Brutalidade Antiga: sobre história e ruína em Euclides” <http://www.iea.usp.br/iea/revista/> acesso em 01/03/2007.

_____ “Antigos Modernistas” In: NOVAES, Adauto *Tempo e História* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____ *Trem Fantasma. Modernidade na Selva* São Paulo: Companhia das Letras 1990.

HOFSTADTER, Richard *Social Darwinism in American Thought* Boston: Beacon Press 1955.

KOSSELECK, Reinhardt “Historia conceptual e historia social” In: *Futuro pasado Para una semântica de los tiempos históricos* Barcelona: 1989.

_____ “Modernidad” In: *Futuro Pasado Para una semântica de los tiempos históricos* Ed. Paidos Barcelona: 1979.

LA BLACHE, Vidal de *Principes de geographie humaine* Paris: A. Colin, 1948.

LEITE, Dante Moreira *O caráter Nacional Brasileiro: historia de uma ideologia* São Paulo: Livr. Pioneira 3º ed., 1976

LEITES, Edmund A *Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna* São Paulo: Brasiliense, 1987.

LESSA, Renato “Os Anos entrópicos” In: *A Invenção Republicana: Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira* Rio de Janeiro: IUPERJ 1988.

LIMA, Oliveira *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* 2ºed. Rio de Janeiro: Topbooks 1997.

LÖWY, Michel. *Revolta e melancolia: romantismo na contramão da modernidade.* Petrópolis: Vozes,1995.

LUKACS, Georg “Os Anos de aprendizado de Wilhelm Meister” (1936) In: GOETHE, Joham Wolfgam von *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* São Paulo: Ensaio, 2º ed. 1994.

MALATIAN, Teresa *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade.* Edusc 2000

MATTOS, Ilmar Rohloff “Do Império à República” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro vol.2, n°4, 1989.

PÁDUA, José Augusto *Um sopro de destruição* Rio de Janeiro: Relume Dumará 2002.

PEREIRA, Daniel Mesquita *Descobrimientos de Capistrano: A história do Brasil “a grandes traços e largas malhas”* Rio de Janeiro, PUC Tese de Doutorado em História 2002.

PRADO, Eduardo *A Ilusão Americana* 5ed. São Paulo: IBRASA, 1980.

RAFFESTIN, Claude *Por uma Geografia do Poder*, São Paulo Ática: 1993.

RATZEL, F. *Antropogeografia* apud MORAES, Antonio Carlos Robert (org) “Introdução” In: *Ratzel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1990.

RENAN, Ernst “O que é uma Nação” In: ROUANET, Maria Helena (org.) *Nacionalidade em questão*. Caderno de Pós-Letras Rio de Janeiro, UERJ 1994.

RICOUER, Paul *La Mémoire, l’Histoire, l’Oubli* Paris : Éditions du Seuil, 2000.

RINGER, Fritz K. *O Declínio dos Mandarins alemães* São Paulo: EdUSP 2000.

ROGRIGUES, José Honório *Explicação 4° ed.*XL In: *Capítulos de Historia Colonial* 6° ed.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1977

RODRIGUES, José Honório *Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira* apud ABREU, Capistrano de *Correspondência* vol. 1 pp. XXXVI – XLVI.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins *José de Alencar: o poeta armado do século XIX* Rio de Janeiro FGV, 2001

_____ “O Achamento do Brasil e de Portugal. Perfil intelectual do historiador luso-brasileiro João Lúcio Azevedo” In: *Acervo. Revista do Arquivo Nacional* v.12 n 1-2 (jan/dez 1999) Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.

ROMERO, Sílvio A *Filosofia no Brasil. Ensaio Crítico* In: *Obra Filosófica* Livraria José Olímpio 1969.

ROUANET, Maria Helena *Eternamente em Berço esplêndido. A fundação de uma literatura nacional*, São Paulo, Siciliano, 1991.

SALLES, Ricardo *Joaquim Nabuco. Um pensador do Império.* Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

SCHAMAN, Simon *Paisagem e memória* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHULTZ, Diane *História da Psicologia Moderna* Ed. Cultrix 4º ed. 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)* Companhia das Letras 1993.

SCHWARTZMAN, S. *Formação da Comunidade científica no Brasil* Rio de Janeiro/ São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

SENETT, Richard *O Declínio do Homem Público* Companhia das Letras, 1988.

SEVCENKO, Nicolau *Literatura como Missão* São Paulo: Companhia das Letras 2005.

SIMMEL, George “Philosophie du paysage” In: *La tragédie de la culture et autres essays.* Paris: Gallimard 1988

_____ “Fragmento sobre o Amor” In: *Filosofia do Amor* São Paulo, Martins Fontes, 1993.

_____ “Subjective Culture” In: *On Individuality and Social Forms* Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

STOCKING Jr, George W. “Polygenist Thought in Post-Darwinian Anthropology” In: *Race, Culture and Evolution* 1968.

_____ *Lamarckianism american social science 1890-1915* In: *Race, Culture and Evolution* 1968.

_____ “Polygenist Thought in Post-Darwinian Anthropology” In: *Race, Culture and Evolution* 1968.

_____ “Os pressupostos básicos da Antropologia de Boas” In: BOAS, Franz *A Formação a Antropologia Americana* Ed: Contraponto 2004.

SUSSEKIND, Flora *Tal Brasil, Qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé 1982

_____ *O Brasil não é longe daqui* São Paulo: Companhia as Letras; 1991.

_____ *Cinematógrafo de Letras* São Paulo: Companhia das Letras 1987.

TRILLING, Lionel *Sincerity and Authenticity*, Cambridge, Harvard University Press, 1971.

VENTURA, Roberto *Estilo Tropical* Companhia das Letras 1991.

VIANNA, Hélio *Ensaio biobibliográfico* In: ABREU, João Capistrano *O Descobrimento do Brasil* 1999.

WHITE, Hayden *Meta-História. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Iedusp 1994.

WUNDT, Wilhelm *Outline of Psychology* Leipzig: Engelmann, 1896 apud *Stanford Encyclopedia of Philosophy* site <http://plato.stanford.edu/> pesquisa realizada em 20/04/2007.

_____ *Evolución de las filosofías de los pueblos* Madrid: Espasa-Calpe, 1929.

_____ *Elementos de Psicología de los Pueblos*. Madrid: Espasa-Calpe 1926.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)